



Instituto Politécnico  
de Castelo Branco  
Escola Superior  
de Educação

# Motivações na origem do Abandono Escolar - Estudo de Caso com Jovens Sinalizados na CPCJ de Castelo Branco

Mestrado em Intervenção Social Escolar

Ana Raquel Mateus Lourenço

**Orientador**

Prof. Dr.<sup>a</sup> Maria João Guardado Moreira

**Co-orientador**

Dr.<sup>a</sup> Clotilde Alves Agostinho

Novembro de 2013





# **Motivações na origem do Abandono Escolar - Estudo de Caso com Jovens Sinalizados na CPCJ de Castelo Branco**

Ana Raquel Mateus Lourenço

## **Orientador**

Prof. Dr.<sup>a</sup> Maria João Guardado Moreira

## **Co-orientador**

Dr.<sup>a</sup> Clotilde Alves Agostinho

Trabalho de Projeto apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Intervenção Social Escolar, realizado sob a orientação científica das Professoras Doutora Maria João Guardado Moreira e Dr.<sup>a</sup> Clotilde Alves Agostinho, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

**Novembro de 2013**



## Agradecimentos

Antes de qualquer outra ressalva o mais profundo dos agradecimentos aos meus pais. À minha mãe, sempre presente, fonte inigualável de inspiração e valores por todo o apoio, dedicação e colo sem o qual não seria, certamente, a pessoa que sou hoje. Ao meu pai, por ser a mais bela e saudosa de todas as minhas memórias, o mais digno exemplo de humanidade e profissionalismo que alguma vez terei. Ser humano excepcional, pai em todos os sentidos do amar e educar, pessoa a quem devo o que fui e sou e, sobretudo, o cumprimento de tudo o que poderei vir a ser.

Um agradecimento caloroso a todos os elementos da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Castelo Branco, em especial às Doutoras Paula Antunes e Isabel Ribeiro, por toda a orientação e profissionalismo, por serem tão grandes fontes de inspiração no cumprimento do que de melhor se pode fazer na proteção de crianças e jovens.

Um muito especial agradecimento à orientadora Professora Doutora Maria João Guardado Moreira, pela orientação ao longo deste percurso e por, desde cedo no meu percurso académico, ser exemplo de sabedoria e profissionalismo.

À Doutora Clotilde Alves Agostinho, o maior dos obrigados, pela orientação e dedicação. Pela inspiração e horas de trabalho dedicadas ao presente projeto. Pelo exemplo de profissionalismo e sentido ético. Por me ensinar, todos os dias, que o conhecimento está no fazer com humildade, no fazer com paixão e criatividade, no fazer diferente.

Por ultimo, a todos os jovens e familiares que voluntaria e anonimamente participaram na investigação, um sincero agradecimento e votos de um futuro radioso.



## Resumo

Em Portugal o ensino obrigatório e gratuito é, simultaneamente, direito e dever das crianças e jovens em idade escolar. Num país em que a escola vive entre a dicotomia da promessa de mobilidade social e democratização, e massificação e um crescente número de funções/solicitações à instituição escolar, o absentismo/abandono escolar apresenta valores alarmantes que importa perceber.

Considerado situação de perigo o absentismo/abandono escolar deve ser sinalizado e alvo de intervenção das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens.

No presente trabalho de projeto pretende-se perceber as motivações que estão na origem do absentismo/abandono escolar dos jovens, pela análise do estado da arte sobre a problemática e pela investigação em contexto de CPCJ junto dos jovens (alunos) e das suas famílias. Para tal foi utilizada uma amostra de nove jovens e dos respetivos cuidadores (um cuidador por jovem) acompanhados na CPCJ de Castelo Branco.

Foi possível concluir que as razões na génese do absentismo/abandono escolar se prendem não apenas com características dos jovens mas, sobretudo, com as suas características familiares/contextuais e com a capacidade ou incapacidade da instituição escolar em responder a um público cada vez mais diversificado, em necessidades e aspirações.

Partindo desta falta de afinidade e atribuição de sentido à escola e ao trabalho escolar, e tendo em conta a necessidade de trabalhar esta problemática em contexto de CPCJ, serão apresentadas algumas linhas orientadoras da intervenção.

## Palavras chave

Abandono Escolar, Comissões de Proteção de Crianças e Jovens, Crianças e Jovens, Cuidadores, Intervenção Social





## **Abstract**

In Portugal the compulsory and free education is both a right and duty of children and young people of school age. In a country where school lives the dichotomy between both the promise of social mobility and democratization, and the massification and a growing number of functions /requests to a school, dropout presents alarming values that matter realize.

Considered dangerous situation school dropout should be flagged and targeted intervention of Commissions for the Protection of Children and Youth.

This project aims to understand the motivations underlying school dropout, by analyzing the state of the art on the subject and the research in the context of CPCJ among young people (students) and their families. For this we used a sample of nine young people and their carers (a caregiver for young person), followed by the CPCJ of Castelo Branco.

It was concluded that the reasons on the genesis of dropout relate not only with the characteristics of young people, but especially with their family and contextual characteristics, and the ability or inability of school to respond to an constantly growing more diverse public in both needs and aspirations.

From this lack of affinity and attribute of meaning to school and school work, and taking into account the need to work this problem in the context of CPCJ, we will present some guidelines of intervention.

## **Keywords**

School Dropout, Commissions for the Protection of Children and Youth, Children and Young People, Caregivers, Social Intervention



# Índice geral

Parte 1 – Fundamentação Teórica.....	3
Capítulo I – O Abandono Escolar.....	3
1. Introdução .....	3
2. Conceito de Abandono Escolar .....	3
3. Causas do Abandono Escolar.....	4
4. Consequências do Abandono Escolar.....	6
5. Modelos/Abordagens Teóricas do Abandono Escolar .....	7
Capítulo II – A Escola, o adolescente e a família em relação.....	9
1. Introdução .....	9
2. A Adolescência e a Escola .....	9
3. Sobre a Relação Escola-Família .....	12
Capítulo III – Os Sistemas em Rede.....	14
1. Introdução .....	14
2. O Abandono Escolar e as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ).....	15
3. As Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ).....	16
4. A Intervenção em Rede e O Trabalho em Parceria .....	19
Parte 2 – Investigação .....	25
Capítulo IV – Enquadramento Metodológico .....	25
1. Introdução .....	25
2. Definição do Problema de Investigação .....	25
3. Objetivos e Questões de Investigação .....	25
4. Metodologia.....	26
4.1. Instrumentos e técnicas de recolha de dados.....	26
4.2. Procedimentos .....	28
5. Caracterização da amostra em estudo.....	29
Capítulo V – Apresentação, análise e discussão dos resultados.....	30
1. Apresentação, análise e discussão dos dados .....	30
1.1. Entrevistas com jovens sinalizados .....	30
1.2. Entrevistas com cuidadores.....	37
2. Síntese.....	44

Parte 3 – Proposta de Intervenção.....	47
Capítulo VI – Proposta de Intervenção em Casos de AE/AEG no contexto de CPCJ47	
1. Introdução .....	47
2. Linhas orientadoras da intervenção .....	47
Capítulo VII – Reflexões Finais .....	54
1. Reflexões finais e Recomendações.....	54
Bibliografia.....	57
Apêndices.....	59
Apêndice 1 - Guião de entrevista semidiretiva – jovens.....	61
Apêndice 2 - Guião de entrevista semidiretiva – cuidadores.....	65
Apêndice 3 - Tabela para análise de conteúdo – jovens .....	71
Apêndice 4 - Tabela para análise de conteúdo – cuidadores .....	87
Apêndice 5 – Transcrição das Entrevistas .....	105
Apêndice 6 – Consentimento Informado .....	155
Apêndice 7 – Tabela para Caracterização da Amostra .....	157

## Lista de tabelas

<b>Tabela 1</b> – Constituição da amostra utilizada.....	30
<b>Tabela 2</b> – Tabela para análise de frequência das entrevistas com jovens.....	30
<b>Tabela 3</b> – Tabela para análise de frequência das entrevistas com cuidadores .....	37



## **Lista de siglas**

AE – Abandono Escolar

AEG – Absentismo Escolar Grave

AE/AEG – Abandono Escolar/Absentismo Escolar Grave

APP – Acordo de Promoção e Proteção

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

CPCJ-CB– Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Castelo Branco

CNPCJR– Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco

GAAF – Gabinetes de Apoio ao Aluno e à Família

*O problema do abandono é universal. Muito vincado no nosso país como todos sabemos. Grave porque o nosso país tem desfrutado de condições invejáveis para minorar a sua expressão e os seus efeitos (fundos comunitários para educação, formação e fins sociais, por exemplo), o que revela ineficiência. Mais grave ainda porque é um problema que, mesmo ressalvando que não há determinismos em educação, pode comprometer o desenvolvimento das pessoas, das comunidades e do país.*

José Manuel Canavarro (2007, p. 69)



## Introdução

Ainda que muito já se tenha feito no sentido de combater o Abandono Escolar (AE), este fenómeno continua a marcar gravemente o sistema de ensino português. Na sua origem parece estar a dificuldade de alguns alunos em atribuir um sentido/finalidade à escola e ao trabalho escolar. Esta dificuldade é, segundo a grande maioria dos autores, motivada pelas características individuais dos alunos, das suas famílias e da escola.

Entendendo-se assim, o AE como um fator de exclusão social implica desenvolver intervenções adequadas para o prevenir e para atuar sobre as situações de abandono já identificadas. *O que está aqui em causa é o fracasso da não conclusão de escolaridade obrigatória, é o insucesso da sociedade em que está inserido o aluno que opta por abandonar, por desistir de concluir um percurso académico - a escolaridade obrigatória ou a obtenção de mais habilitações - que lhe permita integrar-se plenamente na sociedade em que vive.* (Oliveira, 2009, pp. 66-67)

Presentemente as sinalizações por AE/AEG representam um grande número de processos acompanhados nas CPCJ. Tratam-se efetivamente de situações que colocam em perigo a educação, formação e pleno desenvolvimento das crianças e jovens, em última análise, por condicionarem as hipóteses futuras e possibilidades de sucessos destes jovens quando adultos (pessoal, profissional e socialmente).

Neste sentido, importa conhecer melhor as motivações dos alunos para deixar a escola e, também, os seus contextos familiares e socioculturais. Identificadas as verdadeiras causas na origem da desmotivação dos alunos e as suas consequências a médio e longo prazo será possível planear intervenções mais adaptativas e mais eficazes. Tendo em conta os moldes em que se pauta a intervenção das CPCJ, muito centrada no contexto familiar, torna-se ainda mais evidente a necessidade de explorar não só as características das crianças e jovens em AE/AEG mas das suas famílias.

Importa igualmente perceber como estas crianças e jovens e as suas famílias se relacionam com a instituição escolar, tendo em conta que inúmeros autores atribuem os insucessos e o desapego dos alunos à escola a diferenças significativas entre a cultura da escola e a cultura das famílias.

Assim, a presente investigação centra-se no discurso (através da realização de entrevistas semiestruturadas) dos jovens sinalizados na CPCJ-CB por absentismo grave ou abandono escolar e, também, na entrevista a um dos seus cuidadores (pai, mãe ou outro representante legal).

O presente Trabalho Projeto encontra-se dividido em 3 partes: revisão de literatura, investigação e proposta de intervenção.

Na primeira parte, dedicada à revisão de literatura sobre a problemática, estão incluídos: o capítulo I sobre o conceito de abandono escolar, as suas causas, as suas consequências e uma breve abordagem aos modelos teóricos explicativos deste

fenómeno; o capítulo II que aborda a relação entre a escola e a família e a etapa específica do desenvolvimento humano, a adolescência; o capítulo III que versa a relação em rede dos sistemas considerados no presente estudo – Família, Escola, CPCJ. É, neste capítulo, feita a análise necessária a um melhor entendimento dos conceitos de intervenção em rede e trabalho em parceria utilizados na proposta de intervenção que constitui a terceira parte do presente documento.

A segunda parte do presente documento corresponde à investigação realizada no contexto da CPCJ-CB, incluindo: o capítulo IV em que é apresentado o enquadramento metodológico do estudo, sendo identificadas e justificadas as opções metodológicas que foram tomadas, e; o capítulo V em que são apresentados, analisados e discutidos os resultados da investigação efetuada.

A terceira e última parte do presente documento constitui a proposta de intervenção sobre a problemática do absentismo/abandono escolar em contexto de CPCJ, privilegiando a relação entre a escola, a família e a CPCJ e tendo por base orientadora o modelo de intervenção em rede e o trabalho em parceria.

## Parte 1 - Fundamentação Teórica

### Capítulo I - O Abandono Escolar

#### 1. Introdução

Tendo em vista um melhor entendimento da problemática a investigar no presente estudo, importa explorar o que já foi estudado e estabelecido por outros autores. Clarificar conceitos permite, também, estabelecer um quadro teórico de referência para a interpretação dos resultados da investigação.

Assim, o presente capítulo apresenta um breve esclarecimento do conceito de AE, a consideração das suas causas e consequências e alguns modelos teóricos propostos, por diversos autores, para a interpretação deste fenómeno.

#### 2. Conceito de Abandono Escolar

A definição de AE assume diversos conteúdos refletindo as diferentes preocupações e interesses dos inúmeros autores que se têm dedicado ao estudo deste fenómeno.

Ana Benavente et al (1994) citada por (Melo, 2008, p. 11) considera que falamos em AE quando nos referimos ao *abandono das atividades escolares sem que o aluno tenha completado o percurso escolar obrigatório (até 9º ano) e/ou atingido a idade legal (até 15 anos) para o fazer*. No entanto, atualmente a escolaridade obrigatória encontra-se estabelecida até ao 12.º ano, sendo consideradas em idade escolar todas as crianças/jovens com idade compreendida entre os 6 e os 18, tal como estabelecido no n.º 1 do artigo 2.º da Lei n.º 85/2009 de 27 de Agosto. Tendo em conta os novos limites temporais a definição de 1994 continua adequada quanto ao sentido que atribui ao AE.

Numa visão semelhante, Rosa (2004, p. 201) citada por Oliveira (2009, p.66), defende *que o abandono escolar é um conceito aplicável aos jovens que, por imperativo legal, deveriam estar na escola mas não estão*.

Uma das principais diferenças entre as inúmeras definições de AE prende-se com a distinção entre abandono e desistência. Citado por Oliveira (2009, p.66), Ferrão (1995) considera que *o AE (acontece) no final do ano letivo e a desistência a qualquer altura do ano. A desistência é o fenómeno que está relacionado com as situações de transferência de escola. O AE significa rutura com o sistema educativo*.

Também Benavente et al (1994) citada por Oliveira (2009, p.66) contempla esta distinção afirmando que *abandono ou desistência significa que um aluno deixa a escola*

*sem concluir o grau de ensino frequentado por outras razões que não sejam a transferência de escola ou ... a morte. Saber se se trata de abandono (no final do ano lectivo) ou desistência (durante o ano) pode ser relevante para a compreensão dos motivos e das situações, mas não altera o fundamental.*

Assim, a desistência pode assim ser considerada, na medida em que os alunos desistem de usufruir do seu direito à escola e à formação.

Apesar das diferenças entre as definições dos diversos autores importa referir que para a grande maioria destes, o AE implica, uma rutura com a escola. Esta pode ser vista como uma consequência última de um processo de afastamento da escola alimentado pelas dificuldades de entendimento e articulação entre uma cultura escolar específica e a realidade dos contextos familiares e socioculturais dos alunos.

Benavente et al., (1999) defende que o AE ocorre *repetidamente, no quadro de assimetrias e desigualdades sociais e de uma instituição escolar cujos conteúdos e práticas não se adequam à diversidade de quem hoje as frequenta.* (Melo, 2008, p. 16) Tal facto, reforça o argumento de uma escola reprodutora das desigualdades sociais, incapaz de se oferecer de forma homogénea a todos os que a ela têm direito. Uma escola incapaz de promover igualmente as oportunidades e a mobilidade social proporcionando situações de exclusão escolar (e de exclusão social) e que acabam, quando não devidamente intervencionadas, em situações de AE.

*Students drop out of school, schools discharge students.* (Riehl, 1999 citado por Rumberger, 2001, pp. 16-17)

### **3. Causas do Abandono Escolar**

Para um melhor entendimento do AE importa refletir sobre as causas que estão na sua origem.

*Yet identifying the causes of dropping out is extremely difficult to do because, like other forms of educational achievement (e.g., test scores), it is influenced by an array of proximal and distal factors related to both the individual student and to the family, school, and community settings in which the student lives.* (Rumberger, 2001, p. 9)

Oliveira (2009, p. 67) apresenta aqueles que no início dos anos noventa foram apontados por Clímaco (1991) como os três fatores na base do AE. São eles: *as expectativas demasiado elevadas em relação à educação; as dificuldades de inserção no contexto escolar, que têm a ver com o fato da escolaridade ter sido alargada a novos estratos sociais. A escola terá de dar resposta a uma diversidade até então inexistente*

*ou invisível; a probabilidade de inserção no mercado de trabalho, fácil e recompensadora, “animadas por uma cultura de lucro imediato e de consumismo, próprias de uma sociedade que um certo desenvolvimento económico torna mais afluyente”.*

Este fator é, ainda hoje, adequado a uma explicação breve das causas para o AE. Existem, no entanto, outras causas organizadas por outros autores sobre as quais considerar.

A maioria dos autores parece concordar que são sobretudo os alunos com dificuldades de integração na escola e com contextos familiares e socioculturais específicos a decidir abandonar a escola. Citada por (Dias, 2010, p. 29) Benavente (1994) identifica este facto como uma das causas mais frequentes para o AE, *os alunos que abandonam têm problemas com a escola e foram já por ela abandonados, em muitos casos. Só ocasionalmente se encontra um bom aluno, entusiasmado, com projetos escolares, que renuncia à escola.*

Dias (2010, pp. 29-30) apresenta uma lista de causas para o AE tal como definidas por L. W. Barber, M. C. McClellan (1987). São causas:

- *De Integração e relacionais:* falta de interesse pela escola; aborrecimento quanto à escola e às atividades escolares; idade; problemas com os professores; problemas com os colegas; inadaptação à escola, levando a falta de integração à falta de interesse; interesse por outras atividades; e maus resultados escolares que aumentam o desinteresse pela escola.
- *Familiares:* responsabilidades (nas tarefas domésticas, maternidade na adolescência, etc.) e problemas familiares; nível de instrução considerado suficiente para a atividade profissional, levando ao início da atividade laboral e a um aumento da falta de interesse pela escola; problemas financeiros; e necessidade de começar a trabalhar, que tal como na causa anterior pode estar relacionado com a necessidade do aluno de ganhar dinheiro para ajudar a economia familiar ou para o seu próprio sustento.
- *De Acessibilidade:* problemas de transporte, dificuldade do aluno em chegar à escola normalmente por morar longe da escola e por existirem poucos meios de transporte disponíveis e com pouca flexibilidade de horários. Isto promove o desinteresse do aluno pela escola e, em última instância, o AE.

Rumberger (2001) considera serem os fatores familiares os mais importantes no processo de AE, uma vez que, o contexto familiar *is widely recognized as the single most important contributor to success in school*. É por isso importante considerar como causa não apenas as características das famílias, mas também, a capacidade de aproximação e diálogo entre a instituição escolar e as famílias dos alunos em risco de AE.

Vicêncio et al (2004, p.15) apresenta outro conjunto organizado de fatores na origem do AE, assim como estabelecido por Mata (2000). São fatores:

- *Individuais*, como: a inadaptação à escola; o fraco investimento na vida escolar; o absentismo elevado; os problemas disciplinares; o baixo nível de capacidades; o insucesso escolar; a baixa autoestima; o mau relacionamento com colegas; o isolamento; o relacionamento próximo com jovens que abandonaram a escola; os problemas de saúde e as incapacidades; o casamento e/ou a gravidez; e a toxicodependência.
- *Familiares*, como: o baixo nível socioeconómico; as fracas expectativas relativamente à vida escolar dos filhos; o interesse por uma rápida inserção dos jovens na vida ativa; a vida familiar disfuncional; as relações parentais negligentes ou abusivas; as estratégias familiares desfavoráveis; a pertença a uma minoria étnica; e a mobilidade elevada.
- *Escolares*, como: um clima escolar negativo; o conflito entre as culturas da escola e da comunidade; o currículo irrelevante; o horário fatigante; a despersonalização da relação professor/aluno; as estratégias de ensino passivas; o desprezo pelos diferentes estilos de aprendizagem dos alunos; as fracas expectativas dos professores; um sistema disciplinar ineficaz; a utilização frequente de retenções e suspensões; um corpo docente instável, inexperiente e pouco qualificado; a utilização deficiente das novas tecnologias; a inexistência de serviços de aconselhamento; e a má qualidade de vida (pouca limpeza, falta de instalações desportivas).
- *Sociais*, como: uma grande incidência de atividades criminais; a disponibilidade de emprego juvenil; a fraca ligação entre a comunidade e a escola; a falta de serviços sociais de apoio; e um sistema de transportes casa-escola ineficaz.

#### 4. Consequências do Abandono Escolar

Sobre o AE importa ter em mente que não se trata apenas de um problema da escola e de indivíduos em particular, mas também, de um problema social com consequências para o desenvolvimento do país. *Estudos e reflexões bastante recentes sobre as desigualdades sociais e o papel da educação na sua produção ou superação destacam as consequências económicas, culturais, cívicas e pessoais dos fracos níveis de escolaridade e de saber de muitos cidadãos* (Benavente et al., 1994 citada por Vicêncio et al, 2004, p. 17).

A grande maioria dos autores considera que o AE tem sobretudo consequências ao nível do futuro e do campo de possibilidades dos indivíduos que, por falta de escolarização, se encontra francamente diminuído. Estas contrariedades no futuro

prendem-se com uma maior dificuldade de acesso ao mundo do trabalho, acesso a empregos pouco qualificados e precários, geralmente mal remunerados, tornando-se estes indivíduos *alvo de uma maior vulnerabilidade associada às baixas expectativas quanto às suas possibilidades e condições futuras e que acarreta um aumento da desigualdade e dependências sociais*. (Divisão de Ação Social da Câmara Municipal de Faro, 2006, p.24)

O trabalho de Análise da Relação entre o Perfil Psicossocial do Aluno e o Abandono Escolar desenvolvido pela Divisão de Ação Social da Câmara Municipal de Faro em 2006 (p.24) cita ainda autores que relacionam o AE com o aumento de risco psicológico, naquela que pode ser considerada uma relação de causa-efeito. Aumenta, assim, o risco de *alcoolismo, consumo de substâncias ilícitas (Crum, Ensminger, Ro, & McCord, 1998; Silbereisen, Robins, & Rutter, 1995) e prática de crimes (Farrington, Gallagher, Morley, St.Ledger, & West, 1986)*.

Deve, ainda, ter-se em conta que alguns dos alunos que deixam a escola o fazem para assegurar a sua sobrevivência e também a da sua família, normalmente também pouco qualificada. Por outro lado, o fracasso na experiência de escolarização constitui uma memória de frustração que pode vir a influenciar as gerações que se seguirem, na medida em que a má experiência dos pais pode significar um menor envolvimento na escolarização dos filhos.

Numa comunicação da Comissão Europeia ao Parlamento Europeu sobre o combate ao AE (Comissão Europeia, 2011, pp. 3-4) é dado relevo às consequências deste fenómeno. Estas consequências são concebidas *a nível individual* indo ao encontro do já referido (menor participação social, maior risco de desemprego, desvantagem educativa dos descendentes, etc.), mas também, como consequências *a nível económico e da sociedade em geral* sendo referidos *efeitos a longo prazo no desenvolvimento da sociedade e no crescimento económico*, devido a uma menor participação dos cidadãos nos *processos democráticos* e a um comprometimento da inovação e do crescimento que dependem de uma *força de trabalho qualificada*.

*Hoje, numa sociedade de cariz assumidamente tecnológico, o abandono é interpretado como sinal de inadaptação social e de incapacidade para investir no futuro*. (Lopes et al, 2008, p.135)

O AE significa, assim, um sem número de consequências que vão desde os aspetos individuais até ao mais global desenvolvimento do país e que significam, necessariamente, um vasto conjunto de desafios para a escola e para a intervenção social escolar de hoje e do futuro.

## 5. Modelos/Abordagens Teóricas do Abandono Escolar

Para um entendimento mais completo da problemática do AE é fundamental rever algumas abordagens teóricas desenvolvidas por vários autores.

Castro (2010) apresenta alguns modelos que procuram explicar o AE. Dois modelos de Finn: o modelo da auto-estima-frustração e o modelo da participação-identificação.

O modelo da auto-estima-frustração que se baseia no pressuposto de que *o insucesso escolar pode conduzir a uma redução da autoimagem, que por sua vez leva a problemas de comportamento e a uma oposição por parte dos jovens em relação à escola, que também podem ser causados pela influência negativa dos pares, o que provoca um insucesso escolar e uma reativação do ciclo que culminará no abandono escolar.* (Ferreira, 2006 citado por Castro, 2010, p. 13)

O modelo da participação-identificação também de Finn define que *a qualidade de ensino e as capacidades dos indivíduos influenciam o sucesso escolar obtido.* (Ferreira, 2006 citado por Castro, 2010, p. 13) Tal sucesso leva a uma maior identificação dos alunos com a escola, conduzindo a um maior envolvimento nas atividades escolares. Quando este envolvimento na escola não acontece e não existe apoio em casa, a probabilidade de maus resultados escolares aumenta, tornando a identificação e participação na escola ainda mais difíceis.

Outro modelo apresentado por Castro (2010) é o proposto por Peck e Kaplan em 1997. Este modelo defende que os indivíduos se comportam de forma a minimizar as experiências negativas e maximizar as experiências positivas. Desta forma *o aluno que experimente uma perda de autoestima após a obtenção de más notas irá reagir de forma a atenuar os seus laços com a escola, uma vez que esta lhe trouxe estes sentimentos negativos.* (Sousa, 2003 citado por Castro, 2010, p.13)

Rumberger (2001) apresenta duas teorias também explicativas do AE: a perspetiva individual (*individual perspective*) e a perspetiva institucional (*institutional perspective*).

A perspetiva individual *focuses on the attributes of students such as their values, attitudes, and behaviours – and how these attributes contribute to their decisions to quit school.* (Rumberger, 2001, p. 6) Esta perspetiva enfatiza o *student engagement*, o comprometimento dos alunos quer com a escola e o trabalho escolar (*academic engagement*) quer com os pares e profissionais da escola (*social engagement*).

Para além desta capacidade de comprometimento/envolvimento com e na escola como fator a considerar para o AE, a perspetiva individual sugere ainda o sucesso académico e a estabilidade educacional. Estes são influenciados pelo passado dos alunos e as suas aspirações, sendo ao mesmo tempo causas e consequências do AE (entre outras).

A perspetiva institucional concebe não apenas aspetos individuais dos alunos mas também o facto de os comportamentos e atitudes dos alunos serem, efectivamente *shaped by the institutional settings where people live.* (Rumberger, 2001, p. 10) São considerados como modeladores do comportamento dos alunos, elementos do seu contexto de vida como a família, a escola e a comunidade em que vivem.



Esta perspetiva identifica como causas do AE: o contexto familiar (passado da família); as características estruturais da família e o seu status socioeconómico; o tipo de família; a educação/formação dos pais; os estilos parentais; os recursos e características estruturais da escola; a composição da população estudantil; os processos e práticas de ensino; a habitação em bairros/zonas desfavorecidas e multi-problemáticas; a influência negativa dos pares, entre outras.

Deve, ainda, ser destacada a existência atual de três abordagens que influenciam a forma como é construído o conceito de AE. Tal como reconhecidas por Castro (2010, p. 5), são elas: a abordagem psicossocial, que *considera o abandono escolar como sendo um problema do domínio da conduta do indivíduo*; a abordagem do abandono não concretizado, que se refere a situações de abandono potencial de *jovens que já começaram a perder o interesse pela escola e que só estão à espera de uma oportunidade para deixarem de a frequentar*; e, finalmente, a abordagem sistémica, que concebe o AE como *um conjunto de saídas antecipadas do sistema escolar*. Na abordagem sistémica são incluídos dois *fluxos*: o fluxo dos alunos que tendo completado com êxito o ano escolar, não continuam os estudos; e o fluxo dos alunos que *não tendo completado com êxito o ano escolar*, não continuam os estudos e não concluem o nível em que se encontram matriculados.

## **Capítulo II - A Escola, o adolescente e a família em relação**

### **1. Introdução**

Pela leitura do capítulo anterior é possível concluir que o AE é um fenómeno com origem e efeito não apenas no aluno/jovem mas também, na grande maioria dos elementos do seu contexto natural de vida (sobretudo a família). Acontece, sobretudo, no período da pré-adolescência e adolescência, etapa normativa do desenvolvimento e da construção da identidade dos jovens.

O presente capítulo explora, assim, a adolescência como uma fase crítica do desenvolvimento dos jovens, oportunidade de crise (oposição, conflito) mas também de crescimento. Aborda, ainda, a relação fundamental entre a família e a escola que assume um carácter central no incentivo ao AE e, por isso, enormes potencialidades na prevenção e combate desta problemática.

### **2. A Adolescência e a Escola**

A amostra do presente estudo é composta por sujeitos entre os 14 e os 17 anos de idade. Tal é representativo da realidade atual da CPCJ-CB, onde a grande maioria das

sinalizações/processos por AE/AEG dizem respeito a pré-adolescentes e adolescentes.

Posto isto, torna-se imperativo esclarecer do que se trata quando falamos de adolescência e que tipo de transformações implica este período normativo do desenvolvimento humano.

*O termo adolescência vem do latim (adolescere) e significa crescer, desenvolver-se, é a fase do desenvolvimento entre a infância e o estado adulto. Existem mudanças biológicas: um crescimento físico repentino, uma alteração das proporções corporais e o atingir da maturidade sexual. A maturidade biológica determina, por fim, mudanças sociais e económicas: da dependência da família para uma independência sempre crescente. E é, claro, há mudanças psicológicas que acompanham o processo de crescimento. Estas abrangem a maturação progressiva das atitudes e comportamentos sexuais que permitem, por fim, ao adolescente construir a sua própria família e adquirir várias competências que lhe proporcionarão tornar-se um membro ativo da sociedade adulta (...)* (Gleitman, 1997, p. 712)

Efetivamente, a adolescência é uma etapa do desenvolvimento caracterizada por profundas mudanças orgânicas, cognitivas, sociais e afetivas com reflexo no comportamento e atitudes dos adolescentes. Ainda assim, trata-se de uma etapa difícil de conceptualizar. O início da adolescência é relativamente fácil de determinar se tivermos em conta, sobretudo, as alterações físicas características da puberdade. É, no entanto, mais difícil determinar o seu término, principalmente quando consideramos o alcançar de uma efetiva maturidade psicológica e autonomia que atualmente é cada vez mais lenta e tardia.

Mesquita (2010, p.25) apresenta uma caracterização da adolescência em três etapas tal como sugerido por Outeiral (2003). São elas: *as faixas etárias dos dez aos catorze anos (adolescência inicial), um período caracterizado essencialmente por transformações biológicas e psíquicas; dos catorze aos dezasseis anos (adolescência média), uma fase que tem como ponto central questões ligadas à sexualidade; finalmente, dos dezassete aos vinte anos (adolescência final), um período em que predominam o desenvolvimento de um novo vínculo com os pais, as preocupações com as questões profissionais e uma maior compreensão do mundo adulto.*

Sobre as mudanças que caracterizam a adolescência Pedro Strecht (2011) refere três etapas fundamentais no processo de adolescente tal como definidas por Moses Laufer. Tratam-se de três mudanças na relação: do adolescente com o corpo sexuado; do adolescente com os pais, tendo em conta um desejo de autonomia e menor dependência emocional; e do adolescente com o seu grupo de pares, crescentemente mais influente sobre o adolescente.

Associada a estas mudanças/transições e crescente autonomização dos adolescentes surge, normalmente, a ideia de conflito e do confronto com figuras de autoridade numa oposição clara ao estabelecido por outros como norma. Tal facto, conduz frequentemente ao associar do período da adolescência como uma fase essencialmente problemática.

Por norma este confronto é marcado por um desafio à autoridade parental, numa tentativa de afirmação pessoal e construção de identidade. Assim sendo, podemos concluir que a adolescência de um indivíduo é sempre um processo que não é vivido isoladamente, mas contemplando os envolvidos nos sistemas de proximidade do indivíduo como o são a família, o contexto socioeconómico e social, os pares (amigos e colegas) e a escola.

A escola assume atualmente um lugar muito privilegiado na vida das crianças e jovens e, também, na passagem pela adolescência. *É o espaço físico, social, humano e, porque não dizer, também ideológico – visto ser a escola o lugar das ideias por excelência, o lugar da sua transmissão, do seu debate, da sua assimilação ou rejeição – em que a adolescência acontece, durante muitas horas quase todos os dias, em inúmeros casos até aos 17 ou 18 anos de idade.* (Guimarães, Sobral e Menezes, 2007 citados por Mesquita, 2010, p. 27) Neste sentido é, também, na escola que se verifica alguma da obstinação característica da adolescência.

Na escola refletem-se as vivências próprias da adolescência, com a alteração no estilo de vida dos adolescentes e a crescente importância e influência do grupo de pares. *A adolescência é claramente marcada pela mudança na relação com o grupo de pares. Desde o seu início que a importância dos amigos é extremamente relevante para o crescimento individual existindo uma natural transferência do peso predominante ou quase exclusivo da família para todo o mundo envolvente. Claro que durante esta etapa do crescimento, os amigos conhecem-se e mantêm-se muito à custa do espaço de convívio escolar, local onde os rapazes e raparigas gastam muitas horas por dia, ao longo de anos da sua vida.* (Strecht, 2011, p.52)

Este sentimento de pertença é normal nesta etapa do desenvolvimento, sendo preocupante quando assim não acontece. Os adolescentes devem identificar-se com outros da mesma idade e com estes conviver e partilhar experiências, sendo o oposto, significado de um alarmante isolamento social que pode levar o adolescente a comportamentos perigosos no sentido de apelar à integração com outros. Esta necessidade de reforço junto do grupo de pares pode estar relacionada com a fragilidade psíquica que caracteriza, sobretudo, o início da adolescência.

Também relacionada com esta fragilidade psíquica está a necessidade excessiva de estimulação/ação de alguns adolescentes acompanhada de angústia em relação ao isolamento. Tal prende-se com a ansiedade dos adolescentes em viverem orientados para o agora, em serem hiper-estimulados, perdendo por vezes a capacidade de refletir sobre o futuro e planear a médio e longo prazo.

Esta fragilidade psíquica e ansiedade de alguns adolescentes reflete-se, também, na sua experiência escolar. Parte da qualidade da frequência escolar e do desempenho depende da capacidade de trabalho e resistência à frustração dos alunos adolescentes. Citando Pedro Strecht (2011, p. 67) *tudo implica trabalho, pesquisa, pensamento, ação, em suma, estudo no sentido da organização, da coerência, da persistência movida pelo desejo de alcançar o que se pretende. São movimentos que implicam necessariamente capacidade de lidar com a frustração, com a impossibilidade, movimentos que implicam também a plasticidade necessária na elaboração do desejo e no seu investimento real ou simbólico.*

Ainda que a adolescência não signifique sempre uma crise no desenvolvimento e generalizar a ideia de sofrimento psicológico e patologia seja científica e clinicamente incorreto (Medeiros, 2000), importa perceber que existem efetivamente adolescentes emocionalmente frágeis. Acerca destes Otto Kernberg citado por Strecht (2011, p. 56) relembrou três falhas recorrentes a ter em conta: *falhas na tolerância da ansiedade, no controlo dos impulsos e no desenvolvimento de canais de sublimação, este último marcado pela incapacidade de mecanismos de criatividade enjoyment da vida, no sentido de apreciar ou tirar partido da vivência da relação individual e social.*

Tais fragilidades aliadas a uma quase transferência do confronto com a autoridade dos pais para a autoridade dos professores, aumenta a dificuldade de relacionamento com a escola. A tensão e as vulnerabilidades são mais evidentes em anos de transição escolar que representam alterações emocionais relevantes. É, também, nestes anos de transição que aumenta o risco de AE/AEG motivado pelas características emocionais dos adolescentes e por tantas possíveis razões quanto as enumeradas em capítulos anteriores.

Assim, e refletindo essencialmente sobre a estreita relação entre a adolescência e a escola, importa terminar com as palavras de Pedro Strecht (2011, p. 65) sobre a causa provável do insucesso na experiência escolar de alunos com as capacidades intelectuais tidas por necessárias. *O que se passa então que explique muitas destas situações? Provavelmente, que a aprendizagem não depende apenas de capacidades cognitivas em bruto; depende, e muito, de variações emocionais e afetivas que a enquadram e que se expressam em questões tão fundamentais quanto omissas ou desvalorizadas pelo dia-a-dia escolar ou até familiar.*

### **3. Sobre a Relação Escola-Família**

Atendendo a que residem na família e na escola alguns dos principais fatores que levam as crianças e jovens ao AE/AEG e que é sobretudo na intervenção junto destes dois sistemas que se encontra a chave para a prevenção e correção destas situações, importa considerar a relação que existe entre ambos. A qualidade desta relação

(comunicação, parceria, etc.) é imperativa na promoção do sucesso da experiência escolar dos alunos.

A relativamente recente democratização e massificação do ensino tornou óbvia e urgente a necessidade de diálogo entre a instituição escolar e instituição família. Até então, a escola tinha uma autoridade e poder reconhecidos e assumidos, assim como, raramente questionados, pela sociedade e em particular pelas famílias. A importância dada ao contexto familiar e à relação entre pais e filhos limitava-se à sua influência no processo de socialização das crianças.

Atualmente, tendo por base a perspetiva sistémica, são tomados em consideração outros contextos de maior ou menor proximidade com a criança. Destes um dos principais e mais estudados é, efetivamente, a escola. *Passa-se de uma epistemologia causalista e linear cartesiana, centrada numa relação de causa efeito, para uma epistemologia circular e sistémica, afirmando que os problemas humanos não têm somente um sentido, mas uma função no contexto mais lato em que emergem. Este contexto é constituído por elementos interdependentes uns dos outros numa rede de relações imbrincadas e complexas alimentando o desenvolvimento do sistema familiar.* (Benoit, 1988 citado por Gonçalves, 2003, p. 105)

A perspetiva sistémica, desenvolvida pelos trabalhos da Escola de Palo Alto que partiram da Teoria Geral dos Sistemas (Bertalanfy, 1968) e da Teoria da Comunicação (Watzlawick, Beavin e Jackson, 1967), foi sobretudo desenvolvida por Bronfenbrenner (1979) com a sua Perspetiva Ecológica do Desenvolvimento Humano.

*A proposta conceptual de Bronfenbrenner, a perspetiva ecológica, sublinha a relevância das interações entre o indivíduo e os vários contextos de vida onde direta ou indiretamente participa e, portanto, onde ocorre o seu desenvolvimento.* (Gonçalves, 2003, p. 109)

Esta perspetiva contempla cinco sistemas interligados, mais e menos próximos do indivíduo, onde este se desenvolve e que influenciam o seu desenvolvimento. São eles: o microsistema (contextos imediatos em que participa e se desenvolve); o mesossistema (inter-relações entre os principais microsistemas); o exossistema (contextos que não implicam a participação ativa do indivíduo em desenvolvimento); o macrossistema (correspondências na forma e conteúdo entre os micro, meso e exossistemas) e, finalmente, o cronossistema (tempo em que o desenvolvimento do indivíduo ocorre).

A família e a escola são partes integrantes do microsistema onde o indivíduo desenvolve relações interpessoais e desempenha papéis determinados. A estes dois contextos devemos, ainda, acrescentar a turma e o grupo de pares, merecendo também a relação destes com a família e vice-versa alguma consideração.

Atualmente, é consensual considerar que entre a escola e a família deve existir uma relação mais próxima e aberta, assim como, mais igualitária, diferenciada e colaborativa (Gonçalves, 2003). Escola e família devem empreender *projetos comuns de cooperação, por mais complexos e conflituais que sejam os interesses, valores, expectativas, poderes e cultura dos dois interlocutores*. (Gonçalves, 2003, p. 101)

A escola necessita, entre outros aspetos, *que os pais não abdicuem do seu papel de educadores e proporcionem aos seus filhos um contexto favorável à construção de uma identidade pessoal e social segura; mas os pais também exigem à escola que não se limite a instruir, mas proporcione aos adolescentes aprendizagens significativas aos adolescentes que sejam instrumentos de leitura do mundo atual e favoreçam a sua integração psicossocial*. (Gonçalves, 2003, p. 120)

A capacidade de comunicação e participação das famílias na escola e a capacidade de a escola se fazer entender e se abrir às famílias, varia segundo inúmeros fatores. Efetivamente, ainda que a escola de hoje seja orientada por princípios de igualdade e democracia, esta relação depende em muito do contexto social, cultural e económico das famílias. Em função destes contextos e da cultura escolar das famílias varia a sua capacidade de entenderem a linguagem da escola (códigos linguísticos) e de participarem no espaço e atividades escolares, assim como, na vida dos seu educandos.

O AE/AEG é uma das últimas consequências desta incapacidade da família e seus educandos de adaptação à escola e, também, da incapacidade da escola em cumprir a sua “função promessa” de superação das desigualdades sociais e garantia de igualdade no acesso e de sucesso na escola.

*Este abandono durante a escolaridade obrigatória é um dos extremos fenómenos de exclusão social que constitui a face visível duma situação mais vasta que atinge adolescentes em rutura declarada ou silenciosa com uma escola obrigatória e obrigada que ainda não é assumida como um direito, mas tão só um dever*. (Gonçalves & Coimbra, 2000 citados por Gonçalves, 2003, p. 123)

## Capítulo III - Os Sistemas em Rede

### 1. Introdução

Tendo percebido a centralidade dos vários sistemas (jovem, família, escola) na abordagem do AE/AEG e tendo em conta que se pretende uma intervenção nesta problemática no contexto de uma CPCJ, importa perceber o que são as CPCJ e qual a relação destas com o AE/AEG.

O presente capítulo explora esta relação entre as CPCJ e o AE/AEG abordando, também, a constituição e funcionamento das CPCJ.

Neste capítulo são, ainda, considerados os conceitos de Intervenção em Rede e Trabalho em Parceria, por forma a esclarecer e justificar a opção por esta configuração de intervenção sobre o AE/AEG em contexto de CPCJ (a ser apresentada mais à frente no presente documento).

## 2. O Abandono Escolar e as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ)

No âmbito da presente investigação importa perceber, o mais claramente possível, em que medida são implicadas as CPCJ na prevenção e intervenção em situações de absentismo ou AE. Tal esclarecimento é feito através de um enquadramento legal tendo por base a Lei n.º 147/99 de 1 de Setembro – Lei de proteção de crianças e jovens em perigo, que regulamenta o funcionamento das CPCJ, e a Lei n.º 51/2012 de 5 de Setembro que aprova o Estatuto do Aluno e da Ética Escolar.

O n.º 2 do artigo 3.º da Lei n.º 147/99 estabelece em que situações se deve considerar que a criança ou jovem se encontra em perigo. Na alínea f) pode ler-se que são consideradas, entre outras, situações em que a criança ou jovem *assume comportamentos ou se entrega a atividades ou consumos que afetam gravemente a sua saúde, segurança, **formação, educação** ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover a situação*. Neste sentido, considera-se o absentismo ou o AE como problemáticas que afetam gravemente a formação e educação das crianças e jovens, tendo graves consequências como anteriormente referido.

Na Lei n.º 51/2012, Estatuto do Aluno e da Ética Escolar, toda a Secção IV é dedicada ao *Dever de assiduidade e efeitos de ultrapassagem dos limites de faltas*, sendo a Subsecção II dedicada à *Ultrapassagem dos limites de faltas*. Neste documento legal pode ler-se que *caso se revele impraticável o referido nos números anteriores (procedimentos e diligências da responsabilidade do estabelecimento de ensino), por motivos imputáveis à escola, e sempre que a gravidade especial da situação assim o justifique, a respetiva comissão de proteção de crianças e jovens em risco deve ser informada do excesso de faltas do aluno menor de idade, assim como dos procedimentos e diligências até então adotados pela escola e pelos encarregados de educação, procurando **em conjunto** soluções para ultrapassar a sua falta de assiduidade*. (n.º 5 do artigo 18.º da Lei n.º 51/2012)

Estabelece a Lei n.º 51/2012 que quando alunos menores de 16 anos ultrapassem os limites de faltas estabelecidos, deve o estabelecimento de ensino desenvolver atividades de recuperação das aprendizagens e de integração escolar e comunitária do aluno, devendo os encarregados de educação ser tidos como responsáveis neste processo. É perante o insucesso ou incumprimento destas medidas/atividades de

recuperação que os estabelecimentos de ensino têm a obrigação legal de sinalizar o aluno à CPCJ territorialmente competente.

Quando sinalizada a crianças ou jovem, tendo sido aberto processo e recolhidos os consentimentos e não oposição necessários à intervenção, deve a ação da CPCJ ser desenvolvida em estreita colaboração com a instituição escolar, numa lógica de responsabilização do alunos e dos encarregados pela sua educação (pais ou representantes legais, entre outros).

### **3. As Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ)**

As CPCJ foram criadas na sequência do Decreto - Lei nº 189/91 de 17/5, sendo que, foram posteriormente reformuladas e criadas novas de acordo com a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo - Lei nº 147/99, de 1 de Setembro. (ver anexo 3)

Nesta última as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens são caracterizadas como *instituições oficiais não judiciárias com autonomia funcional que visam promover os direitos da criança e do jovem e prevenir ou pôr termo a situações suscetíveis de afetar a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento integral*. (n.º 1 artigo 12, Lei nº 147/99)

Posto isto, interessa saber que as CPCJ funcionam em duas modalidades distintas, modalidade alargada (comissão alargada) e modalidade restrita (comissão restrita).

Em modalidade alargada, segundo o artigo 17.º da Lei nº 147/99, as comissões integram: um representante do município; um representante da segurança social; um representante dos serviços do Ministério da Educação; um médico, em representante dos serviços de saúde; um representante das instituições particulares de solidariedade social ou de outras organizações não governamentais que desenvolvam atividades de carácter não institucional, em meio natural de vida, destinadas a crianças e jovens; um representante das instituições particulares de solidariedade social ou de outras organizações não governamentais que desenvolvam atividades em regime de colocação institucional de crianças e jovens; um representante das associações de pais; um representante das associações ou outras organizações privadas que desenvolvam, atividades desportivas, culturais ou recreativas destinadas a crianças e jovens; um representante das associações de jovens ou um representante dos serviços de juventude; um ou dois representantes das forças de segurança; quatro pessoas designadas pela assembleia municipal de entre cidadãos eleitores preferencialmente com especiais conhecimentos ou capacidades para intervir na área das crianças e jovens em perigo; os técnicos que venham a ser cooptados pela comissão, com formação em serviço social, psicologia, saúde ou direito, ou cidadãos com especial interesse pelos problemas da infância e juventude.



O número 1 do artigo 20.º da mesma Lei estabelece que em modalidade restrita a comissão é sempre composta por *um número ímpar, nunca inferior a cinco dos membros que integram a comissão alargada*. A esta modalidade são inerentes: o Presidente da CPCJ, eleito *pelo plenário da comissão alargada de entre todos os seus membros* (número 1 do artigo 23.º da Lei nº 147/99) e os membros representantes do Município e da Segurança Social. O Presidente da CPCJ assume as competências descritas no artigo 24.º da mesma Lei: *representar a comissão e proteção; presidir às reuniões da comissão largada e da comissão restrita e orientar e coordenar as suas atividades; promover a execução das deliberações da comissão de proteção; elaborar um relatório anual de atividades e avaliação e submetê-lo à aprovação da comissão alargada; autorizar a consulta dos processos de promoção dos direitos e de proteção e; proceder às comunicações previstas na lei*.

A comissão alargada é a responsável pelas ações de promoção e prevenção que se prendam com a atividade da CPCJ. Deve desenvolver ações de promoção dos direitos e de prevenção das situações de perigo para a criança e jovem. Funciona em plenário ou por grupos de trabalho para assuntos específicos, reunindo o plenário com a periodicidade necessária ao cumprimento das suas funções, no mínimo de dois em dois meses (artigo 19.º da Lei nº 147/99).

As suas competências específicas encontram-se descritas no artigo 18.º da Lei nº 147/99, são elas:

- Informar a comunidade sobre os direitos da criança e do jovem e sensibilizá-la para os apoiar sempre que estes conheçam especiais dificuldades;
- Promover ações e colaborar com as entidades competentes tendo em vista a deteção dos factos e situações que, na área da sua competência territorial, afetam os direitos e interesses da criança e do jovem, ponham em perigo a sua segurança, saúde, formação ou educação ou se mostrem desfavoráveis ao seu desenvolvimento e inserção social;
- Informar e colaborar com as entidades competentes no levantamento das carências e na identificação e mobilização dos recursos necessários à promoção dos direitos, do bem-estar e do desenvolvimento integral da criança e do jovem;
- Colaborar com as entidades competentes no estudo e elaboração de projetos inovadores no domínio da prevenção primária dos fatores de risco e no apoio às crianças e jovens em perigo;
- Colaborar com as entidades competentes na constituição e funcionamento de uma rede de acolhimento de crianças e jovens, bem como na formulação de outras respostas sociais adequadas;
- Dinamizar e dar parecer sobre programas destinados às crianças e aos jovens em perigo;

- Analisar a informação semestral relativa aos processos iniciados e ao andamento dos pendentes na Comissão Restrita;
- Aprovar o relatório anual de atividades e avaliação elaborada pelo Presidente e enviá-lo à Comissão Nacional de Proteção das Crianças e Jovens em Risco, à Assembleia Municipal e ao Ministério Público.

A comissão restrita tem como competência, intervir nas situações em que uma criança ou jovem se encontre em perigo. Esta modalidade funciona em permanência e segundo o estabelecido no artigo 22.º da Lei nº 147/99.

As suas competências específicas encontram-se descritas no artigo 21.º da Lei nº 147/99, são elas:

- Atender e informar as pessoas que se dirigem à comissão de proteção;
- Apreciar liminarmente as situações de que a comissão de proteção tenha conhecimento, decidindo o arquivamento imediato do caso quando se verifique manifesta desnecessidade de intervenção ou a abertura de processo de promoção de direitos e de proteção;
- Proceder à instrução dos processos;
- Solicitar a participação dos membros da comissão alargada nos processos referidos na alínea anterior, sempre que se mostre necessário;
- Solicitar parecer e colaboração de técnicos ou de outras pessoas e entidades públicas ou privadas;
- Decidir a aplicação e acompanhar e rever as medidas de promoção e proteção, com exceção da medida de confiança a pessoa selecionada para a adoção ou a instituição com vista a futura adoção;
- Informar semestralmente a comissão alargada, sem identificação das pessoas envolvidas, sobre os processos iniciados e o andamento dos processos pendentes.

A intervenção das CPCJ destina-se a situações em que se considere que o menor (criança ou jovem) se encontra em perigo. Tais situações vêm estabelecidas no n.º2 do artigo 3.º da Lei nº 147/99, considerando que a criança ou jovem está em perigo quando: *está abandonada ou vive entregue a si própria; sofre maus-tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais; não recebe os cuidados ou a afeição adequados à sua idade e situação pessoal; é obrigada a atividades ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento; está sujeita, de forma direta ou indireta, a comportamentos que afetem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional e/ou quando; assume comportamentos ou se entrega a atividades ou consumos que afetem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que*

*os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação.*

Segundo o artigo 35.º da Lei nº 147/99, para proteção das crianças e jovens que acompanham as CPCJ têm ao seu dispor quatro medidas de promoção e proteção em meio natural de vida e duas em regime de colocação. São elas: poio junto dos pais; apoio junto de outro familiar; confiança à pessoas idónea; apoio para a autonomia de vida; acolhimento familiar e acolhimento em instituição.

Todas as medidas de promoção e proteção aplicadas devem fazer parte dos acordos de promoção e proteção celebrados, tal como previsto no artigo 36.º da referida lei.

Para intervir sobre as situações enunciadas as CPCJ devem orientar-se por dez princípios fundamentais, enunciados no artigo 4.º da Lei nº 147/99. São eles:

- Interesse superior da criança e do jovem;
- Privacidade;
- Intervenção precoce;
- Intervenção mínima;
- Proporcionalidade e atualidade;
- Responsabilidade parental; prevalência na família;
- Obrigatoriedade da informação.

#### **4. A Intervenção em Rede e O Trabalho em Parceria**

Sendo que o propósito último do presente trabalho se centra em propor um modelo de intervenção sobre a problemática do AE/AEG em contexto de CPCJ, foi considerado como mais adequado um modelo de intervenção baseado na Intervenção em Rede e em Parceria.

A opção por este modelo de intervenção justifica-se pela necessidade de enquadrar/englobar na intervenção os vários sistemas que, segundo uma perspetiva ecológico-sistémica, influenciam/contribuem para o desenvolvimento das crianças e jovens. Nesta problemática em particular, os sistemas: **aluno, família, escola (e grupo de pares) e CPCJ**. É nos sistemas identificados que residem as razões na origem do absentismo e abandono escolar dos alunos.

Neste sentido, importa citar algumas reflexões presentes no livro *Jovens de Futuro* coordenado por Diogo Simões Pereira (2011) acerca dos fatores envolvidos na expressão do insucesso e abandono escolar.

Sobre as dificuldade sentidas na e pela escola é dito, entre outros aspetos, que *perante a deteção de cenários de elevado absentismo escolar, os mecanismos colocados ao dispor da Escola são morosos e de reduzida eficácia.* (Pereira, 2011, p.16) É referido, ainda, que *a escola tem dificuldade em se relacionar com um conjunto de parceiros presentes na comunidade, de modo a suprir ou minorar um conjunto de necessidades/carências que afetam o normal percurso do aluno, assumindo esta dificuldade particular acuidade quando é necessário sinalizar e dar provimento a necessidades presentes em grupos com problemas específicos, como é o caso de alunos inseridos em famílias com níveis de disfuncionalidade moderada ou elevada, famílias ou grupos segregados ou estigmatizados.* (Pereira, 2011, p. 17)

Sobre o aluno e a família é referido que *à mercê do percurso escolar a que os seus elementos foram sujeitos, um número significativo de famílias e alunos evidenciam uma baixa valorização da escola, desqualificando as competências aí transmitidas bem como os seus agentes.* (Pereira, 2011, p. 17)

A estas condicionantes para o AE/AEG importa, ainda, acrescentar as dificuldades sentidas na relação destes sistemas com os contextos de vida que ocupam, com a comunidade e na gestão dos recursos desta. *Dificuldade no estabelecimento de canais de informação, comunicação e atuação comuns e adequados entre os diversos agentes envolvidos na prevenção do risco social e comunidade escolar (... ) Ausência de uma cultura de partilha da informação entre os prestadores de serviços e a escola, retendo informações específicas que seriam vitais para o desenho ou reforço de modelos de intervenção prosseguidos em complementaridade.* (Pereira, 2011, p. 19)

Perante o apresentado parece justificada a necessidade de uma intervenção em rede entre os sistemas identificados à qual deve acrescer um trabalho de parceria e de ativação consciente e equilibrada dos recursos presentes na comunidade envolvente.

Ao mesmo tempo importa responsabilizar todos os sistemas envolvidos. A instituição escolar tem responsabilidades e competências legalmente reconhecidas na prevenção e intervenção em situações de risco como o AE/AEG.

Tendo em conta os princípios definidos para a intervenção na proteção de crianças e jovens como o da subsidiariedade e da intervenção mínima, a escola configura uma entidade com atribuições em matéria de infância e juventude (base da pirâmide). Deve, por isso, dentro dos limites da sua competência e recursos intervir sobre as situações identificadas em ação conjunta com os sistemas aluno e família.

*Como entidade de primeira linha com responsabilidade em matéria de infância e juventude, a escola, deve sinalizar às CPCJ apenas as situações que não sejam possíveis de ser por si ultrapassadas, esgotados todos os recursos (...) colaborando deste modo para que a intervenção das comissões possa tornar-se*

*mais objetiva, rápida e direcionada para os casos prioritários, no superior interesse da criança/jovem.* (Pereira, 2011, p. 57)

A opção por uma intervenção em rede e em parceria com os recursos presentes na comunidade pode, ainda, ser justificada por uma leitura ponderada da Lei n.º 147/99 de 1 de Setembro - Lei de proteção de crianças e jovens em perigo. No seu artigo 18.º em que são explanadas as competências da comissão alargada das CPCJ é amplamente referido o interesse em: informar a comunidade numa função preventiva das situações de perigo e das atribuições e competências das CPCJ; colaborar com as entidades competentes; mobilizar os recursos necessários; participar em projetos inovadores de prevenção primária e; colaborar na formulação de respostas sociais adequadas na comunidade.

Também a Lei n.º 51/2012 de 5 de Setembro que Aprova o Estatuto do Aluno e da Ética Escolar refere no número 5 do seu 18.º artigo que escola e CPCJ devem procurar **em conjunto** soluções para ultrapassar a falta de assiduidade dos alunos.

Em suma, podemos considerar, que a opção por um modelo de intervenção em rede e em parceira:

- Permite o envolvimento e responsabilização de todos os sistemas e interessados;
- Permite a mobilização de recursos dos sistemas envolvidos e da comunidade;
- Descentra a problemática das Escolas e das CPCJ;
- Aumenta as possibilidades e eficácia no diagnóstico e entendimento das motivações para o absentismo ou abandono escolar;
- Permite trabalhar relações colaborativas entre escola-família; família-aluno; escola-comunidade e CPCJ-escola-família-aluno;
- Permite uma ação mais ativa de prevenção;
- Permite a ativação das entidades com atribuições em matéria de infância e juventude tendo em conta o princípio da subsidiariedade na intervenção.

Posto isto importa antes de propor uma intervenção sobre a problemática do AE/AEG baseada na intervenção em rede e no trabalho em parceria, perceber a natureza destes conceitos e as suas implicações na intervenção social

Segundo Barreyre, 1995 (citado por Guadalupe, 2009, p. 109) a intervenção em rede pode ser definida como *uma forma de pensar e de fazer que consiste em observar os problemas da sociedade como problemas gerados pelas relações sociais e aspira a resolvê-los não sobre os fatores puramente individuais ou pelo contrário puramente*

*coletivos ou estruturais, mas através de novas relações sociais e de novas organizações destas relações.*

A intervenção em rede afigura-se, assim, como uma alternativa a modelos de intervenção mais antiquado, demasiado rígidos e centrados apenas nos problemas e nos recursos e potencialidades dos indivíduos.

Numa sociedade em permanente mudança em que a comunicação marca um ritmo extremamente acelerado na evolução dos problemas sociais, importa intervir de forma mais informada e tendo em conta os recursos comunitários que podem significar a resolução de problemas que se devem encarar sempre como coletivos.

Para entender, efetivamente, do que se trata a intervenção em rede é indispensável atentar sobre o conceito de rede. Assim, segundo Castells, 2000 (Veiga & Lopes, 2007, p. 16) *rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetos de desempenho). Uma estrutural social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio.*

Trabalhar em rede implica, assim, a relação próxima com outros elementos que podem pertencer ao contexto de vida mais próximo dos indivíduos ou à comunidade mais alargada. Remete para um ativar de solidariedades e participação que nos leva ao trabalho em parceria, com parceiros que podem ser entidades públicas ou privadas.

O Professor Rogério Roque Amaro (citado por Veiga & Lopes, 2007, p.18) define parceria como *um processo de ação conjunta entre vários atores e protagonistas coletivos e, eventualmente individuais, que se mobilizam para realizar objetivos comuns a partir da construção partilhada de diagnósticos, disponibilizam e partilham recursos para, de forma, articulada, definirem e negociarem estratégias e caminhos e implementarem atividades que viabilizem os referidos.*

A atuação de parcerias para intervir em problemas sociais com consequências, como é o caso do AE/AEG, permite um alargar do campo de possibilidades de resposta e uma maior articulação entre os envolvidos (escola, família, CPCJ) e destes com os parceiros da comunidade que disponham de recursos (técnicos, materiais, ofertas e serviços).

O trabalho em parceria é essencialmente uma estratégia de trabalho colaborativo, que tem como principais características: reunir diversas perceções e recursos; permitir a criação de sinergias através da partilha de recursos; deve ter alguma continuidade no tempo, não devendo ser encarado como uma mera opção ou oportunidade excepcional que as organizações podem utilizar; é parte integrante da gestão e praticas quotidianas; e, pressupõe a existência de interdependência entra as organizações que pertencem a parceria. (Esgaio & Hermano, 2010, pp. 18-19)

O trabalho em parceria tem uma dimensão negocial que implica a gestão dos interesses dos vários parceiros e as capacidades de sobreposição e demissão destes. Parceria pode, assim, ser definida como um processo *by which two or more agents of a different nature agreed upon means of achieving some specified objectives, the result of which represents more than the sum of the two halves. It could also be an action which they could not complete alone, or which is different from what they do habitually. Each would maintain its individuality in the venture, which would include risks and potential benefit which would be shared by those partners.* (Estivil et al, 1994, citado por Carrilho, 2008, pp.84-85)

Trabalhar em rede e pela mobilização de parcerias tem potencialidades *diretamente ligadas aos ideais de democratização do processo, descentralização e participação cidadã não apenas como elementos que garantem a permanência de valores fundamentais dessa sociedade, mas como elementos que proporcionam maior eficiência às políticas e projetos sociais.* (Veiga & Lopes, 2007, p.24)

Para terminar, importa, atentar sobre as vantagens e desvantagens de uma intervenção em rede baseada no trabalho em parceria.

O Manual do Trabalho em Rede publicado de Rede Europeia Anti-Probreza (REAPN) em 2007, define os princípios básicos para uma intervenção em rede. São eles: o princípio da subsidiariedade; o da participação; o do mainstreaming (programas e políticas de todas as áreas de estudo); a abordagem bottom-up (envolvimento das bases); a aceitação do outro e das diferenças; a complementaridade e interdisciplinaridade; a capacidade de encontrar um interesse comum; a existência de um líder; a capacidade de assumir compromissos e a corresponsabilização; a capacidade de anular protagonismos; e finalmente, a capacidade de envolver a população alvo da intervenção. (Veiga & Lopes, 2007)

O mesmo manual enumera, ainda, as vantagens e desvantagens (síndromas e riscos) do trabalho em parceria, partindo de conteúdos formativos apresentados pelo Professor Rogério Roque Amaro numa formação promovida pela REAPN 'Desafios e benefícios do trabalho em parceria e desenvolvimento local'. São apresentadas como vantagens: *o desenvolvimento de uma cultura de parceria com uma visão integrada; visão mais rica da complexidade da realidade; acesso a mais informação, através dos conhecimentos dos vários parceiros; maior eficiência no uso dos recursos; aumenta a sustentabilidade das ações e dos projetos (poder dar uma continuidade mesmo após o final dos projetos); evolução de uma visão sectorial para uma visão territorial, mais horizontal e integrada; desenvolvimento local - promover a comunidade a partir dos seus territórios; relação com a população na base da cidadania (ver as pessoas como sujeitos com capacidades e não como objetos com necessidades); avaliação mais rica e abrangente, mas também mais difícil e exigente; e finalmente, "destecnicização" do trabalho comunitário.* (Veiga & Lopes, 2007, p. 25)

Como síndromas e riscos do trabalho em parceria são elencados: a moda; a obrigação; o género incompleto; setorialização; mercantilismo/troca; supermercado

(sobreposição de interesses pessoais); protocolos rígidos; fidelidades às instituições e à parceria difíceis de gerir; competências dos técnicos/códigos deontológicos diferentes e difíceis de conjugar; catalogação de boa ou má fé; legitimidade diferente entre os parceiros; espelho (influenciar ideias); autismo (não integrar ideias de outros); sapos a engolir; flor de estufa (ter em conta os interesses e expectativas pessoais de cada um); cromos (parceiros que ambicionam demasiado destaque); etapas de manutenção; Lei Bosman (parceiros mais poderosos criam mal-estar na parceria); e finalmente, síndrome do máximo divisor comum (*parcerias ousadas têm mais facilidade em multiplicar os seus dons e contribuir mais para a comunidade*). (Veiga & Lopes, 2007, p. 25-27)



## Parte 2 - Investigação

### Capítulo IV - Enquadramento Metodológico

#### 1. Introdução

Depois de apresentados e relacionados os conceitos teóricos que sustentam o presente trabalho de investigação, importa atentar sobre o enquadramento metodológico que balizou a forma como foi desenvolvida a investigação centrada nas motivações para o AE/AEG dos jovens.

No presente capítulo serão apresentadas as opções metodológicas tomadas, assim como, o problema, objetivos e questões do estudo e a amostra trabalhada.

#### 2. Definição do Problema de Investigação

*A investigação gira em torno de um problema determinado que, pelos mais diversos motivos, interessa estudar, seja porque não se sabe nada sobre o assunto, seja porque se quer melhorar o conhecimento sobre algo.* (Pardal & Lopes, 2011, p. 120) Assim, o problema assume um carácter central aquando da definição/clarificação do que importa estudar e equacionar acerca do AE/AEG e da intervenção sobre este nas CPCJ.

Para o presente estudo foi definido como problema: a necessidade de conhecer as motivações dos alunos que estão na origem do AE/AEG, bem como, as suas causas, de forma a poder planear intervenções mais eficazes no contexto de uma Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ-CB).

#### 3. Objetivos e Questões de Investigação

Para o presente estudo foram definidos como objetivos:

- Conhecer as razões que levam os jovens alunos do ensino obrigatório sinalizados na CPCJ-CB ao AE/AEG;
- Conhecer o contexto familiar, socioeconómico e cultural dos jovens alunos em AE/AEG;
- Conhecer a conceção dos alunos em AE/AEG sobre a educação e a escola;
- Conhecer a posição da escola face à situação de AE/AEG através do discurso dos alunos em situação de AE/AEG.

Para o presente estudo foram definidas como questões de investigação:

- Quais as motivações/razões dos jovens alunos em AE/AEG para o AE/AEG?
- Qual o contexto familiar, socioeconómico e cultural dos jovens alunos em AE/AEG?
- Qual a conceção dos alunos em AE/AEG acerca da importância da escola e da escolarização/educação?
- Qual a posição da escola face ao AE/AEG dos jovens alunos?
- Quais as perspetivas dos jovens alunos em AE/AEG face ao futuro?

## 4. Metodologia

No presente estudo opta-se pela utilização de uma metodologia qualitativa justificada pela necessidade de abordar um fenómeno social a partir da visão que os sujeitos/atores do mesmo têm sobre este. A metodologia qualitativa (paradigma qualitativo) caracteriza-se, *entre otras cosas, por la obtención de información de manera inmediata y personal, utilizando técnicas y procedimientos basados en el contacto directo com la gente o realidad que se investiga.* (Ander-Egg, 2000, p. 37)

Sobre o paradigma qualitativo pode, ainda, dizer-se que este considera o investigador como parte do estudo/investigação. Em oposição ao paradigma quantitativo, é possível a interferência e até o condicionamento do estudo por parte de quem investiga.

O presente estudo pode ser caracterizado como um estudo de caso na medida em que se centra apenas na análise dos casos de AE/AEG sinalizados e intervencionados na CPCJ-CB durante um período determinado de tempo. *Os estudos de caso correspondem, em síntese, a um modelo de análise intensiva de uma situação particular (caso). Tal modelo, flexível no recurso a técnicas, permite a recolha de informação diversificada a respeito de uma situação em análise, viabilizando o seu conhecimento e caracterização.* (Pardal & Lopes, 2011, p.33)

### 4.1. Instrumentos e técnicas de recolha de dados

Para a recolha de dados do presente estudo recorre-se à entrevista semiestruturada com os jovens e respetivos cuidadores. *A entrevista semiestruturada nem é inteiramente livre e aberta – comunicação, entrevistador e entrevistado, com carácter informal -, nem orientada por um leque inflexível de perguntas estabelecida a priori.* (Pardal & Lopes, 2011, pp. 86-87) Com estas entrevistas pretende-se um

momento de diálogo, que permita um discurso o menos condicionado possível dos sujeitos da amostra. Neste sentido pretende-se que o questionamento surja *de modo tão natural quanto possível, com precisão e sentido de oportunidade*. (Pardal & Lopes, 2011, p. 87)

Para as entrevistas foi construído um guião de entrevista semidiretiva (Guião de entrevista semidiretiva – jovens, ver Apêndice 1; Guião de entrevista semidiretiva – cuidadores; ver Apêndice 2 ) organizado em sete blocos temáticos (relacionados com os objetivos e as questões de investigação do presente estudo), referindo objetivos específicos para cada bloco, assim como, propostas de questões e tópicos a abordar e/ou ter em atenção no momento da entrevista.

*A questão mais importante (na construção do guião) é a clarificação dos objetivos e dimensões de análise que a entrevista comporta. De facto, mesmo no nível exploratório, mas sobretudo no nível analítico, a necessidade de comparabilidade entre os sujeitos e o evitamento da descrição que prepara a interpretação exigem um questionamento complexo que vai muito para além do senso comum, seguindo «hipóteses explicativas» que permitem interpretar os fenómenos em análise. Assim, sugere-se que, numa primeira fase, o guião seja construído em função dos objetivos que decorrem da problematização.* (Guerra, 2006, p. 53)

As entrevistas serão posteriormente trabalhadas através de análise de conteúdo, uma técnica que oferece a *possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um curto grau de profundidade e complexidade*. (Quivy e Campenhoudt, 1992, pp. 224-225) Nesta análise pretende-se que *a escolha dos termos utilizados pelo locutor, a sua frequência e o seu modo de disposição, a construção do discurso e o seu desenvolvimento sejam fontes de informação a partir das quais o investigador tenta construir um conhecimento (...) sobre o próprio locutor (...) ou sobre as condições sociais em que este discurso é produzido*. (Quivy e Campenhoudt, 1992, p. 224)

Para a análise das entrevistas serão definidas categorias (mistas) e indicadores organizados numa tabela (Tabela para análise de conteúdo – jovens, ver Apêndice 3; Tabela para análise de conteúdo – cuidadores, ver Apêndice 4), estabelecidos *a priori* partindo do guião e da revisão bibliográfica do estudo e *a posteriori* depois de lidas todas as entrevistas individuais. Desta primeira tabela (Tabela para Análise de Conteúdo) com categorias, questões, subcategorias e indicadores (citados do discurso dos entrevistados) deriva uma segunda tabela (Tabela para Análise de Frequência) com categorias, subcategorias, indicadores (estabelecidos *a posteriori* – depois de lidas as entrevistas) e a frequência com que tais indicadores se verificam no discurso dos entrevistados (exemplo: x em 9). Esta última, consta da Apresentação e análise de resultados apresentada mais à frente no presente documento.

Todas as entrevistas realizadas, foram gravadas e posteriormente integralmente transcritas (ver Apêndice 5).

Finalmente e, tendo em conta o interesse numa caracterização o mais completa possível dos alunos que compõem a amostra pretende-se, ainda, a consulta dos Processos de Promoção e Proteção destes alunos na comissão de CPCJ-CB.

## 4.2. Procedimentos

No presente estudo os procedimentos prendem-se sobretudo com a elaboração da parte 2 do presente documento – o trabalho de investigação.

Inicialmente, seguindo procedimentos éticos e legais foi pedida autorização à CPCJ-CB para a realização do estudo em parceria com a instituição. Exposto o âmbito e objetivos do estudo foi pedida e aprovada a realização de entrevistas com jovens sinalizados à CPCB-CB como em AE/AEG e com os seus cuidadores. Foi, também, aprovada a livre consulta dos processos dos jovens na CPCJ-CB.

A legislação que estabelece a constituição e funcionamento das CPCJ, Lei n.º 147/99 de 1 de Setembro, prevê no número 1 do seu artigo 89.<sup>a</sup> a consulta dos processos para fins científicos: *A comissão de proteção ou o tribunal podem autorizar a consulta dos processos por instituições credenciadas no domínio científico, ficando todos aqueles que lhe tiverem acesso obrigados a dever de segredo relativamente àquilo de que tomarem conhecimento.*

Também, no sentido de assegurar a legalidade e sentido ético da investigação foi pedido aos cuidadores a assinatura de uma declaração de Consentimento Informado (Apêndice 6), no sentido de atestarem o seu interesse em participar no estudo (dar entrevista) e a permissão de os jovens menores ao seu cuidado o fazem também.

Os procedimentos seguintes prendem-se, sobretudo, com a metodologia escolhida e aqui apresentada. Tendo em conta a opção por uma amostra intencional por conveniência, foi necessário recolher na CPCJ-CB os nomes e contactos dos cuidadores associados aos processos sinalizados por AE/AEG. Os cuidadores foram, depois, contactados telefonicamente sendo-lhes explicado o âmbito e objetivos da investigação. Questionados sobre o seu interesse em participar foram, com os que concordaram, marcados horários para as entrevistas com jovem e cuidador.

Para uma melhor e mais assertiva caracterização da amostra utilizada foi, ainda, construída uma Tabela para Caracterização da Amostra (Apêndice 7) que apresenta alguns dados sobre os jovens entrevistados e os seus cuidadores, assim como, sobre o processo destes na CPCJ-CB.

Sobre as entrevista, deve-se enunciar o procedimento de construção do guião da entrevista semiestruturada, já referido no presente documento (Apêndices 1 e 2). O guião foi construído com base nos objetivos e questões de investigação anteriormente apresentados e na revisão de literatura realizada.

Subjacente à realização da entrevista e ao guião elaborado, foram construídas duas tabelas para análise de conteúdo e frequência com categorias estabelecidas a priori e a posteriori, subcategorias e indicadores.

## 5. Caracterização da amostra em estudo

Para o presente estudo foi utilizada uma amostra intencional, *escolhida a juízo do investigador* (Pardal & Lopes, 2011, p. 63) à qual serão realizadas entrevistas semiestruturadas.

A amostra será uma amostra por conveniência na medida em que será constituída pelos jovens sinalizados pelas escolas como em situação de AE/AEG e que são alvo da intervenção da CPCJ-CB, que de forma voluntária e prestando consentimento informado participem no estudo. A estes juntar-se-ão os seus cuidadores (pai/mãe ou outros) junto dos quais, por meio de entrevista semiestruturada, se pretende um maior conhecimento do contexto familiar, socioeconómico e cultural dos alunos em abandono escolar que participem no estudo. Uma amostra por conveniência é *centrada em indivíduos ou grupos portadores de um ou vários atributos que possam contribuir para o desenvolvimento de uma teoria*. (Pardal & Lopes, 2011, pp. 64)

Sobre a utilização da amostra na metodologia qualitativa e sobre a adequação deste termo para a definição de universos qualitativos, importa considerar o contributo de Pires (1997). O autor considera que a discussão acerca da utilização/adequação de uma amostra probabilística ou não probabilística na metodologia (análise) qualitativa não faz sentido. *Recorre-se à amostra que é de tipo não probabilístico. A amostra não se constitui por acaso, mas em função de características específicas que o investigador quer pesquisar. Diversas formas de amostra são possíveis: acidental, intencional, por quotas (...). É uma amostra teórica, não probabilística*. (Pires, 1997 citado por Guerra, 2006, p. 43)

A amostra utilizada no presente estudo é constituída por 9 jovens (com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos) sinalizados na CPCJ-CB como estando em situação de AE/AEG. Aos 9 jovens correspondem 9 cuidadores (pais/representantes legais/outros).

A tabela abaixo apresenta sinteticamente a composição da amostra utilizada. Em apêndice (Apêndice 7) encontram-se tabelas individuais para cada sujeito da amostra, com mais dados para uma mais completa caracterização. Inclui elementos acerca: da caracterização familiar; caracterização processual e; estabelecimento de ensino.

Tabela 1 - Constituição da Amostra Utilizada

Entrevista	Idade	Género		Ano Escolar	Ensino		Cuidador Entrevistado
		M	F		Regular	Outro	
E1	15		X	8.º	X		Mãe
E2	16	X		2.º		CEF <sup>1</sup>	Mãe
E3	14		X	8.º	X		Mãe
E4	17		X	10.º	X		Pai
E5	17	X		1.º		CP <sup>2</sup>	Mãe
E6	16	X		7.º	X		Mãe
E7	16	X		1.º		CP	Madrasta
E8	14	X		7.º	X		Mãe
E9	16	X		11.º	X		Mãe

## Capítulo V - Apresentação, análise e discussão dos resultados

### 1. Apresentação, análise e discussão dos dados

#### 1.1. Entrevistas com jovens sinalizados

Tabela 2 - Tabela para análise de frequência das entrevistas com jovens

Categorias	Subcategorias	Indicadores estabelecidos a posteriori	Frequência (x em 9)
<b>Legitimar a Entrevista</b>	Interesse/importância do estudo	Atribui importância ao estudo	9 em 9
	Interesse em participar	Revela interesse em participar	9 em 9
<b>Conceção de</b>	Conceção de	Concebe escola como	3 em 9

<sup>1</sup> CEF –Curso de Educação e Formação

<sup>2</sup> CP –Curso Profissional

<b>escola/ escolarização</b>	escola/escolarização	dever	
		Concebe escola como espaço de aprendizagens	5 em 9
	Papel da escola tendo em conta o futuro	Concebe escola como espaço de socialização	2 em 9
		Concebe escola como importante para o futuro	8 em 9
	Importância do trabalho escolar	Relaciona frequência da escola com maior empregabilidade	5 em 9
	Atribui importância ao trabalho escolar	9 em 9	
<b>Contexto familiar, socioeconómico e cultural</b>	Importância atribuída pelos cuidadores à escola/escolarização	Considera que cuidadores atribuem importância à escolarização	9 em 9
	Reação dos cuidadores ao abandono escolar e resultados escolares	Considera cuidadores atentos ao seu percurso escolar	5 em 9
		Presença de punição dos cuidadores face a faltas	6 em 9
<b>Posição da escola face ao abandono escolar</b>	Posição e diligências da escola face ao abandono escolar	Escola em diálogo (avisos) com aluno sobre AE/AEG	7 em 9
		Escola em diálogo (avisos) com cuidador sobre AE/AEG	4 em 9
	Papel preventivo e corretivo da escola face ao abandono escolar	Escola em diálogo com alunos sobre o que é o AE/AEG	6 em 9
		Escola em diálogo com alunos sobre consequências do AE/AEG	6 em 9
<b>Perspetivas face ao futuro</b>	Conceção, perspetivas e objetivos para o futuro	Revela interesse em continuar a estudar	3 em 9
		Revela interesse em ingressar no mercado de trabalho	4 em 9
	Papel da escola tendo em conta o futuro profissional	Atribui importância à escola tendo em conta o futuro profissional	9 em 9

	Relação entre o abandono escolar e o ingresso no mercado de trabalho	Existência de faltas para trabalhar	0 em 9
<b>Razões/ motivações para o abandono escolar</b>	Razões para ao abandono escolar	Não gostar da escola ou do trabalho escolar	4 em 9
		Dificuldades de aprendizagem	0 em 9
		Pouca empatia com docentes	1 em 9
		Influência dos pares	1 em 9
	Possíveis influências na motivação/decisão de abandonar a escola	Atribui AE/AEG a influências de terceiros	3 em 9
		Identifica influência de pares	3 em 9
		Identifica influência de cuidadores	0 em 9
<b>Relações na Escola Aluno - Docentes Aluno - Pares</b>	Relação com docentes e influência desta	Existência de proximidade com docentes	7 em 9
	Diálogo com docentes sobre o abandono escolar	Docentes em diálogo com alunos sobre o que é o AE/AEG	8 em 9
		Importância do Diretor de Turma	7 em 9
	Relação com pares e influência desta	Atribui importância ao que pares pensam acerca de si	4 em 9
		Atribui importância ao que pares pensam acerca do seu desempenho académico	5 em 9
	Relação com pares também em abandono escolar	Relaciona-se com pares em situação de AE/AEG	7 em 9

As entrevistas aos jovens que compõem a amostra do presente estudo foram iniciadas com o questionamento acerca do interesse e importância do mesmo. Todos os entrevistados revelam interesse em participar. Todos consideram o estudo interessante, ainda que, não atribuam importância aos seus objetivos *‘É interessante, vá. Importante, vá, não é muito importante’* (Entrevista 5). Nos indicadores ‘atribui



importância ao estudo' e 'revela interesse em participar' verifica-se uma frequência de 9 em 9. (ver Apêndice 1)

Sobre a conceção de escola e escolarização referem sobretudo um espaço para o desenvolvimento das aprendizagens e a convivência com colegas. Tendem a encarar a escola como um dever, um trabalho a cumprir, mesmo que não retirem daí qualquer contentamento. Estabelecem uma forte ligação entre o sentido da escola e o futuro, sobretudo com um valor instrumentalizado na escolarização como forma de garantir um futuro promissor a nível profissional. *'Conhecimentos...futuro garantido'* (Entrevista 4) Quanto à frequência, 8 em 9, concebem a escola como importante para o futuro e 5 em 9 relacionam a frequência da escola com maior empregabilidade.

Todos afirmam que o trabalho e esforço nas atividades escolares é importante e essencial. *'sem a escola não podemos fazer nada'* (Entrevista 1). Sendo, no indicador 'atribui importância ao trabalho escolar' obtida uma frequência de 9 em 9.

Acerca da sua perceção da importância atribuída pelos cuidadores à escola/escolarização, todos os jovens afirmam que os cuidadores consideram a frequência da escola importante e fundamental para o seu futuro. Mais uma vez, refletindo uma lógica de dever a cumprir e não de genuína ligação com a escola e o trabalho escolar. *'dão mais importância (que jovem)...acham muito importante'* (Entrevista 1) *'é o meu trabalho. Tenho que ir'* (Entrevista 5) No indicador 'considera que cuidadores atribuem importância à escolarização' é verificada uma frequência de 9 em 9. Aqui pode verificar-se alguma discrepância entre atitudes e comportamentos sendo que, os jovens dizem perceber a escola como importante assim como dizem ser a opinião dos seus cuidadores, mas revelam comportamentos (faltas) contraditórios a esta importância atribuída.

Sobre a reação dos cuidadores aos seus elevados números de faltas e aos seus resultados escolares, referem essencialmente a atitude atenta dos cuidadores, as reações negativas dos cuidadores perante a descoberta do absentismo e as punições que se seguiram. *'foram reações más. Chatearam-se comigo...castigo, obrigaram-me a fazer coisas...para eu tentar cada vez mais...não desistir...apoiavam-me... ajudavam-me'* (Entrevista 3) O indicador 'presença de punição dos cuidadores face a faltas' revela uma frequência de 6 em 9. Na sua generalidade reconhecem uma atitude atenta dos cuidadores também quanto aos seus resultados escolares. *'Achava mal. Avisava-me sempre...reprendia-me...castigos...diz-me para me esforçar mais'* (Entrevista 7)

Aos jovens foi, também, dada a oportunidade para refletirem sobre a postura da entidade escolar perante a situação de absentismo/abandono escolar. Sobre a posição e as diligências levadas a cabo pela escola referiram, maioritariamente, conversas rápidas em tom de alerta, sobretudo com os Diretores de Turma e a transmissão (pela escola) da situação aos encarregados de educação e à CPCJ. *'Só me chamaram à atenção'* (Entrevista 2) O indicador 'escola em diálogo (avisos) com aluno sobre AE/AEG' obtém uma frequência de 7 em 9, tendo o indicador 'escola em diálogo (avisos) com cuidador sobre AE/AEG' uma frequência de 4 em 9.

Acerca do papel preventivo e corretivo da escola foi destacada, mais uma vez, a figura essencial do Diretor de Turma no contacto com alunos e cuidadores e o confronto com a sinalização à CPCJ. *'Sim (falado sobre número de faltas e abandono escolar)...Diretora da Turma...não podia exceder o número de faltas...consequências graves...abandonar os meus pais e isso...sim (falou sobre CPCJ)'* (Entrevista 4) O indicador 'importância do Diretora de Turma' revela uma frequência de 7 em 9. Ainda na subcategoria 'papel preventivo e corretivo da escola face ao abandono' os indicadores 'escola em diálogo com alunos sobre o que é o AE/AEG' e 'escola em diálogo com alunos sobre consequências do AE/AEG' revelam igualmente uma frequência de 6 em 9.

Com os jovens entrevistados foi ainda explorado o futuro, no sentido de aferir acerca das suas expectativas e ambições. Sobre concepções, perspetivas e objetivos de futuro foi dado espaço, sobretudo, à opção pelo ingresso no mercado de trabalho ou pela continuação do percurso formativo/académico. A maioria dos jovens referem uma clara preferência pelo trabalho em detrimento da escola. Referem a importância de concluírem os estudos obrigatórios antes de se dedicarem a uma profissão. *'Eu quero muito ir trabalhar. Mas sem estudos não posso ir a lado nenhum...sem escola não vou ter um futuro bom'* (Entrevista 1) De salientar a dificuldade de alguns jovens em perspetivarem (imaginarem) o seu futuro, assim como, as suas ambições e expectativas irrealistas, tendo em conta o seu percurso escolar. *'não sei...o meu futuro ainda não sei'* (Entrevista 7) O indicador 'revela interesse em continuar a estudar' apresenta uma frequência de 3 respostas em 9 entrevistados, apresentando o indicador 'revela interesse em ingressar no mercado de trabalho' uma frequência de 4 em 9.

É de realçar que neste ponto da entrevista, como noutros, foi necessário colocar questões mais diretas orientando o discursos dos entrevistados no sentido de ser possível obter alguns dados que se pretendiam analisar e que não estavam a ser naturalmente integrados nas respostas dos jovens e cuidadores. Tal, deve ter-se em conta quando verificadas respostas 'politicamente corretas' e mais de encontro ao socialmente desejado mas que soam contraditórias quando tendo presente que se tratam de jovens e cuidadores acompanhados na sequência de situações de AE/AEG.

Os jovens com mais dificuldade em perspetivar o futuro, centram o seu discurso (à semelhança das suas atitudes) no 'agora'. Na rápida/imediata satisfação dos seus impulsos, normalmente, sem ponderar as consequências ou efeitos a médio e longo prazo.

Sobre o papel da escola e a sua importância tendo em conta o seu futuro profissional, são unânimes em considerar a escola importante e até mesmo determinante. Tais respostas são, em tudo, contraditórias com a atitude desinteressada e desmotivada que assumem perante a escola e a frequência da mesma. *'Sim (é importante)...tudo o que aprendemos é importante para o nosso futuro'*

(Entrevista 1) Este indicador ‘atribui importância à escola tendo em conta o futuro profissional’ revela uma frequência de 9 em 9.

Questionados sobre a possibilidade de, em algum momento, terem faltado a aulas para trabalharem, todos os jovens disseram nunca ter sido essa a sua situação. Um dos jovens entrevistados referiu que já teve um emprego em horário pós-escolar e que não tinha por hábito faltar a aulas em consequência disso. No entanto, reconheceu que o seu empenho e rendimento na escola foi afetado. *‘Não (faltou para trabalhar)...eu estive a trabalhar à noite...até nem faltava...o desempenho...não era o mesmo’* (Entrevista 5) No indicador ‘existência de faltas para trabalhar’ é verificada a frequência unânime de 9 em 9.

Sendo o principal objetivo da presente investigação aferir sobre as motivações na origem do absentismo/abandono escolar dos alunos sinalizados, os sujeitos da amostra foram naturalmente inquiridos acerca das razões que os levaram a faltar às aulas. Os jovens referiram sobretudo desmotivação e desinteresse perante a escola e o trabalho escolar, assim como dificuldades de integração e a influência de colegas e amigos. *‘não gostava lá muito da escola...uma seca...achava melhor ficar em casa sem fazer nada’* (Entrevista 7) Quanto às razões na origem das faltas e, conseqüentemente, da sinalização à CPCJ por AE/AEG foram avaliados os seguintes indicadores: ‘não gostar da escola ou do trabalho escolar’ com uma frequência de 4 em 9; ‘dificuldades de aprendizagem’ com uma frequência de 0 em 9; ‘pouca empatia com docentes’ com uma frequência de 1 em 9 e; ‘influência dos pares’ com uma frequência de 1 em 9.

Tais resultados vão ao encontro do aferido na revisão de literatura do presente trabalho em que a desmotivação perante a escola e o trabalho escolar é apontada como uma das principais razões para o AE/AEG, ainda que motivada por variáveis do contexto do aluno (como também referido na revisão de literatura já apresentada).

Junto dos jovens foi ainda aferida a possibilidade da influência de terceiros (pares, familiares, etc.) na decisão destes de começarem a faltar a aulas. A maioria dos jovens negaram a possibilidade de influências. *‘Não (houve influências) ...ninguém me obriga a faltar’* (Entrevista 5) Os que admitiram esta possibilidade referiram sempre colegas e amigos e nunca familiares ou outras pessoas. *‘eu sou influenciável...às vezes uma amiga minha dizia-me...e eu dizia que não...outras vezes que eu estava mesmo com vontade faltava’* (Entrevista 4)

Importa, no entanto, referir que se na subcategoria ‘razões para o abandono escolar’ o indicador ‘influência dos pares’ obteve uma frequência de 1 em 9, na subcategoria ‘possíveis influências na motivação/decisão de abandonar a escola’ os indicadores ‘atribui AE/AEG a influências de terceiros’ e ‘identifica influência de pares’ revelam ambos uma frequência de 3 em 9. Tal facto, deve alertar para algumas incoerências no discurso dos jovens entrevistados mas, também, para a efetiva influência dos pares (colegas e amigos) na motivação/decisão dos jovens aquando de faltar. De realçar que são estes pares que muitas vezes acompanham os jovens durante o tempo em que estão a faltar.

Tendo em conta o indicador 'identifica a influência de cuidadores' a frequência é de 0 em 9, revelando que os jovens não identificam os cuidadores como possíveis influências para o AE/AEG. No entanto, merece ser considerado o facto de que possivelmente a influência dos cuidadores (atendendo também à revisão de literatura anteriormente apresentada) não passa por uma ação direta de oposição à escola, mas antes de algumas lacunas na orientação/supervisão do percurso educativo dos jovens, (insuficiente ou inadequado) e desinteresse pelo trabalho escolar dos filhos, fraco envolvimento/participação na vida escolar, fracas expectativas relativamente ao sucesso escolar dos filhos.

Questionados acerca da sua proximidade com algum docente em especial com quem se sentissem mais a vontade para desabafar e colocar questões, a maioria dos jovens identificou a figura do Diretor de Turma, ainda que fossem também referidos outros docentes. Foram também os Diretores de Turma os identificados quando questionados os jovens sobre quem os esclareceu acerca do abandono escolar (do que se trata e quais as suas consequências). '*(quem falou sobre) Diretor de Turma' (como foi o diálogo) 'ver quantas faltas é que tinha'* (Entrevista 2)

Sobre a 'importância do Diretor de Turma' foi apurada uma frequência de 7 em 9. Importa, também, referir os indicadores 'existência de proximidade com docentes' com uma frequência de 7 em 9 e o indicador 'docentes em diálogo com alunos sobre o que é o AE/AEG' com uma frequência de 8 em 9.

Tais resultados revelam, mais uma vez, algum cuidado e preocupação dos estabelecimentos de ensino em informarem os alunos sobre o AE/AEG e sobre as possíveis consequências de um número excessivo de faltas. É possível, no entanto, aferir que este diálogo se centra muito num carácter meramente informativo, tarefa geralmente assumida pelo Diretor de Turma. É dado relevo, sobretudo, a consequências como a retenção no ano escolar e a sinalização à CPCJ, não sendo exploradas junto dos jovens alunos (e/ou encarregados de educação) as razões para o AE/AEG e as consequências que este poderá ter a médio e longo prazo.

Sobre a relação dos alunos sinalizados com os seus pares (colegas e amigos) foi explorada a influência dos pares no comportamento e desempenho académico dos jovens e a existência de pares próximos do aluno também em situação de absentismo grave ou abandono escolar. O indicador 'relaciona-se com pares em situação de AE/AEG' apresenta uma frequência de 7 em 9. A maioria dos jovens demonstrou alguma dificuldade em assumir que se importam/interessam pela opinião que os seus pares têm acerca de si. Também não é abertamente que assumem que moldam o seu comportamento (sobretudo em contexto escolar) em função desta opinião dos seus pares. '*Não muito...às vezes...não muito...eles lá e eu cá'* (Entrevista 4)

Retomada a questão da influência dos pares, que pela revisão de literatura feita, se sabe ser importante e, por vezes, determinante nas situações de AE/AEG, foi explorada a subcategoria 'relação com pares e influência desta' pelos indicadores

‘atribui importância ao que os pares pensam acerca de si’ e ‘atribui importância ao que os pares pensam acerca do seu desempenho académico’. Estes indicadores obtiveram frequências de 4 em 9 e 5 em 9, respetivamente.

Chegado o final da entrevista foi dado espaço a todos os jovens entrevistados para comentar as questões abordadas e acrescentarem o que quisessem às entrevista. Apenas um dos jovens se revelou interessado em acrescentar algo à entrevista tendo, sobretudo, refletido sobre a intervenção da CPCJ que considera excessiva e desnecessária em situações como a sua, sinalizadas por AE/AEG.

## 1.2. Entrevistas com cuidadores

Tabela 3 - Tabela para análise de frequência das entrevistas com cuidadores

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores estabelecidos a posteriori</b>	<b>Frequência (x em 9)</b>
<b>Legitimar a Entrevista</b>	Interesse/ importância do estudo	Atribui importância ao estudo	9 em 9
	Interesse em participar	Revela interesse em participar	7 em 9
<b>Conceção de escola/ escolarização</b>	Conceção de escola/escolarização	Concebe escola como dever	3 em 9
		Concebe escola como espaço de aprendizagens	5 em 9
		Concebe escola como espaço de socialização	2 em 9
	Papel da escola tendo em conta o futuro	Concebe escola como importante para o futuro	7 em 9

		Relaciona frequência da escola com maior empregabilidade	2 em 9
	Importância da frequência da escola (trabalho escolar)	Atribui importância ao trabalho escolar	9 em 9
<b>Contexto familiar, socioeconómico e cultural</b>	Experiência escolar do cuidador	Estudou	9 em 9
	Abandono escolar do cuidador	Não gostar da escola ou do trabalho escolar	5 em 9
		Dificuldades de aprendizagem	1 em 9
		Pouca empatia com docentes	0 em 9
		Influência dos pares	0 em 9
		Razões familiares e socioeconómicas	4 em 9
Importância atribuída à escola/escolarização tendo em conta a experiência escolar do cuidador	Atribui importância/utilidade à sua experiência escolar	8 em 9	
<b>Posição da escola face ao abandono escolar</b>	Posição do cuidador face ao abandono escolar	Presença de punição dos cuidadores face a faltas	3 em 9
	Conceção do cuidador acerca da intervenção escola	Considera adequada e atempada	6 em 9
		Considera tardia	1 em 9
		Considera excessiva ou desadequada	1 em 9
<b>Perspetivas face ao futuro</b>	Conceção, perspetivas e objetivos para o futuro	Revela interesse na continuidade dos estudos	6 em 9

		Revela interesse na inserção no mercado de trabalho	1 em 9
		Pondera inserção em vias de ensino alternativas	4 em 9
	Relação entre o abandono escolar e o ingresso no mercado de trabalho	Existência de faltas para trabalhar	0 em 9
<b>Razões/ motivações para o abandono escolar</b>	Razões para o abandono escolar	Não gostar da escola ou do trabalho escolar	2 em 9
		Dificuldades de aprendizagem	0 em 9
		Pouca empatia com docentes	1 em 9
		Influência dos pares	4 em 9
	Possível influência/responsabilidade na motivação/decisão de abandonar a escola	Atribui AE/AEG a influências de terceiros	4 em 9
		Identifica influência de pares	4 em 9
		Identifica influência de cuidadores	1 em 9
<b>Relações na Escola Aluno - Docentes Aluno - Pares</b>	Importância da relação com docentes e influência desta	Existência de proximidade entre docentes e aluno	3 em 9
		Existência de proximidade entre docentes e cuidador	4 em 9
	Diálogo com docentes sobre o abandono escolar	Docentes em diálogo com alunos sobre o que é o AE/AEG	8 em 9
		Docentes em diálogo com alunos sobre consequências do AE/AEG	Sem dados

		Docentes em diálogo com cuidador sobre o que é o AE/AEG	1 em 9
		Docentes em diálogo com cuidador sobre consequências do AE/AEG	Sem dados
		Importância do Diretor de Turma	8 em 9
	Relação com pares e influência desta (no comportamento e desempenho escolar)	Considera que pares têm influência na frequência escolar e no desempenho académico	7 em 9
	Relação com pares também em abandono escolar	Considera/sabe que o aluno se relaciona com pares em situação de AE/AEG	7 em 9
	Relação dos cuidadores com pares da criança/jovem	Atribui importância a conhecer os pares do aluno	8 em 9

À semelhança do feito com os jovens, a entrevista com os cuidadores começou com questionamento acerca do interesse e importância do presente estudo. Todos os cuidadores entrevistados afirmaram o seu interesse em participar no estudo com a sua entrevista e atribuíram importância e interesse aos objetivos últimos do estudo. *‘Tudo o que é para ajudar os jovens, acho que sim’* (Entrevista 7) Os indicadores ‘atribui importância ao estudo’ e ‘revela interesse em participar’ revelam uma frequência de 9 em 9 e 7 em 9 respostas, respetivamente.

Com os cuidadores foi explorada a sua conceção de escola e de escolarização pelo questionamento do que é para estes a escola. Os entrevistados tendem a identificar a escola como algo importante, valorizando sobretudo as aprendizagens e o contacto social. Também os cuidadores entendem a frequência da escola como uma obrigação. *‘uma obrigação...parte de construir uma sociedade mais educada...com melhor nível de estudos e a nível profissional também’* (Entrevista 4) Para aferir acerca da conceção de escola/escolarização dos cuidadores foram utilizados em análise de



frequência os seguintes indicadores (à semelhança dos utilizados na análise das entrevistas feitas aos jovens): ‘concebe a escola como dever’ com uma frequência de 3 em 9; ‘concebe escola como espaço de aprendizagens’ com uma frequência de 5 em 9 e; ‘concebe escola como espaço de socialização’ com uma frequência de 2 em 9 respostas.

Sobre o papel da escola tendo em conta o futuro, os cuidadores estabelecem uma ligação estreita com o futuro profissional e com a aprendizagem escolar e social. *‘para a criança estar mais educada...saber os perigos da vida...pessoa adulta boa. Bem-educada, bem comunicativa’* (Entrevista 9) O indicador ‘concebe escola como importante para o futuro’ obtém uma frequência de 7 em 9, tendo o indicador ‘relaciona frequência da escola com maior empregabilidade’ obtido uma frequência de 2 em 9.

Questionados sobre se consideram o trabalho escolar importante, todos os cuidadores afirmam que sim, obtendo o indicador ‘atribui importância ao trabalho escolar’ uma frequência de 9 em 9.

Seguidamente, foi abordada a experiência escolar dos cuidadores. Apenas dois dos cuidadores entrevistados têm habilitações académicas acima do 12.º, tratando-se de um curso profissional e de uma licenciatura, mas todos frequentaram a escola. A maioria dos cuidadores relaciona a sua experiência de abandono escolar com dificuldades económicas e com um crescente interesse pelo trabalho em detrimento da frequência escolar. *‘comecei-me a desligar um pouquinho da escola. E fui trabalhar’* (Entrevista 8) Tendo em conta estas suas experiências escolares os cuidadores atribuem alguma importância à escola e ao trabalho escolar, mais uma vez, relacionando sobretudo com as aprendizagens escolares e sociais e com o futuro profissional. *‘A nível social...memórias de estudar...saber estar, cumprir algumas coisas, aprendi a escrever e a ler, a fazer contas’* (Entrevista 4)

Assim, na subcategoria ‘abandono escolar do cuidador’ o indicador ‘não gostar da escola ou do trabalho escolar’ apresenta uma frequência de 5 em 9; o indicador ‘razões familiares e socioeconómicas’ uma frequência de 4 em 9; ‘dificuldades de aprendizagem’ uma frequência de 1 em 9; não tendo sido apurada qualquer referência acerca da ‘influência dos pares’ e ‘pouca empatia com docentes’, obtendo ambos os indicadores uma frequência de 0 em 9. O indicador ‘atribui importância/utilidade à sua experiência escolar’ apresenta uma frequência de 8 em 9 respostas.

Os cuidadores foram também questionados sobre a sua posição face ao abandono escolar dos jovens. Os cuidadores referem atitudes punitivas como repreensões e castigos, referindo alguns a ineficácia destas atitudes na medida em que os jovens continuaram a faltar. *‘Fiz, muita coisa...obriga-la, persuade-la a ir...castigos...tentar negociar um pouco...motivá-la de alguma forma’* (Entrevista 4) Assim, o indicador ‘presença de punição dos cuidadores face a faltas’ apresenta uma frequência de 3 em

9. Sendo de referir, que na análise de frequência não são consideradas ‘*punição*’ os avisos

Sobre a conceção dos cuidadores acerca da ação da escola perante as situações de absentismo/abandono escolar dos jovens foi possível aferir algumas vezes discordantes. Alguns cuidadores referem que a escola fez o que foi possível e que agiu bem dentro dos limites das suas competências e responsabilidades. *‘mais que eles pudessem fazer era impossível’* (Entrevista 7) Outros, consideram que a instituição escolar devia ter agido de forma diferente. Estes referem, essencialmente, a necessidade de mais diálogo e de uma ação mais atempada. *‘agiram bem em algumas partes...acho que havia de fazer mais esforço...Falado...Em conjunto para agente entender’* (Entrevista 2) Na subcategoria ‘conceção do cuidador acerca da intervenção da escola’ os seguintes indicadores: ‘considera adequada e atempada’ com uma frequência de 6 em 9; ‘considera tardia’ com uma frequência de 1 em 9; ‘considera excessiva ou desadequada’ com uma frequência de 1 em 9.

Tal como com os jovens, também junto dos cuidadores foram exploradas as suas conceções, perspetivas e objetivos para o futuro dos jovens. A maioria dos cuidadores assume que os jovens se encontram dentro dos limites da escolaridade obrigatória e que têm, por isso, de estudar pelo menos até à conclusão do 12.º ano ou até atingirem a maioridade. Assumem considerar como possível a mudança dos jovens para vias de ensino mais adaptadas/condizentes com as suas aspirações e capacidades, ainda que alguns dos jovens já tenham feito essa mudança e continuem a faltar às aulas. *‘se ele realmente se empenhar no curso que quer...é uma mais-valia...Senão, tentar arranjar alguma coisa para fazer consoante as bases que tem...acho que ele já está no curso que queira’* (Entrevista 8) Assim, sobre as perspetivas e objetivos para o futuro foram analisados os indicadores ‘revela interesse na continuidade dos estudos’ com a frequência de 6 em 9; ‘revela interesse na inserção no mercado de trabalho’ com uma frequência de 1 em 9 e ‘pondera inserção em vias de ensino alternativas’, com uma frequência de 4 em 9.

Questionados sobre a possibilidade de os jovens terem começado a faltar às aulas para ingressarem no mercado de trabalho (para trabalharem), os cuidadores foram unânimes na resposta negativa. *‘Não, não. (faltou para trabalhar) Nem eu quero’* (Entrevista 1). Tal como na análise das entrevistas feitas aos jovens o indicador ‘existência de faltas para ir trabalhar’ obteve uma frequência de 0 em 9.

Junto dos cuidadores foram, também, abordadas as razões que este consideram estarem na origem do absentismo/abandono escolar dos jovens que compõem a amostra. Os cuidadores referiram razões como a desmotivação dos jovens em relação à escola e a influência de amigos e colegas (pares). De realçar ainda que alguns cuidadores referiram perdas de familiares próximos e a inadaptação aos docentes como razões fundamentais para o excesso de faltas, numa atitude de desculpabilização/desresponsabilização dos jovens. Um dos cuidadores refere, ainda, características da personalidade da jovem que considera determinantes. *‘a*

*personalidade, com a imaturidade dela...ela ainda é muito menina, não cresceu...falta de organização pessoal'* (Entrevista 4)

Na subcategoria 'razões para o abandono escolar' foram, assim, analisados os seguintes indicadores (exatamente os mesmos analisados nas entrevistas dos jovens): 'não gostar da escola ou do trabalho escolar' com uma frequência de 2 em 9 respostas; 'dificuldades de aprendizagem' com uma frequência de 0 em 9; 'pouca empatia com docentes' com uma frequência de 1 em 9 e; o mais cotado dos indicadores 'influência dos pares' com uma frequência de 4 em 9 respostas.

Mais uma vez se observa no discurso dos cuidadores a desresponsabilização dos jovens em relação às suas atitudes face à escola, colocando a responsabilidade em terceiros (pares, professores, etc.).

Questionados sobre a possibilidade de, enquanto cuidadores, terem influenciado os jovens na questão do absentismo/abandono escolar, a grande maioria negou ter sido uma influência. *'penso que não. Se fiz alguma coisa deve ter sido inconscientemente'* (Entrevista 8) Neste sentido importa, não apenas, considerar os indicadores 'atribui AE/AEG a influências de terceiros' e 'identifica influência de pares', ambos com uma frequência de 4 em 9, mas também o indicador 'identifica influência de cuidadores' com a frequência de 1 em 9 respostas.

Também os cuidadores foram questionados acerca da sua proximidade com algum docente em particular, assim como, a proximidade do jovem com algum docente específico. O indicador 'existência de proximidade entre docentes e aluno' obtém uma frequência de 3 em 9, obtendo o indicador 'existência de proximidade entre docentes e cuidador' uma frequência de 4 em 9.

Mais uma vez, foi maioritariamente referida a figura do Diretor de Turma, elemento central na experiência escolar do aluno e no estabelecimento de relação entre a escola e a família. Ainda assim, quando colocada a ênfase na relação entre os alunos e os docentes são referidos pelos cuidadores relações de proximidade entre os alunos e outros docentes que não apenas o Diretor de Turma. Os cuidadores identificam também os Diretores de Turma como os principais intervenientes na altura de informar e consciencializar jovens e cuidadores acerca do abandono escolar. *'Diretora de Turma sempre se mostrou preocupada em resolver e dar alguma força e incentiva-la de alguma forma...Dar-lhe alguma orientação para ela seguir'* (Entrevista 4) Sobre este aspeto foi possível obter nas entrevistas aos cuidadores dados suficientes para analisar os seguintes indicadores: 'docentes em diálogo com alunos sobre o que é o AE/AEG' com uma frequência de 8 em 9; 'docentes em diálogo com cuidador sobre o AE/AEG' com uma frequência de 1 em 9. Aqui deve ser realçada a discrepância entre a frequência relativa ao diálogo da escola com jovens e com cuidadores. Deve, por isso, refletir-se sobre o que poderá estar na origem deste distanciamento verificado entre escola e cuidadores, considerando as possíveis pistas dadas pela revisão de literatura que passam pela dificuldade de comunicação entre escola e família; pela existência de 'códigos linguísticos' muito diferentes que

dificultam o diálogo entre ambos os sistemas; crenças disfuncionais das famílias acerca do funcionamento, importância e utilidade da escola; assim como, a dificuldade da instituição escolar em flexibilizar regras e procedimentos para se aproximar dos cuidadores/famílias dos jovens alunos.

Tal como com os jovens, foi junto dos cuidadores analisado o indicador 'importância do Diretor de Turma' com uma frequência de 8 em 9 respostas.

Também os cuidadores foram questionados sobre a influência dos pares no comportamento e desempenho académico dos jovens. A maioria dos cuidadores consideram existir esta influência. *'Sim. Mas se eles não querem (ir às aulas) que deixem os outros'* (Entrevista 1) O indicador 'considera que pares têm influência na frequência escolar e no desempenho académico' apresenta uma frequência de 7 em 9. Foi colocada também a questão acerca da convivência estreita dos jovens com pares também em situação de absentismo/abandono escolar. Ainda que poucos não tivessem essa informação, a maioria dos cuidadores respondeu afirmativamente. *'É todos...A turma ninguém aproveita nada'* (Entrevista 2) Assim, o indicador 'considera/sabe que o aluno se relaciona com pares em situação de AE/AEG' obteve uma frequência de 7 em 9 respostas.

Aos cuidadores foi, ainda, questionado se primam por conhecer os pares próximos dos jovens. A grande maioria respondeu que sim. *'Claro. Eu conheço muitos, falo com eles'* (Entrevista 9) O indicador 'atribui importância a conhecer os pares do aluno' obteve, desta forma, uma frequência de 8 em 9.

Tal como com os jovens foi dada, no fim da entrevista, oportunidade aos cuidadores para comentarem as questões ou acrescentarem o que lhes parecesse relevante. Das respostas obtidas, importa destacar o contributo de uma cuidadora que refere a necessidade de uma relação de maior proximidade entre os docentes e os alunos mas, também, entre docentes e cuidadores. Assim como, defende a existência de um trabalho em conjunto no sentido de procurar soluções mais adaptadas ao aluno.

Outros cuidadores defendem, igualmente, a necessidade de mais acompanhamento na escola no sentido de motivar os alunos e de também na CPCJ haver um esforço para os levar a perceber a importância da escolarização no seu futuro. É, ainda referida, a importância de trabalhar esta problemática no sentido de *tentar perceber a cabeça destes jovens... a qualquer momento estamos a tempo de tentar perceber o que estes jovens querem da vida.* (Entrevista 4)

## 2. Síntese

Depois de apresentados e analisados os resultados das entrevistas realizadas com jovens em situação de AE/AEG e respetivos cuidadores, interessa sintetizar alguns aspetos que se afirmam mais relevantes.

Sobre a forma como foram obtidos os dados (entrevista semiestruturada) importa, mais uma vez, clarificar a necessidade de, por vezes, colocar as questões de forma mais direta perante a dificuldade dos entrevistados em desenvolver discurso sobre a problemática em foco. Tal, remete para alguma incapacidade de ambos, jovens e cuidadores, em refletirem e analisarem a sua situação quando confrontados com a problemática do AE/AEG. Incapacidade de refletir que se verifica quando analisadas as causas e consequências deste fenómeno, mas também as perspetivas futuras dos jovens e cuidadores, assim como, a ação de cuidadores e estabelecimento de ensino perante o AE/AEG.

Ao mesmo tempo deve considerar-se, quando observadas respostas algo contraditórias face aos comportamentos dos entrevistados, alguma tendência destes em cuidarem o seu discurso atendendo ao contexto da entrevista. Assim, jovens com elevado número de faltas e com dificuldade em perspetivar o seu futuro respondem de forma afirmativa quando questionados acerca da importância da escola e utilidade do trabalho escolar.

Partindo da dificuldade dos jovens em estabelecer objetivos a longo prazo ou 'planear' o futuro pode, ainda, observar-se a possível discrepância entre as condições reais (fraco aproveitamento escolar, retenções, etc.) destes jovens alunos e as suas ambições/expetativas irreais, sobretudo, acerca do seu percurso profissional.

Sobre possíveis influências na decisão de começar a faltar, foi possível verificar alguma dificuldade dos jovens em reconhecer ou valorizar a existência de influências. Tal, verifica-se ser mais fácil para os cuidadores, servindo possivelmente como desculpabilização dos jovens sobre quem, desta forma, não recai toda a responsabilidade pela situação de AE/AEG.

Ainda assim, é no discurso dos jovens (tal como no dos cuidadores) possível perceber alguma influência do grupo de pares que se sabe assumir especial relevância no início e durante a adolescência.

Ao contrário do que seria expetável, tendo em conta a revisão de literatura apresentada, não é pelos jovens e cuidadores identificada a influência dos últimos para a ocorrência do AE/AEG. Facto que remete, como dito anteriormente, para a importância de analisar de que forma poderá acontecer e/ou verificar-se esta influência dos cuidadores.

Ao mesmo tempo, foi possível verificar que os estabelecimentos de ensino centram o seu discurso/diálogo sobretudo nos jovens, sendo dirigido aos cuidadores apenas quando já verificadas situações de AE/AEG. Ainda sobre esta relação entre escola, jovens alunos e seus cuidadores (famílias) foi possível verificar que a proximidade existente diz respeito, quase exclusivamente, à figura do Diretor de Turma e de alguns outros docentes. Não se tratando, desta forma, de uma efetiva proximidade e abertura entre a instituição escolar e os jovens e famílias.

De realçar ainda, que o discurso/diálogo da escola se centra quase exclusivamente nas consequências do AE/AEG não sendo, por isso, informativo nem preventivo acerca do fenómeno.

Importa, também, realçar sobre as motivações apresentadas por jovens e cuidadores para a ocorrência de AE/AEG, que se prendem grandemente com desmotivação e falta de interesse face à escola e trabalho escolar e não com exetáveis dificuldades de aprendizagem ou integração (inerentes a características individuais dos jovens alunos como fatores cognitivos, comportamentais e interpessoais).

Por jovens e cuidadores não foi nunca referida a necessidade (ou ocorrência) de abandonar a escola para trabalhar. Tal remete para diferenças entre a experiência escolar dos jovens quando comparada com a dos cuidadores. Os últimos referiram como motivação para o seu AE não apenas o desinteresse e desmotivação mas, sobretudo, a necessidade de ingressar no mercado de trabalho muito relacionada com dificuldades económicas e sociais das famílias.

Por último, importa atentar sobre o facto de, ao contrário dos cuidadores, os jovens revelarem alguma dificuldade e relutância em assumir a importância que possivelmente terá para si aquilo que outros pensam acerca de si e do seu desempenho académico. Devendo, ter sido em conta (como referido na revisão de literatura) a grande importância que tem para pré-adolescentes e adolescentes a integração no grupo de pares e a influência deste no seu comportamento dentro e fora da escola.

## Parte 3 - Proposta de Intervenção

### Capítulo VI - Proposta de Intervenção em Casos de AE/AEG no contexto de CPCJ

#### 1. Introdução

A presente proposta de intervenção surge no seguimento das conclusões do estudo de caso anteriormente apresentado, a que se aliam algumas conclusões aferidas aquando da construção da revisão de literatura do presente trabalho e o conhecimento de como se processa a intervenção das CPCJ.

Assim, conhecidas algumas das principais características e motivações dos alunos em situação de AE/AEG é possível propor linhas orientadoras da intervenção tendo, sempre, em conta o contexto muito específico das CPCJ e o seu (algo rígido) enquadramento legal.

A presente proposta, como já referido, pretende conferir à intervenção uma lógica de intervenção em rede e trabalho em parceria, cujas principais características foram já explanadas na revisão de literatura anteriormente apresentada neste documento.

#### 2. Linhas orientadoras da intervenção

Posto o anteriormente descrito, são propostas as seguintes linhas orientadoras da intervenção:

a) **Guião de entrevista específico para situações de AE/AEG**

Propõem-se que para os processos sinalizados por AE/AEG seja utilizado um guião de entrevista específico com linhas orientadoras a seguir logo no primeiro contacto com a criança/jovem e a sua família (primeira entrevista para recolha de consentimento e/ou não oposição à intervenção da CPCJ).

O guião será constituído por muitas das questões propostas no guião de entrevista (VER ANEXO) utilizado no estudo anteriormente apresentado, em que as questões dirigidas a jovens e cuidadores devem surgir numa mesma entrevista. A estas questões terão, necessariamente, que ser acrescentadas outras correspondentes a dados (sobre a criança/jovem e a família) que é imperativo recolher numa entrevista para recolha de consentimento e/ou não oposição à intervenção da CPCJ.

A opção por um guião específico para as entrevistas relacionadas com a problemática do AE/AEG prende-se com a necessidade de aferir com a menor margem de erro possível as causas na origem das faltas, o que é feito quando se falta, qual a relação que a criança/jovem e a família tem com a escola, qual a cultura escolar da família, etc. Só partindo do conhecimento deste conjunto de variáveis se pode planear uma intervenção que, mesmo sendo balizada pelos imperativos legais que regem a intervenção das CPCJ, possa ser o mais adaptada possível à realidade de cada criança/jovem e família.

Assim, cumpre dar destaque a questões como as seguintes (presentes no guião de entrevista utilizado no estudo de caso anteriormente apresentado):

➔ Questões dirigidas aos jovens sinalizados por AE/AEG

- *O que é para ti a escola? Ir à escola?*
- *Consideras o esforço importante para o sucesso escolar?*
- *Qual o papel da escola no teu futuro?*
- *Qual a opinião dos teus pais (ou outros cuidadores) sobre a escola?*
- *Como lidam os teus pais (ou outros cuidadores) com o facto de teres deixado a escola?*
- *Como foram reagindo os teus pais aos teus resultados escolares?*
- *O que fez a escola quando começaste a faltar?*
- *Já tinham falado contigo sobre o abandono escolar? Quem o fez e como?*
- *Consideras que o que se aprende na escola te faz falta para o teu futuro profissional?*
- *O que te levou a abandonar da escola?*
- *Na escola existe algum professor com o qual tenhas uma relação de maior proximidade? Com quem gostas de conversar?*
- *No teu grupo de colegas e amigos (mais próximos) existem mais alunos com um excessivo número de faltas?*
- *É importante para ti o que os teus colegas e amigos pensam sobre ti e sobre o teu desempenho na escola?*

➔ Questões dirigidas aos pais (ou outros cuidadores) dos jovens sinalizados por AE/AEG



- *Fale-me da sua experiência com/na escola. Estudou? Até que idade/nível de ensino?*
- *Que importância teve a escola na sua vida?*
- *Fez alguma coisa quando soube que o seu menor tinha um excessivo número de faltas?*
- *Já tinham falado consigo sobre o risco de o seu menor vir a estar numa situação de abandono escola? Quem o fez e como?*
- *Como avalia a intervenção da escola face à situação de abandono escolar do seu menor?*
- *Considera que pode ser uma solução optar por uma nova via de ensino?*
- *O que levou o seu menor a abandonar da escola?*
- *Considera ter tido alguma responsabilidade/interferência na decisão do seu menor em abandonar a escola?*
- *Na escola existe algum professor com o qual tenha uma relação de maior proximidade?*
- *No grupo de colegas e amigos (mais próximos) de seu menor existem mais alunos com um excessivo número de faltas?*
- *É importante para si conhecer os pares (colegas/amigos) do seu menor?*
- *Considera que estes influenciam o comportamento e desempenho escolar do seu menor?*

b) **Reuniões entre todos os sistemas**

No sentido de envolver todos os sistemas anteriormente identificados como fundamentais na intervenção nesta problemática, é proposta a realização de reuniões entre todos os envolvidos. Desta forma, o diálogo e a informação não serão apenas unilateralmente direcionado mas sim debatidos entre todos.

Por norma as entrevistas/reuniões acontecem entre: CPCJ - Família e Criança/jovem; Escola - Família e Criança/jovem e entre a CPCJ e Escola são muitas vezes trocadas apenas informações escritas.

Tal forma de atuar para além de reduzir as possibilidades de debate e reflexão, reduz também o envolvimento e consciencialização dos envolvidos levando, em ultima análise, à sua desresponsabilização e apatia face aos compromissos assumidos para e durante a intervenção.

As reuniões propostas devem acontecer entre escola-família-criança/jovem-CPCJ, podendo ser ainda acontecer em tantos formatos quanto os possíveis e vantajosos para a intervenção (por exemplo: incluindo pares ou colegas das crianças/jovens ou até outros profissionais da escola que possam ser próximos das crianças/jovens ou das famílias).

Tais reuniões implicam, claramente, mais tempo dedicado à intervenção com cada criança/jovem e um esforço de abertura entre os vários sistemas. No entanto, tal esforço será sempre valoroso se dele resultar uma intervenção mais realista, mais adaptada, menos estereotipada e conseqüentemente mais eficaz.

### c) **Parceiros**

Como anteriormente referido quando apresentada a intervenção em rede e o trabalho em parceria (na Revisão de Literatura), a intervenção das CPCJ deve ser feita (quando possível e necessário) em parceria com as entidades com competência em matéria de infância e juventude presentes na comunidade.

Neste sentido e enfatizando, mais uma vez, a opção por um modelo de intervenção orientado pelos princípios da intervenção em rede e do trabalho em parceria, é proposto que a intervenção da CPCJ em processos de AE/AEG aconteça em parceria com as instituições da comunidade que disponham de recursos (humanos, técnicos, materiais, etc.) que possam ser valiosos para uma mais eficaz intervenção.

*O estreitamento de laços entre a escola e a comunidade local gera benefícios aos moradores e à própria comunidade escolar, para além de restabelecer a relação de respeito e confiança com a escola e promover a sua valorização junto da sociedade.* (Santos et al, 2009, p. 131)

É, assim, proposto que sejam identificadas instituições na comunidade com as quais a CPCJ deva realizar protocolos de colaboração a fim de as incluir nos planos de intervenção de cada processo. Serão, por exemplo, instituições como os estabelecimentos de ensino, de saúde, as autoridades policiais, as IPSS e instituições de acolhimento (CAT e LIJ) e quaisquer outras com competências e interesse em colaborar com a CPCJ (como podem ser as empresas particulares).

### d) **Trabalhar a capacidade de perspetivar (planear) a longo prazo**

Como é possível observar pela análise dos dados provenientes das entrevistas com os jovens, estes revelam grande dificuldade em perspetivar/planear o futuro escolar e vocacional. Os seus projetos são pouco estruturados, às vezes fantasistas e estereotipados. Esta dificuldade, como também enunciado na Revisão de Literatura

do presente documento, é característica da pré-adolescência, mas o fato de esta etapa da vida ser, também, uma etapa em que os adolescentes evidenciam uma procura de quem são e o que querem fazer das suas vidas, estão abertos para novas ideias e exploram os seus interesses e capacidades, deve constituir-se como uma oportunidade de intervenção. A intervenção deverá quebrar a rede das ligações entre os fatores que influenciam o AE/AEG, e promover aprendizagens e modelos positivos de sucesso. A responsabilização/vinculação do jovem acompanhado na CPCJ deve passar, também, por motivar/levar o jovem a ponderar as suas condições presentes e possibilidades de futuro.

O jovem deve, assim, ser incluído na construção do APP a realizar com a CPCJ e a família, assim como, com a escola e outros parceiros possíveis de ser incluídos. O jovem deverá assumir responsabilidades e objetivos a médio e longo prazo que deve saber justificar e respeitar.

Com os jovens devem ser trabalhadas as suas crenças acerca da importância e da frequência da escola, por forma a perceber e trabalhar a perceção destes acerca das suas aspirações para o futuro e a importância da escolarização face a estes. Importa, assim, levar os jovens a avaliar as suas expectativas e a definir objetivos realistas e adaptativos para o seu futuro (por exemplo: profissional).

Também, neste aspeto importa incluir no diálogo com o aluno, não apenas o coordenador do processo na CPCJ mas, também, elementos da comunidade escolar e da família.

#### e) **Papel central do diretor de turma**

Pela análise das entrevistas a jovens e cuidadores é possível aferir da extrema importância da figura, sempre central na experiência escolar, do Diretor de Turma. Pelas características do cargo que ocupa este é o professor mais próximo do aluno e da família. Assim, assume um relevo fundamental na altura de trabalhar as expectativas e atitudes do jovem (e dos cuidadores) em parceria com a CPCJ, ao mesmo tempo que se configura como um elo privilegiado na comunicação entre a CPCJ e o estabelecimento de ensino.

No entanto, é possível considerar a participação de outros elementos da comunidade escolar como o Psicólogo Escolar e o Técnico de Serviço Social (a participar nas reuniões multidisciplinares entre os vários sistemas, já descritas) ou mesmo outros professores que, pelos mais variados fatores, são especialmente próximos dos jovens alunos. Estes professores, sem funções de Diretor de Turma, são muitas vezes detentores de maior confiança por parte dos jovens alunos que se sentem mais seguros ao dialogar com estes, por exemplo, sobre situações como AE/AEG.

Também no estudo de caso anteriormente apresentado, foi possível observar alguma proximidade dos jovens entrevistados com outros professores para além do Diretor de Turma.

f) **Gabinetes de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF) em interação com a CPCJ**

Tendo em conta a ‘dificuldade’ de comunicação entre escola e famílias (cuidadores) verificada na investigação apresentada e também na revisão de literatura analisada, importa considerar mais formas de aproximar e promover o diálogo entre os dois sistemas.

Para tal, pode ser utilizado um recurso já existente em muitos estabelecimentos de ensino e que pode ter um papel privilegiado na articulação com as CPCJ, os GAAF.

Os Gabinetes de Apoio ao Aluno e à Família são um projeto criado pelo SOS Criança do Instituto de Apoio à Criança cujo principal objetivo é contribuir para o crescimento harmonioso e global da criança promovendo um ambiente mais humanizado e facilitador da sua integração social na escola.

Estes gabinetes surgiram para procurar dar resposta ao crescente número de sinalizações de alunos que apresentam comportamentos de risco nas escolas, e à diversidade de problemáticas relacionadas com o insucesso escolar, abandono escolar e violência escolar. A escola sente necessidade de criar um serviço capaz de fazer a ponte entre a família e a escola, tentando perceber a razão destas problemáticas, de modo a criar ferramentas e instrumentos de intervenção para despistar, prevenir e dar respostas alternativas aos problemas sociais, bem como estabelecer estratégias de intervenção de combate à exclusão social dos alunos e das suas famílias. Para além disso, pretendia-se criar um espaço mais humanizado, um gabinete aberto que fosse ao encontro das necessidades dos alunos e de toda a comunidade educativa.

Estes gabinetes aliam as competências de equipas multidisciplinares (compostas por técnicos com formações e competências diversificadas) a uma grande proximidade às famílias e jovens alunos, que podem legitimar o trabalho com os jovens em situações de AE/AEG sinalizados e acompanhados pela CPCJ.

A presença de técnicos com diferentes formações permite um entendimento mais global destes fenómenos, sendo que a relação próxima com as famílias permite o acompanhamento mais personalizado de cada situação.

Tal acompanhamento mais consciente das características de cada jovem aluno e respetiva família, assim como das especificidades das situações de AE/AEG diagnosticadas, poderá contribuir para uma intervenção coordenada (simultaneamente em objetivos e princípios) com a CPCJ, cumprindo assim com os princípios da intervenção em rede e parceria propostos.

g) **Educação parental orientada para supervisão escolar**

Ainda no sentido de trabalhar com as famílias e alunos a forma como concebem e atribuem sentido à escola e ao trabalho escolar, importa considerar a possibilidade de educação parental.

A educação parental proposta deve partir da CPCJ (integrando a intervenção junto das famílias acompanhadas), sendo nos casos específicos de AE/AEG muito orientada para a supervisão/orientação das famílias/cuidadores quanto ao percurso escolar dos jovens.

Com as famílias acompanhadas deve ser trabalhada a forma como entendem a importância da escola e da ocorrência do AE/AEG. Devem ser alertados não apenas para as consequências destes, mas para o que pode estar na sua origem.

Com as famílias (cuidadores) deve ser trabalhada a sua capacidade de orientarem positivamente a experiência escolar dos jovens seguindo princípios de motivação e supervisão. Esta dimensão revela-se de grande importância, uma vez que diversos estudos afirmam que o envolvimento parental nos assuntos escolares dos filhos revela-se bastante benéfico para todos os atores (pais, filhos e escola).

A intervenção pela educação parental, uma vez promovida pela CPCJ deve mais uma vez contemplar o apoio de parceiros (profissionais e entidades exteriores à CPCJ e à escola com competências e interesse em colaborar), assim como o apoio da instituição escolar.

h) **Função preventiva da CPCJ e das Escolas**

Tendo sido exploradas propostas de intervenção junto das famílias e jovens acompanhados por se encontrarem já em situações de AE ou AEG, importa por fim considerar a função preventiva que ambos os sistemas CPCJ e Escola assumem.

A função preventiva das CPCJ acerca das situações de perigo e legalmente reconhecida na Lei 147/99, 1 de Setembro – Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, sendo na mesma lei atribuída sobretudo à Comissão Alargada (n.º 1 do artigo 18.º).

Tendo em conta o número considerável de processos de AE/AEG que as CPCJ acompanham e o facto de com o aumento da escolaridade obrigatória e novas regulamentações impostas pelo Novo Estatuto do Aluno e da Ética Escolar fazem prever a continuação ou mesmo o incremento dos casos sinalizados, importa considerar a prevenção levada a cabo nesta matéria. Assim, é proposto que a intervenção preventiva aconteça também em moldes de trabalho em rede e parceria,

sobretudo com o sistema escola e dirigida principalmente aos sistemas família e jovens (alunos).

Desta forma a prevenção não deve passar apenas pelas sessões informativas/formativas dirigidas aos técnicos/profissionais. Deve passar, por um esforço de formação dos jovens alunos e das suas famílias/cuidadores.

Esta ação preventiva não deve centra-se apenas nas consequências do AE/AEG, mas sobretudo na explicação destes fenómenos: das suas causas; dos sistemas e contextos envolvidos; dos determinantes legais; das opções disponíveis; entre tantos outros aspetos. Assim como, na resposta a questões/ sugestões que estes sistemas possam ter sobre o funcionamento da escola e o percurso escolar/educativo dos jovens.

Ao mesmo tempo e em ação coordenada com as escolas deve ser possível dirigir sessões de prevenção promotoras do diálogo junto de alunos identificados pela escola (pelos GAAP, por exemplo) como em risco (ou seja, com maior probabilidade) de virem a protagonizar futuras situações de AE ou AEG.

Em suma, através do envolvimento de todos os sistemas envolvidos e dos parceiros possíveis na intervenção pretende-se, ao mesmo tempo, a responsabilização de todos e um 'reforço positivo' ao aluno que se sentirá gratificado com os resultados da intervenção (na medida em que dele dependem).

Responsabilidades claras para cada sistema envolvido na intervenção e um esforço de prevenção mais orientado e personalizado podem, assim, significar melhores resultados de uma intervenção que se pretende mais adaptada às necessidades dos jovens em AE/AEG e suas famílias.

## **Capítulo VII - Reflexões Finais**

### **1. Reflexões finais e Recomendações**

Depois de apresentada a investigação acerca das motivações na origem do AE/AEG realizada com jovens sinalizados e acompanhados na CPCJ-CB, assim como, a revisão de literatura (acerca do AE; da relação entre escola e família; da adolescência enquanto fase normativa do desenvolvimento; e, acerca dos princípios da intervenção em rede e do trabalho em parceria), importa finalmente ressaltar algumas conclusões e recomendações.

Partindo dos resultados da investigação realizada (anteriormente apresentada) e colocando-a em diálogo com a revisão de literatura analisada é possível obter algumas respostas às questões de investigação previamente delineadas, ainda que, levantando novas e urgentes interrogações.

São respostas (ainda que pouco conclusivas) que se podem resumir no seguinte: existe efetivamente uma grande falta de motivação e apego à escola por parte dos alunos em situação de AE/AEG; verifica-se uma conceção desadequada das famílias acerca da influência dos estilos parentais na relação dos jovens com a escola e as aprendizagens; verifica-se uma grande dificuldade de resposta adaptativa das famílias e escolas perante crenças disfuncionais sobre o valor da escola e da escolaridade. Tratam-se, efetivamente, de famílias com uma fraca ligação à instituição escolar, com uma visível dificuldade em atribuir um sentido à escolarização e trabalho escolar que ultrapasse o instrumentalizado valor para o futuro profissional.

Instituição escolar esta, que se pode concluir ser pouco aberta e capaz de dialogar com alunos e famílias, não adaptando a sua linguagem e centrando-se numa atitude paliativa e centrada sobretudo nas consequências (sobretudo legais/formais) quando confrontada com o fenómeno do AE/AEG.

Ao mesmo tempo é possível concluir que os jovens entrevistados revelam grande dificuldade em perspetivar o seu futuro e sobretudo de o fazer de forma realista e consciente do significado da sua situação escolar.

Ao mesmo tempo deve atentar-se sobre alguns aspetos do presente trabalho a reconsiderar em futuras investigações de objetivos semelhantes.

Deve ser ressaltado que as entrevistas com jovens e cuidadores foram realizadas no espaço físico da CPCJ por um entrevistador (investigador) reconhecido pelos entrevistados como técnico da instituição. Tal pode, em alguns momentos, ter condicionado o discurso dos jovens e dos cuidadores, preocupados e atentos às funções da CPCJ e ao facto de por esta instituição serem acompanhados.

Ao mesmo tempo deve sublinhar-se sobre o fato de a investigação se basear apenas no discurso/perceção dos entrevistados sobre a sua situação, sendo analisados sobretudo aspetos relacionados com as motivações para o AE/AEG, sobre relação e posição dos cuidadores e do estabelecimento de ensino, assim como, possíveis influências na base das motivações identificadas.

Assim, é possível ter em conta que os resultados da investigação poderiam beneficiar (ser mais conclusivos) se considerados na análise aspetos relacionados com características pessoais/individuais dos jovens alunos como os referidos por Miguel, Rijo e Lima (2012) numa investigação centrada na relevância de variáveis psicológicas e comportamentais dos alunos para o risco de insucesso e consequentemente de AE/AEG. São eles: o autoconceito escolar; a autoeficácia escolar; a autorregulação comportamental; o valor da tarefa; a ansiedade de desempenho; a ausência de rotinas de estudo; a atribuição de sucesso e insucesso e; as relações interpessoais e integração social.

Finalmente, terminada a investigação e apresentada a proposta de intervenção para o contexto de CPCJ é, sobretudo, possível concluir da extrema necessidade de continuar a investigar a problemática do AE sempre com o objetivo de intervir de

forma mais adequada (na escola e nas CPCJ) nos casos existentes e na prevenção da ocorrência deste fenómeno.

Importa, sobretudo, questionar de forma crítica e assertiva os casos diagnosticados de forma a entender claramente a origem do desapego destes jovens alunos à escola e às aprendizagens, as suas características e contextos de vida.

Devem, ainda, ser tidas em conta as especificidades que levam ao fracasso das intervenções com estes jovens (que repetem os seus comportamentos e não conseguem encontrar motivação para a frequência da escola), intervindo de forma informada e consciente sobre a dimensão deste fenómeno.



## Bibliografia

Ander-Egg, E. (2000). *Métodos e técnicas de investigación social – como organizar el trabajo de investigación*. Cuenca: U ediciones

Canavarro, J.M. (2007). *Para a compreensão do abandono escolar*. Lisboa: Texto Editores

Carrilho, T. (2008). Conceito de Parceria: três projectos locais de promoção do emprego. *Análise Social*, vol. XLIII, pp. 81-107. (consultado a 4.02.2013 em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218640394P7hUA1qo9Ns32NK9.pdf>)

Castro, C. F. V. (2010). *Abandono Escolar – Factores e Estratégias de Combate*. Tese de Mestrado não publicada, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal. (consultado a 25.09.2012 em: [http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/617/1/MsC\\_cfvcastro.pdf](http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/617/1/MsC_cfvcastro.pdf))

Dias, A.M. (2010). *‘Eu não desisto de aprender’ – Abandono Escolar nos jovens*. Beja: Escola Superior de Educação de Beja (consultado a 15.11.2011 em: <http://www.cpihts.com/PDF05/Ana%20Margarida%20Dias.pdf>)

Divisão de Acção Social da Câmara Municipal de Faro. (2006). *Análise da relação entre o perfil psicossocial do aluno e o abandono escolar*. Faro: Câmara Municipal de Faro (consultado a 13.12.2011 em: <http://www.cm-faro.pt/NR/ronlyres/C3F91CB4EC73494D9627A5F85200DB88/0/An%C3%A1liseRela%C3%A7%C3%A3oentrePerfilPsicossocialdoAlunoeoAbandonoEscolar.pdf>)

Esgaio, A., Hermano, C. (2010). *Intervenção local e gestão de parcerias*. Lisboa: Universidade Aberta. (consultado a 4.02.2013 em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1838>).

Gleitman, H. (1997). *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gonçalves, C. (2003). Escola e família: uma relação necessária e conflitual. In Costa, M. (coord.), *Gestão de Conflitos na Escola* (pp. 97 – 142). Lisboa: Universidade Aberta

Guadalupe, S. (2009). *Intervenção em Rede – Serviço Social, Sistémica e Redes de Suporte Social*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra

Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Cascais: Principia Editora

Lopes, M. C., et al. (2008). Abandono escolar precoce: dados de uma investigação empírica. *Revista Portuguesa de Psicologia*, Ano 42 -1, 135-151. (consultado a 25.09.2012 em <http://iduc.uc.pt/index.php/rppedagogia/article/view/1231/679>)

Medeiros, M. (2000). Conceito de Adolescência. In Medeiros, M. (coord.), *Adolescência: Abordagens, Investigações e Contextos de Desenvolvimento* (pp. 13-27). Direcção Regional de Educação

Melo, C.F. (2008). Construção de um instrumento de diagnóstico de crianças e jovens em risco de abandono escolar. Tese de Mestrado não publicada, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, Portugal. (consultado a 22.12.2011 em: [http://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/1652/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Mestrado%20\(final\).pdf](http://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/1652/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Mestrado%20(final).pdf))

Mesquita, M. (2010). A Escola sob o olhar dos alunos dos Cursos de Educação e Formação: Um Estudo de Caso num Agrupamento de Escolas do concelho de Oliveira do Hospital. Tese de Mestrado não publicada, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal. (consultado a 10.03.2013 em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1707/1/Dissertacao%20Magda%20Mesquita.pdf>)

Miguel, R. R., Rijo, D., Lima, L. N. (2012) Factores de risco para o Insucesso Escolar: A Relevância das Variáveis Psicológicas e Comportamentais do Aluno. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano 46-I, 127-143.

Oliveira, A.M. (2009). O regresso à escola dos alunos em abandono escolar - contributo de um Programa Integrado de Educação e Formação. Tese de Mestrado não publicada, Universidade Portucalense, Porto, Portugal. (consultado a 13.12.2011 em: <http://repositorio.uportu.pt/dspace/bitstream/123456789/160/1/TME%20371.pdf>)

Pardal, L. e Lopes, E.S. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores

Pereira, D. S. (org.). (2011). *Jovens de Futuro – Como boas práticas podem levar os jovens a conquistar o futuro*. Porto: Porto Editora

Quivy, R. e Campenhoudt, L.V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva

Rumberger, R.W. (2001). *Why students drop out of school and what can be done*. Santa Barbara: University of California (consultado a 13.12.2011 em: <http://education.ucsb.edu/rumberger/internet%20pages/Papers/RumbergerNRC%20dropout%20paper%20version%2012%20with%20figures.doc>)

Santos, A. A., et al. (2009). *Escolas de Futuro – 130 Boas Práticas de Escolas Portuguesas*. Porto: Porto Editora

Strecht, P. (2011). *O vento à volta de tudo – Uma viagem pela adolescência*. Lisboa: Verso da Kapa

Veiga, F., Lopes, R. (2007). *Manual de Trabalho em Rede*. Porto: Rede Europeia Anti-Pobreza (consultado a 4.02.2013 em: <http://opac.iefp.pt:8080/images/winlibimg.exe?key=&doc=73362&img=820>).

Vicêncio, A.M. et al. (2004). *Abandono Escolar*. Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (consultado a 15.11.2011 em: <http://pessoa.fct.unl.pt/amv10999/interesses/SocioEdu/TrabFinal.pdf>)

## Documentação

Comissão Europeia. (2011). *Combater o Abandono Escolar Precoce: Um Contributo Essencial para a Estratégia «Europa 2020»*. Bruxelas: Comissão Europeia. (consultado a 25.09.2012 em: [http://ec.europa.eu/education/school-education/doc/earlycom\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/education/school-education/doc/earlycom_pt.pdf))

## Legislação

Lei n.º 85/2009 de 27 de Agosto – Estabelece o regime da escolaridade obrigatória para as crianças e jovens que se encontram em idade escolar e consagra a universalidade da educação pré-escolar para as crianças a partir dos 5 anos de idade.

Lei n.º 51/2012 de 5 de Setembro – Aprova o Estatuto do Aluno e da Ética Escolar.

Lei n.º 147/99 de 1 de Setembro – Lei de protecção de crianças e jovens em perigo.

## Apêndices



## **Apêndice 1**

### **Guião de entrevista semidiretiva - jovens**

## Guião de Entrevista Semidiretiva - Jovens

<b>Blocos Temáticos</b>	<b>Objetivos específicos</b>	<b>Proposta de questão</b>	<b>Tópicos</b>
<p><b>1</b></p> <p>Legitimar a entrevista</p>	<p>Esclarecer acerca do objetivo/utilidade da entrevista.</p> <p>Motivar o entrevistado.</p>	<p>Estás interessado em participar neste estudo? Consideras o estudo importante?</p>	<p>Informar sobre as características do estudo; Pedir a sua participação, muitíssimo importante para o estudo; Assegurar a confidencialidade do estudo.</p>
<p><b>2</b></p> <p>Conceção de escola/escolarização</p>	<p>Conhecer a conceção que o jovem tem sobre a instituição escola e sobre a escolarização.</p>	<p>O que é para ti a escola? Ir à escola?</p> <p>Consideras o esforço importante para o sucesso escolar?</p> <p>Qual o papel da escola no teu futuro?</p>	<p>Perceber acerca da cultura escolar do aluno. Perceber como concebe a importância do trabalho escolar.</p>
<p><b>3</b></p> <p>Contexto familiar, socioeconómico e cultural</p>	<p>Conhecer a perceção do jovem sobre a influência da família no seu processo de escolarização.</p>	<p>Qual a opinião dos teus pais (ou outros cuidadores) sobre a escola?</p> <p>Como lidam os teus pais (ou outros cuidadores) com o facto de teres deixado a escola?</p> <p>Como foram reagindo os teus pais aos teus resultados escolares?</p>	<p>Permitir que o jovem reflita sobre e descreva a sua família e forma como vivem.</p> <p>Perceber acerca da cultura escolar da família do aluno.</p>

<p>④</p> <p>Posição da escola face ao abandono escolar</p>	<p>Conhecer a posição da escola face ao abandono escolar na ótica do jovem em abandono.</p> <p>Conhecer as medidas de prevenção e reparação da escola face ao abandono escolar.</p>	<p>O que fez a escola quando começaste a faltar?</p> <p>Já te tinham alertado para o teu excessivo número de faltas?</p> <p>Já tinham falado contigo sobre o abandono escolar? Quem o fez e como?</p> <p>Já te tinham falado sobre as consequências do abandono escolar?</p>	<p>Permitir que o jovem reflita sobre a posição e responsabilidades da escola face ao abandono escolar.</p>
<p>⑤</p> <p>Perspetivas face ao futuro</p>	<p>Conhecer as perspetivas dos alunos em abandono escolar face ao futuro.</p> <p>Saber o que pretendem fazer (ou estão a fazer) agora que deixaram a escola.</p>	<p>Já pensaste no que pretendes fazer quando deixares a escola? Pensas vir a trabalhar?</p> <p>Quando faltas à escola, faltas para ir trabalhar?</p> <p>Consideras que o que se aprende na escola te faz falta para o teu futuro profissional?</p> <p>Como concebes/imaginas o teu futuro?</p>	<p>Perceber acerca da cultura escolar do aluno;</p> <p>Perceber acerca da conceção e objetivos do aluno para o futuro.</p>
<p>⑥</p> <p>Razões/motivações para o abandono escolar</p>	<p>Conhecer as razões que levaram ao abandono escolar.</p> <p>Perceber a importância atribuída pelo jovem a essas razões e ao abandono da escola.</p>	<p>O que te levou a abandonar da escola?</p> <p>A decisão de deixar a escola foi apenas tua?</p>	<p>Permitir que o jovem reflita sobre e descreva a sua experiência enquanto aluno.</p>

<p style="text-align: center;">⑦</p> <p style="text-align: center;">Relações na Escola</p> <p style="text-align: center;">Aluno – Docentes</p> <p style="text-align: center;">Aluno – Pares</p>	<p style="text-align: center;">Perceber a importância atribuída pelo jovem aos docentes e à influência destes no seu processo de escolarização.</p> <p style="text-align: center;">Perceber a importância atribuída pelo jovem aos seus pares (colegas/amigos) e à influência destes no seu processo de escolarização.</p>	<p style="text-align: center;">Na escola existe algum professor com o qual tenhas uma relação de maior proximidade? Com quem gostas de conversar?</p> <p style="text-align: center;">Algum professor tentou falar contigo sobre o teu excessivo número de faltas? Como foi essa conversa?</p> <p style="text-align: center;">No teu grupo de colegas e amigos (mais próximos) existem mais alunos com um excessivo número de faltas?</p> <p style="text-align: center;">É importante para ti o que os teus colegas e amigos pensam sobre ti e sobre o teu desempenho na escola?</p>	<p style="text-align: center;">Permitir que o jovem reflita sobre a influência dos docentes na sua relação com a escola.</p> <p style="text-align: center;">Permitir que o jovem reflita sobre a influência do seu grupo de pares no seu comportamento e desempenho em contexto escolar.</p>
---	--	---	--



## **Apêndice 2**

### **Guião de entrevista semidiretiva - cuidadores**

## Guião de Entrevista Semidiretiva - Cuidadores

<b>Blocos Temáticos</b>	<b>Objetivos específicos</b>	<b>Proposta de questão</b>	<b>Tópicos</b>
<p><b>❶</b></p> <p>Legitimar a entrevista</p>	<p>Esclarecer acerca do objetivo/utilidade da entrevista.</p> <p>Motivar o entrevistado.</p>	<p>Está interessado em participar neste estudo? Considera que este estudo poderá ser importante?</p> <p>Considera que poderá ser valioso para a intervenção com o <i>seu menor</i>?</p>	<p>Informar sobre as características do estudo; Pedir a sua participação, muitíssimo importante para o estudo; Assegurar a confidencialidade do estudo.</p>
<p><b>❷</b></p> <p>Conceção de escola/escolarização</p>	<p>Conhecer a conceção que o cuidador tem sobre a instituição escola e sobre a escolarização.</p>	<p>O que é para si a escola? Ir à escola?</p> <p>Considera importante que o <i>seu menor</i> frequente a escola?</p> <p>Qual a importância da escola para o futuro do seu menor?</p>	<p>Perceber acerca da cultura escolar do cuidador e da forma como concebe a importância do trabalho escolar.</p>
<p><b>❸</b></p> <p>Contexto familiar, socioeconómico e cultural</p>	<p>Conhecer a estrutura e organização familiar do jovem.</p> <p>Conhecer a implicação da família no processo de escolarização do jovem.</p>	<p>Fale-me da sua experiência com/na escola. (Estudou? Até que idade/nível de ensino? Abandono escolar?)</p> <p>Que importância teve a escola na sua vida?</p>	<p>Permitir que o cuidador reflita sobre e descreva a sua família (atual e de origem) e forma como vivem.</p> <p>Perceber acerca da experiência escolar do cuidador e da cultura escolar</p>

			<p>da família do aluno.</p> <p>Perceber como o cuidador se posiciona quanto ao abandono escolar da criança/jovem e que medidas preventivas e corretivas tomou.</p>
<p>④</p> <p>Posição da escola face ao abandono escolar</p>	<p>Conhecer a posição da escola face ao abandono escolar na ótica do cuidador do jovem em abandono.</p> <p>Conhecer as medidas de prevenção e reparação da escola face ao abandono escolar.</p>	<p>Fez alguma coisa quando soube que o seu menor tinha um excessivo número de faltas?</p> <p>Já tinham falado consigo sobre o risco de o seu menor vir a estar numa situação de abandono escola? Quem o fez e como?</p> <p>Como avalia a intervenção da escola face à situação de abandono escolar do <i>seu menor</i>?</p>	<p>Permitir que o cuidador reflita sobre a posição e responsabilidades da escola face ao abandono escolar.</p>
<p>⑤</p> <p>Perspetivas face ao futuro</p>	<p>Conhecer as perspetivas dos cuidadores dos alunos em abandono escolar face ao futuro.</p>	<p>O <i>seu menor</i> abandonou a escola para trabalhar?</p> <p>O que considera importante/possível o <i>seu menor</i> fazer agora que abandonou a escola?</p> <p>Trabalhar?</p> <p>Considera possível/importante que</p>	<p>Perceber como os cuidadores perspetivam o futuro das crianças/jovens em situação de abandono.</p> <p>Perceber se consideram o abandono da escola uma alternativa segura e acertada, ou se privilegiam o regresso</p>

		o seu menor volta à escola? Considera que pode ser uma solução optar por uma nova via de ensino?	ao sistema de ensino.
<p>⑥</p> <p>Razões/motivações para o abandono escolar</p>	<p>Conhecer quais considera(m) ser as razões que levaram a criança/jovem ao abandono escolar.</p> <p>Perceber que importância atribuem a essas razões a ao abandono da escola.</p>	<p>O que levou o <i>seu menor</i> a abandonar da escola?</p> <p>Considera ter tido alguma responsabilidade/interferência na decisão do <i>seu menor</i> em abandonar a escola?</p>	<p>Permitir ao cuidador a reflexão sobre quais as razões na origem do abandono escolar e sobre a sua responsabilidade face a estas.</p>
<p>⑦</p> <p>Relações na Escola</p> <p>Cuidador – Docentes</p> <p>Cuidador – Pares</p> <p>Ou</p> <p>Aluno – Docentes</p> <p>Aluno – Pares</p>	<p>Perceber a importância atribuída pelo cuidador aos docentes e à influência destes no processo de escolarização do seu menor.</p> <p>Perceber a importância atribuída pelo cuidador aos seus pares do seu menor (colegas/amigos) e à influência destes no processo de escolarização deste.</p>	<p>Na escola existe algum professor com o qual tenha uma relação de maior proximidade? Sabe se existe algum professor com o qual o seu menor tenha mais proximidade?</p> <p>Sabe se algum professor tentou falar com o seu menor sobre o excessivo número de faltas deste? Sabe como foi essa conversa?</p> <p>No grupo de colegas e amigos (mais próximos) de seu menor existem mais alunos com um excessivo número de faltas?</p> <p>É importante para si conhecer os pares (colegas/amigos) do seu menor?</p>	<p>Permitir que o cuidador reflita sobre a influência dos docentes na sua relação com a escola e na relação do seu menor com a mesma.</p> <p>Permitir que o cuidador reflita sobre a influência do grupo de pares do seu menor no comportamento e desempenho deste, em contexto escolar.</p>

		Considera que estes influenciam o comportamento e desempenho escolar do seu menor?	
--	--	--	--



## **Apêndice 3**

### **Tabela para análise de conteúdo - jovens**

## Tabela para Análise de Conteúdo - Jovens -

<b>Categorias</b>	<b>Questões</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>
Legitimar a Entrevista	Estás interessado em participar neste estudo? Consideras o estudo importante?	Interesse/importância do estudo	E1: 'Eu acho que sim' E2: 'Sim. Agora, sim' E3: 'Sim. Acho que sim' E4: 'Sim, sim' E5: 'É interessante, vá. Importante, vá, não é muito importante' E6: 'Um pouco' E7: 'Sim' E8: 'Acho (sim)' E9: 'Sim, penso que sim'
		Interesse em participar	E1: 'Sim' E2: 'Sim' E3: 'Sim' E4: 'Sim, sim' E5: 'Estou' E6: 'Sim'



			<p>E7: 'Sim'</p> <p>E8: 'Sim'</p> <p>E9: 'Sim'</p>
<p>Conceção de escola/escolarização</p>	<p>O que é para ti a escola? Ir à escola?</p> <p>Consideras o esforço importante para o sucesso escolar?</p> <p>Qual o papel da escola no teu futuro?</p>	<p>Conceção de escola/escolarização</p>	<p>E1: 'modo de ensinar as pessoas'; 'ensinar como ter modos'</p> <p>E2: 'não sei'; 'um dever'</p> <p>E3: 'no nosso futuro nos vai fazer falta e se não formos vai ser mau porque não temos trabalho'</p> <p>E4: 'ganhar novos conhecimentos e educação'; 'crescer'</p> <p>E5: 'vai definir o meu futuro'; 'é o meu trabalho agora'</p> <p>E6: 'é um local para aprender'</p> <p>E7: 'Não é uma coisa que eu goste muito, mas, não sei'; 'Obrigação'</p> <p>E9: 'conviver com outras pessoas'; 'aprender mais para o nosso futuro'</p> <p>E9: 'onde se pode aprender'; 'conviver, socializar'</p>
		<p>Papel da escola tendo em conta o futuro</p>	<p>E1: 'É importante...depende do futuro...da profissão...é importante para ter uma'</p> <p>E2: (não consegue explicar)</p>

			<p>E3: 'possibilidade de...ir trabalhar para uma área mais importante'</p> <p>E4: 'Conhecimentos...futuro garantido'</p> <p>E5: 'acho que me pode ajudar para o futuro, arranjar trabalho'</p> <p>E6: 'obter um bom futuro...senão não vou chegar a lado nenhum'</p> <p>E7: 'oportunidades quando tiver idade para ir trabalhar'</p> <p>E8: 'Para o meu futuro de emprego'</p> <p>E9: 'penso que seja importante'; 'aprendemos a viver com os outros...aprendemos coisas básicas que são úteis no dia-a-dia'</p>
		<p>Importância do trabalho escolar</p>	<p>E1: (é importante) 'sem a escola não podemos fazer nada'</p> <p>E2: (é importante)</p> <p>E3: (é importante)</p> <p>E4: 'Claro (que é importante) Senão não se vai lá'</p> <p>E5: 'Claro' (que é importante)</p> <p>E6: 'Sim' (é importante)</p> <p>E7: 'Sim' (é importante)</p>

			<p>E8: 'Sim' (é importante)</p> <p>E9: 'Sim' (é importante)</p>
<p>Contexto familiar, socioeconómico e cultural</p>	<p>Qual a opinião dos teus pais (ou outros cuidadores) sobre a escola?</p> <p>Como lidam os teus pais (ou outros cuidadores) com o facto de teres deixado a escola?</p> <p>Como foram reagindo os teus pais aos teus resultados escolares?</p>	<p>Importância atribuída pelos cuidadores à escola/escolarização</p>	<p>E1: 'dão mais importância (que jovem)...acham muito importante'</p> <p>E2: 'sim' (cuidador considera importante)</p> <p>E3: 'me vão ajudar a tirar...a ter uma vida, melhores condições de vida'</p> <p>E4: 'acham que é importante para a nossa educação. Para o nosso futuro'</p> <p>E5: 'é o meu trabalho. Tenho que ir'</p> <p>E6: 'é um local para conviver com os colegas...sitio para aprender...saber mais'</p> <p>E7: 'pensam que a escola é boa...não sei explicar'</p> <p>E8: 'acho que é ótima...sim' (considera importante)</p> <p>E9: 'é importante...não falhar a obrigatoriedade escolar'</p>
		<p>Reação dos cuidadores ao abandono escolar e resultados escolares</p>	<p>E1: 'andaram sempre em cima de mim...muitos' (castigos)</p> <p>E2: 'foi' (chamando à atenção) 'foi' (sempre atenta ao percurso escolar)</p> <p>E3: 'foram reações más. Chatearam-se</p>

			<p>comigo...castigo, obrigaram-me a fazer coisas...para eu tentar cada vez mais...não desistir...apoiavam-me... ajudavam-me'</p> <p>E4: 'Mal...desde o 8.º ano que ando a ter mais notas...estão mais ou menos habituados. Mas eles não gostam'</p> <p>E5: 'Lidaram, lidaram mal...castigos...Bem. Não tenho más notas'</p> <p>E6: 'Achava mal. Avisava-me sempre...repreendia-me...castigos...diz-me para me esforçar mais'</p> <p>E7: 'Não reagiram bem...repreenderam...também me motivaram...(notas) boas reagem bem...más assim-assim'</p> <p>E8: 'Ao início lidou mal...deu-me na cabeça...sim (castigos)...reage bem de qualquer maneira'</p> <p>E9: 'lidaram no normal...sim' (chamadas de atenção); 'costumam estar atentos e são sempre positivos' (os resultados escolares)</p>
<p>Posição da escola face ao abandono escolar</p>	<p>O que fez a escola quando começaste a faltar?</p> <p>Já te tinham alertado para o teu excessivo número de faltas?</p>	<p>Posição e diligências da escola face ao abandono escolar</p>	<p>E1: 'Falaram comigo e pediram-me para eu continuar (a ir às aulas)...cada vez que faltava ligavam aos meus pais'</p> <p>E2: 'Só me chamaram à atenção'</p> <p>E3: 'Disseram para eu não faltar'</p>

	<p>Já tinham falado contigo sobre o abandono escolar? Quem o fez e como?</p> <p>Já te tinham falado sobre as consequências do abandono escolar?</p>		<p>E4: 'Começaram a avisar-me que isso era um caso grave'</p> <p>E5: 'Comunicou aos meus pais...informaram cada vez que faltava'</p> <p>E6: 'Chamaram-me algumas vezes...sim. E com a minha mãe.' (falaram com)</p> <p>E7: 'falar com o Diretor de Turma...ver...oportunidade para voltar às aulas...tirar as faltas'</p> <p>E8: 'Ligaram para a minha mãe, informaram...a comissão'</p> <p>E9: 'a minha Diretora de Turma foi-me avisando e alertou-me que podia vir aqui (CPCJ) parar'</p>
		<p>Papel preventivo e corretivo da escola face ao abandono escolar</p>	<p>E1: 'as vezes falavam por alto...o meu Diretor de Turma (falou sobre)...no fim da aula pediu para eu lá ficar um bocadinho...chumbar' (consequência)</p> <p>E2: 'não me diziam nada...não' (falaram sobre consequências)</p> <p>E3: 'já (tinham falado sobre número de faltas)...só depois de eu ter começado a faltar (falaram sobre abandono escolar)...Diretora de Turma...disse que...tinha que mandar os registos das faltas para a CPCJ e que podia levar a retirar-me aos meus pais...só</p>

			<p>sobre chumbar (consequência)'</p> <p>E4: 'Sim (falado sobre número de faltas e abandono escolar)...Diretora da Turma...não podia exceder o número de faltas...consequências graves...abandonar os meus pais e isso...sim (falou sobre CPC)'</p> <p>E5: 'Sim (falado sobre número de faltas e abandono escolar)...antiga Diretora de Turma...chamou a minha mãe também...explicou os problemas que eu podia ter e as consequências...assinei aquele contratos que há, para não faltar mais'</p> <p>E6: 'Sim (falado sobre número de faltas e abandono escolar)...acho que foi aqui (CPC)...lá na escola também...Diretora de Turma...professora de apoio...um policia...alertar...sim (falaram sobre consequências)'</p> <p>E7: Sim (falado sobre número de faltas)...não (falaram sobre abandono escolar)...Diretor de Turma...nas aulas...fazer serviços comunitários (consequência)'</p> <p>E8: 'Não (falaram sobre número de faltas e sobre abandono escolar)'</p> <p>E9: 'Não...nunca me tinham falado disso'</p>
--	--	--	--

<p>Perspetivas face ao futuro</p>	<p>Já pensaste no que pretendes fazer quando deixares a escola? Pensas vir a trabalhar?</p> <p>Quando faltas à escola, faltas para ir trabalhar?</p> <p>Consideras que o que se aprende na escola te faz falta para o teu futuro profissional?</p> <p>Como concebes/imaginas o teu futuro?</p>	<p>Conceção, perspetivas e objetivos para o futuro</p>	<p>E1: 'Eu quero muito ir trabalhar. Mas sem estudos não posso ir a lado nenhum...sem escola não vou ter um futuro bom'</p> <p>E2: 'Ir trabalhar. Tentar arranjar um trabalho...(como imagina o futuro) não sei mesmo'</p> <p>E3: 'acabar o 12.º ano, pelo menos...imagino-me um bocadinho assim (na faculdade)...estudar nalguma área que eu gostava'</p> <p>E4: 'gostava de ser advogada, escritora...designer...se possível...a motivação é que falta...eu sonho muito alto...imagino-me bem colocada...queria ter uma vida boa'</p> <p>E5: 'queria, gostava de seguir para o superior...audiovisuais...em Portugal é difícil imaginar um bom futuro...a trabalhar'</p> <p>E6: 'não sei...o meu futuro ainda não sei'</p> <p>E7: 'Técnico de Informática...Sim (trabalhar)...imagino-o mal (futuro)...por causa das faltas...sem estudos não dá para trabalhar'</p> <p>E8: 'Trabalhar'</p> <p>E9: 'continuar a estudar...ensino superior...acho que me vejo bem-sucedido. Com um emprego...construir família'</p>
-----------------------------------	--	--	--

		<p>Papel da escola tendo em conta o futuro profissional</p>	<p>E1: 'Sim (é importante)...tudo o que aprendemos é importante para o nosso futuro'  E2: 'Acho que sim (que é importante)'  E3: 'acena afirmativamente - (que é importante)'  E4: 'Obvio que sim (é importante)...algumas matérias'  E5: 'Sim (é importante)'  E6: 'Agora sim (acha que é importante)'  E7: 'Sim (é importante)'  E8: 'Sim (é importante)'  E9: 'Sim (é importante)'</p>
		<p>Relação entre o abandono escolar e o ingresso no mercado de trabalho</p>	<p>E1: 'Não (faltou para trabalhar)'  E2: 'Não (faltou para trabalhar)'  E3: 'Não (faltou para trabalhar)'  E4: 'Não (faltou para trabalhar)'  E5: 'Não (faltou para trabalhar)...eu estive a trabalhar à noite...até nem faltava...o desempenho...não era o mesmo'  E6: 'Não (faltou para trabalhar)'  E7: 'Não (faltou para trabalhar)'</p>



			<p>E8: 'Não (faltou para trabalhar)'</p> <p>E9: 'Não (faltou para trabalhar)'</p>
<p>Razões/motivações para o abandono escolar</p>	<p>O que te levou a abandonar da escola?</p> <p>A decisão de deixar a escola foi apenas tua?</p>	<p>Razões para ao abandono escolar</p>	<p>E1: 'Não me apetecia...influências...faltava com amigos'</p> <p>E2: 'Desmotivação...nãos nos dão aquele trabalho muito...elaborado para agente fazer'</p> <p>E3: 'Eu comecei a faltar naquela de é só uma, não faz mal...foi mesmo hábito e deixou-me à vontade'</p> <p>E4: 'nunca me integro muito com os colegas e assim...não gostava muito dos professores'</p> <p>E5: 'não sei...más influências...falso por mim, sei lá'</p> <p>E6: 'não gostava lá muito da escola...uma seca...achava melhor ficar em casa sem fazer nada'</p> <p>E7: 'Não gostava das aulas'</p> <p>E8: 'os professores...influências dos amigos'</p> <p>E9: 'só os atrasos...Nunca faltei para ir ao café, nem nada dessas coisas...moro um bocadinho afastado da escola e vou a pé'</p>

		<p>Possíveis influências na motivação/decisão de abandonar a escola</p>	<p>E1: 'Perguntavam-me e eu às vezes dizia que sim outras vezes dizia que não'  E2: 'Foi minha (decisão de faltar)'  E3: 'Não (houve influências)'  E4: 'eu sou influenciável...às vezes uma amiga minha dizia-me...e eu dizia que não...outras vezes que eu estava mesmo com vontade faltava'  E5: 'Não (houve influências)...ninguém me obriga a faltar'  E6: 'Só minha (decisão de faltar)'  E7: 'minha, mas também de um colega meu (decisão de faltar)'  E8: 'Não, não (houve influências)'  E9: (sem dados)</p>
<p>Relações na Escola</p> <p>Aluno – Docentes</p> <p>Aluno – Pares</p>	<p>Na escola existe algum professor com o qual tenhas uma relação de maior proximidade? Com quem gostas de conversar?</p> <p>Algun professor tentou falar contigo sobre o teu excessivo número de faltas?</p>	<p>Relação com docentes e influência desta</p>	<p>E1: (proximidade com docentes) 'uma senhora que é professora...e da minha professora de Matemática'</p> <p>E2: (proximidade com docentes) 'Não'</p> <p>E3: (proximidade com docentes) 'esclarecer duvidas...com a professora de Português'</p> <p>E4: (proximidade com docentes) 'o professor de Desenho'</p>

	<p>Como foi essa conversa?</p> <p>No teu grupo de colegas e amigos (mais próximos) existem mais alunos com um excessivo número de faltas?</p> <p>É importante para ti o que os teus colegas e amigos pensam sobre ti e sobre o teu desempenho na escola?</p>		<p>E5: (proximidade com docentes) 'dou bem com todos...tenho uma professora'</p> <p>E6: (proximidade com docentes) 'dou-me bem com todos'</p> <p>E7: (proximidade com docentes) 'Diretor de Turma...professor de Formação Técnica'</p> <p>E8: (proximidade com docentes) 'Diretora de Turma'</p> <p>E9: 'Diretora de Turma...é o papel dela'</p>
		<p>Diálogo com docentes sobre o abandono escolar</p>	<p>E1: (quem falou sobre) 'Diretor de Turma' (como foi o diálogo) 'uma conversa que não foi muito pesada'</p> <p>E2: (quem falou sobre) 'Diretor de Turma' (como foi o diálogo) 'ver quantas faltas é que tinha'</p> <p>E3: (quem falou sobre) 'Diretor de Turma...professora de Ciências' (como foi o diálogo) 'se eu continuasse assim que ia por um mau caminho'...'sim' (foi um aviso)</p> <p>E4: (quem falou sobre) 'Diretor de Turma...professora de Inglês...professor de Desenho' (como foi o diálogo) 'disseram-me que era preocupante a minha situação'</p> <p>E5: (quem falou sobre) 'Diretores de Turma...sim'</p>

			<p>(alertas)</p> <p>E6: (quem falou sobre) 'Diretora de Turma' (como foi o diálogo) 'Chamavam-me. Mandavam cartas para casa para reuniões'</p> <p>E7: 'Não' (nenhum diálogo com docentes sobre o abandono escolar)</p> <p>E8: 'Às vezes' (diálogo com docentes)... 'sim' (com Diretora de Turma)</p> <p>E9: 'Sim, uma professora da área de integração...sim (conversas na aula)...com os sumários reparava. Tens que ter cuidado e não sei quê'</p>
		<p>Relação com pares e influência desta</p>	<p>E1: 'É' (importância da opinião dos pares acerca de si e do seu desempenho escolar)</p> <p>E2: 'Não' (importância da opinião dos pares acerca de si e do seu desempenho escolar)</p> <p>E3: 'não costumo ligar muito...não tem qualquer influência' (o que pares pensam sobre si) 'É' (importante o que pares pensam sobre o seu desempenho académico)</p> <p>E4: 'Não muito...às vezes...não muito...eles lá e eu cá' (importância da opinião dos pares acerca de si e do seu desempenho escolar)</p>

			<p>E5: 'Não muito...quer sempre dar uma boa imagem...os meus amigos gostam de mim...não é por faltar ou não...não. Mas eu gosto de ter boas notas'</p> <p>E6: 'Nem por isso...assim-assim...gosto que pensem que sou bom aluno'</p> <p>E7: 'Sim' (é importante o que pares pensam sobre si) 'Não' (é importante o que pares pensam sobre o seu desempenho académico)</p> <p>E8: 'É' (é importante o que pares pensam sobre si) 'Não' (é importante o que pares pensam sobre o seu desempenho académico)</p> <p>E9: 'Mais ou menos' (o que pensam sobre si) 'sim. Mas gosto que me vejam como sou' (sobre desempenho escolar)</p>
		<p>Relação com pares também em abandono escolar</p>	<p>E1: 'Sim. Mas agora também já não é tanto, já não faltam muito'</p> <p>E2: 'Alguns. Agora já não faltam tanto'</p> <p>E3: 'Não'</p> <p>E4: 'Sim há, mas os motivos são diferentes...também está aqui (CPCJ)'</p> <p>E5: 'Sim'</p> <p>E6: 'Não'</p>

			<p>E7: 'Há'</p> <p>E8: 'Agora não' 'Sim' (quando também faltava)</p> <p>E9: 'de vez em quando...faltas de atraso. Mais nada'</p>
--	--	--	--

## **Apêndice 4**

### **Tabela para análise de conteúdo - cuidadores**

## Tabela para Análise de Conteúdo - Cuidadores -

Categorias	Questões	Subcategorias	Indicadores
<p>Legitimar a Entrevista</p>	<p>Está interessado em participar neste estudo?                      Considera que este estudo poderá ser importante?                       Considera que poderá ser valioso para a intervenção com o seu menor?</p>	<p>Interesse/importância do estudo</p>	<p>E1: 'Sim...às vezes sentem-se revoltados com os pais ou assim'                      E2: 'Eu acho que sim...claro'                      E3: 'Sim'                      E4: 'Com certeza'                      E5: 'Sim, é'                      E6: 'Tudo o que é para ajudar os jovens, acho que sim'                      E7: 'sim...é importante'                      E8: 'Sim, sim'                      E9: 'Sim, acho importante'</p>
		<p>Interesse em participar</p>	<p>E1: (sem dados)                      E2: (sem dados)                      E3: 'Sim'                      E4: 'Com certeza'</p>



			<p>E5: 'Claro, senão não estava aqui'</p> <p>E6: 'Sim'</p> <p>E7: 'Sim'</p> <p>E8: 'Muito'</p> <p>E9: 'Claro que sim'</p>
<p>Conceção de escola/escolarização</p>	<p>O que é para si a escola? Ir à escola?</p> <p>Considera importante que o seu menor frequente a escola?</p> <p>Qual a importância da escola para o futuro do seu menor?</p>	<p>Conceção de escola/escolarização</p>	<p>E1: 'uma coisa muito importante...tive que deixar, mas hoje se pudesse'</p> <p>E2: 'É para agente aprender...uma obrigação, tem que ser'</p> <p>E3: 'uma coisa importante...é o principal que agente dá'</p> <p>E4: 'uma obrigação...parte de construir uma sociedade mais educada...com melhor nível de estudos e a nível profissional também'</p> <p>E5: 'aprender...tomada de conhecimentos a nível social, educacional...convivência...é importante'</p> <p>E6: 'ir à escola é tudo. Se agente quer ser alguém na vida tem que ir à escola'</p> <p>E7: 'é importante para eles...futuro melhor...aprendizagem...mais tarde conseguem ter uma boa profissão'</p> <p>E8: 'no meu pensar é bom...acho a escola</p>

			<p>interessante’</p> <p>E9: ‘É um meio de ensino...comunicação dos alunos com os docentes...é onde eles passam mais tempo’</p>
		<p>Papel da escola tendo em conta o futuro</p>	<p>E1: ‘Nenhum pai, na minha opinião, gosta de ter os filhos assim sem rumo’</p> <p>E2: ‘é fundamental agente aprender, quanto mais melhor...a escola, às vezes, também não é (a única coisa importante)’</p> <p>E3: ‘Acho que tem tudo a ver com o futuro...sim (um futuro melhor)’</p> <p>E4: ‘o saber não ocupa lugar...Mesmo que no futuro não venha a aplicar tanto esses estudos, não faz diferença nenhuma saber mais’</p> <p>E5: ‘a nível profissional acho que é 100% ...a nível como formação individual...atribui uns 80% de importância’</p> <p>E6: ‘Acho que a escola para eles é tudo. Para serem alguém na vida...Que tenha melhor sorte’</p> <p>E7: ‘bastante importante...sim bases ele não vai conseguir praticamente nada’</p> <p>E8: ‘para a crianças estar mais educada...saber os perigos da vida...pessoa adulta boa. Bem-educada,</p>

			<p>bem comunicativa'</p> <p>E9: 'É bastante importante...tem que ser mesmo'</p>
		<p>Importância da frequência da escola (trabalho escolar)</p>	<p>E1: 'eu digo-lhe filha estuda, faz para ser alguém na vida'</p> <p>E2: 'Claro' (importante)</p> <p>E3: 'Sim' (importante)</p> <p>E4: 'Claro' (importante)</p> <p>E5: 'Sim' (importante)</p> <p>E6: 'Sim' (importante) 'Já que eu não pude estudar mais acho que ele devia aproveitar'</p> <p>E7: 'Considero' (importante)</p> <p>E8: 'Sim' (importante) 'fazer o 12º ano pelo menos'</p> <p>E9: 'Sim, bastante' (importante)</p>
<p>Contexto familiar, socioeconómico e cultural</p>	<p>Fale-me da sua experiência com/na escola. (Estudou? Até que idade/nível de ensino? Abandono escolar?)</p> <p>Que importância teve a</p>	<p>Experiência escolar do cuidador</p>	<p>E1: 'andava no sexto ano'</p> <p>E2: 'Estudei até ao sexto ano'</p> <p>E3: 'Até à quarta classe'</p> <p>E4: 'Até ao sexto ano'</p> <p>E5: 'Até ao 11.º...parei no 12.º...não terminei o ano</p>

	<p>escola na sua vida?</p>		<p>letivo'</p> <p>E6: 'Estudei...também não sou o melhor exemplo para ele...até à quarta classe'</p> <p>E7: 'Completei o 9.º ano'</p> <p>E8: '12.º ano...depois tirei um curso profissional'</p> <p>E9: 'Estudei...tirei o curso de secretariado'</p>
		<p>Abandono escolar do cuidador</p>	<p>E1: 'tive que sair porque a minha mãe adoeceu...agente naquela altura não tinha tanta oportunidade como eles têm agora'</p> <p>E2: 'Porque queria trabalhar...era completamente diferente, eles agora são obrigados a estudar'</p> <p>E3: 'Para guardar os meus irmãos. Tinha muitos e tinha que os guardar'</p> <p>E4: 'na altura porque não dava muito valor à escola. Valorizava muito mais o trabalho'</p> <p>E5: 'Na altura, emigrei. Casei e emigrei'</p> <p>E6: 'a minha memória já não era a mesma coisa que antes do acidente...aconselharam-me eu a parar, a não, porque eu não dava mais'</p> <p>E7: 'comecei-me a desligar um pouquinho da escola. E fui trabalhar'</p> <p>E8: 'Não havia dinheiro...Os cursos são muito</p>

			<p>caros, que eu sei'</p> <p>E9: (não se aplica)</p>
		<p>Importância atribuída à escola/escolarização tendo em conta a experiência escolar do cuidador</p>	<p>E1: 'Agente naquela altura não tinha tanta oportunidade como eles têm agora...Agente, hoje, para ser alguém na vida tem que estudar'</p> <p>E2: 'Foi bom (experiencia escolar do cuidador) ...Eu fui para a escola para aprender...Para o meu futuro...Não interfere nada com a minha profissão...Mas é importante'</p> <p>E3: 'Foi (importante)...agente sabe...aprende...é meio caminho andado na vida'</p> <p>E4: 'A nível social...memórias de estudar...saber estar, cumprir algumas coisas, aprendi a escrever e a ler, a fazer contas'</p> <p>E5: 'Foi muito importante...tomar consciência de tudo...Da sociedade...É fundamental'</p> <p>E6: 'Ao menos agente aprende a ler e a escrever. Que mais não seja'</p> <p>E7: 'Foi boa porque aprendi várias coisas'</p> <p>E8: 'foi bom em tudo...Ajudou-me a tornar mulher...educação, saber escrever, a ler'</p> <p>E9: 'Foi bastante (importante)...Para o meu futuro,</p>

			para a profissão que eu queria ter'
<p>Posição da escola face ao abandono escolar</p>	<p>Fez alguma coisa quando soube que o seu menor tinha um excessivo número de faltas?</p> <p>Já tinham falado consigo sobre o risco de o seu menor vir a estar numa situação de abandono escola? Quem o fez e como?</p> <p>Como avalia a intervenção da escola face à situação de abandono escolar do seu menor?</p>	<p>Posição do cuidador face ao abandono escolar</p>	<p>E1: 'Chamei-a logo à atenção...com o pai'</p> <p>E2: 'estou em contacto com a escola e vou muitas vezes...Estou sempre em cima dos assuntos. Não posso é andar atrás dele 24 horas por dia'</p> <p>E3: 'Eu já soube na proteção de menores. Não sabia'</p> <p>E4: 'Fiz, muita coisa...obriga-la, persuadi-la a ir...castigos...tentar negociar um pouco...motivá-la de alguma forma'</p> <p>E5: 'Fiz. Castigos lá em casa, mas não adianta muito'</p> <p>E6: 'Chamei-o à atenção...com que ele tentasse ver que a escola era boa para ele'</p> <p>E7: 'Sim...já tentamos de tudo...vir aqui à CPCJ pedir ajuda...diretamente à escola...com a psicóloga'</p> <p>E8: 'Fiquei triste com ele...Ralhei com ele...expliquei...ele depois entendeu e portou-se melhor'</p> <p>E9: 'Antes de atingir o número de faltas já eu ia</p>

			falando com ele...sempre estive a par da situação'
		Conceção do cuidador acerca da escola	<p>E1: 'escola fez bem...professores foram espetaculares, não tenho razão de queixa...professora...dela...fez tudo o que pôde...sozinha também não conseguia'</p> <p>E2: 'agiram bem em algumas partes...acho que havia de fazer mais esforço...Falado...Em conjunto para agente entender'</p> <p>E3: 'Haviam de ter avisado logo no principio...ao fim do mal feito, não há nada a fazer...não mandavam cartas, não me diziam nada'</p> <p>E4: 'penso que foi atempado...Não posso dizer que não houve quem me avisasse...O novo estatuto do estudante é que veio complicar esta situação'</p> <p>E5: 'Fizeram...eles também não podem fazer o papel de pai...Fizeram o que podiam'</p> <p>E6: 'mais que eles pudessem fazer era impossível'</p> <p>E7: 'Sim...tem havido tentativas tanto da parte da escola...para que as coisas melhorem'</p> <p>E8: 'ano passado...o Diretor de Turma não foi o mais educado...Porque implicou...este ano a Diretora</p>

			<p>de Turma é impecável...Tem-me ajudado a mim e tem ajudado a ele'</p> <p>E9: 'Em certos casos eles fazem bem, noutros podia passar por outras alternativas. Acho que devia haver...diversas medidas, adaptadas (a cada aluno)'</p>
<p>Perspetivas face ao futuro</p>	<p>O seu menor abandonou a escola para trabalhar?</p> <p>O que considera importante/possível o seu menor fazer agora que abandonou a escola? Trabalhar?</p> <p>Considera possível/importante que o seu menor volta à escola? Considera que pode ser uma solução optar por uma nova via de ensino?</p>	<p>Conceção, perspetivas e objetivos para o futuro</p>	<p>E1: 'Que fizesse pelo menos o 9.º ano...fosse para um curso que ela gostasse...Mas abandonar a escola não...Sim (possibilidade de mudar de curso)...Ela fala muita vez é no curso de arte'</p> <p>E2: 'Eu acho que a escola também devia arranjar uma forma...de incentiva-los a ter um trabalho...projetos...Sim, sim (possibilidade de mudar de curso)...Verem a característica de cada aluno e terem maneiras de...verem o que é que eles se adaptam mais'</p> <p>E3: 'Sim (possibilidade de mudar de curso)...eu queria que ela gostasse de uma coisa que estava a fazer para ser alguém na vida'</p> <p>E4: 'na idade em que ela está, está na idade de estudar...Ela está onde quer e mesmo assim sente-se desmotivada'</p> <p>E5: 'Ele está num curso...Acho importante haver alternativas que não os ocupem tanto a nível de matéria, mas sim a prática'</p>



		<p>E6: 'Eu acho que é aquilo que ele achar ou que ele goste de fazer...Sim (mais importante é frequentar escola)'</p> <p>E7: 'se ele realmente se empenhar no curso que quer...é uma mais-valia...Senão, tentar arranjar alguma coisa para fazer consoante as bases que tem...acho que ele já está no curso que queira'</p> <p>E8: 'Eu não o vou obrigar...Ele quer o curso profissional de informática. E pronto, eu vou-lhe fazer a vontade...Claro que tem (de continuar a estudar)...já falei com a Diretora de turma que é melhor pô-lo no CEF'</p> <p>E9: 'Acima de tudo estudar, sempre'...'ele está no curso que quer...relativamente à desmotivação, ele já sentiu bastante...estava bastante preocupada...mas aqui a motivação também tem que vir da escola...dos professores'</p>	
		<p>Relação entre o abandono escolar e o ingresso no mercado de trabalho</p>	<p>E1: 'Não, não. (faltou para trabalhar) Nem eu quero'</p> <p>E2: 'Ele não pode ir trabalhar...não é como antigamente...até aos dezoito anos ele não pode ir para lado nenhum'</p> <p>E3: 'Não, não. (faltou para trabalhar)'</p> <p>E4: 'Não (faltou para trabalhar)'</p>

			<p>E5: Não, não. (faltou para trabalhar)'</p> <p>E6: 'Não (faltou para trabalhar) Faltava mesmo à escola por faltar'</p> <p>E7: 'Não (faltou para trabalhar) Faltava só por faltar'</p> <p>E8: 'Não, não. (faltou para trabalhar)'</p> <p>E9: 'Não (faltou para trabalhar)'</p>
<p>Razões/motivações para o abandono escolar</p>	<p>O que levou o seu menor a abandonar da escola?</p> <p>Considera ter tido alguma responsabilidade/interferência na decisão do seu menor em abandonar a escola?</p>	<p>Razões para o abandono escolar</p>	<p>E1: 'foi as companhias e também foi ter perdido a avó'</p> <p>E2: 'acho que é talvez alguma companhia...também, não lhe apetece não vai'</p> <p>E3: 'As amigas e amigos, sei lá'</p> <p>E4: 'a personalidade, com a imaturidade dela...ela ainda é muito menina, não cresceu...falta de organização pessoal'</p> <p>E5: 'desmotivação...estarem muito tempo quietos. Estar muito tempo com uma carga horária'</p> <p>E6: 'essa situação da minha mãe (morte da avó)...Foi criado com ela a vida toda...depois o pai também o abandonou...tudo isso afeta uma criança'</p> <p>E7: 'ele não gosta muito da escola...através de colegas e assim'</p>

			<p>E8: 'Foi não gostar dos professores...Ele não gostava da maneira das aulas'</p> <p>E9: 'As faltas foram sempre ao primeiro tempo. E porque ele se atrasava...mas como ele também andava desmotivado, pronto'</p>
		<p>Possível influência/responsabilidade e na motivação/decisão de abandonar a escola</p>	<p>E1: 'Agente manda-a...agente às vezes não percebe o que vai na cabeça deles e se eles não desabafam é pior'</p> <p>E2: 'penso que não. Mas se calhar até tive'</p> <p>E3: 'Não sei, eu não sei...Eu faço de tudo para que ela não falte'</p> <p>E4: 'Não vejo como'</p> <p>E5: 'Não'</p> <p>E6: 'Não...sempre faço aquilo que posso'</p> <p>E7: 'penso que não. Se fiz alguma coisa deve ter sido inconscientemente'</p> <p>E8: 'Não'</p> <p>E9: 'Sim, talvez...eu tomo alguma medicação...podia incentiva-lo mais a ir'</p>
<p>Relações na Escola</p> <p>Aluno -</p>	<p>Na escola existe algum professor com o qual tenha uma relação de maior</p>	<p>Importância da relação com docentes e influência desta</p>	<p>E1: 'Ela fala daquela professora (de apoio)'</p> <p>E2: 'Não sei. Não faço ideia (se algum professor é mais próximo do jovem)'</p>

<p>Docentes Aluno – Pares</p>	<p>proximidade? Sabe se existe algum professor com o qual o seu menor tenha mais proximidade?</p> <p>Sabe se algum professor tentou falar com o seu menor sobre o excessivo número de faltas deste? Sabe como foi essa conversa?</p> <p>No grupo de colegas e amigos (mais próximos) de seu menor existem mais alunos com um excessivo número de faltas?</p> <p>É importante para si conhecer os pares (colegas/amigos) do seu menor?</p>		<p>E3: 'Não. Ela não diz mal de nenhum, não sei...Eu falo com todos'</p> <p>E4: 'Não...à vontade seja com que professor for...Ela gosta muito do professor de artes'</p> <p>E5: 'já falei com o Diretor de Turma...ainda não conheço os outros professores...Normalmente é com o Diretor de Turma'</p> <p>E6: 'a professora dele de apoio...Acho que ele não tem assim preferência por nenhum'</p> <p>E7: 'Diretor de Turma...falo com ele quase todas as semanas...o (professor) de tecnologias'</p> <p>E8: 'Diretora de Turma...Também é com a Diretora de Turma...gosta muito do Diretor da Escola'</p> <p>E9: 'Gosto muito de falar com a Diretora de Turma...percebi que o miúdo até é bastante comunicativo com todos'</p>
	<p>Considera que estes influenciam o comportamento e desempenho escolar do seu menor?</p>	<p>Diálogo com docentes sobre o abandono escolar</p>	<p>E1: 'Ela (professora) deve ter falado...Ela ou o Diretor de Turma'</p> <p>E2: 'Só se fosse o Diretor de Turma que o chamasse à atenção, não sei...Eu não estou lá para ver, não sei'</p> <p>E3: 'A Diretora de Turma...professora a chamou'</p> <p>E4: 'Diretora de Turma sempre se mostrou</p>

			<p>preocupada em resolver e dar alguma força e incentiva-la de alguma forma...Dar-lhe alguma orientação para ela seguir'</p> <p>E5: 'Diretor de Turma...Foi geral, para a turma toda...gastava muito tempo para falar sobre isso'</p> <p>E6: 'professor X que é aqui da proteção de menores...mesmo lá na escola...Isso não sei, foi entre eles'</p> <p>E7: 'Diretor de Turma...foi na minha frente'</p> <p>E8: 'professor do ano passado, o DT, falou...Não (sabe como foi o diálogo)...os professores devem ter mais calma e estudar primeiro o aluno'</p> <p>E9: 'Diretora de Turma...Foi numa sala'</p>
		<p>Relação com pares e influência desta (no comportamento e desempenho escolar)</p>	<p>E1: 'Sim. Mas se eles não querem (ir às aulas) que deixem os outros'</p> <p>E2: 'Ás vezes, claro...estão todos juntos é completamente diferente que ele estar sozinho'</p> <p>E3: 'eu penso que não, não sei. Acho que eles não a desviam, não sei'</p> <p>E4: 'claro que sim. Influencia sempre'</p> <p>E5: 'Ele não é muito influenciável. Mas ele influencia os outros e os outros influenciam-no a ele.'</p>

			<p>É normal'</p> <p>E6: 'Antes acreditava que sim. Agora, penso que não. As companhias às vezes também ajudam um bocadinho'</p> <p>E7: 'alguns podem ter alguma influência...Acho que há sempre influência de outras pessoas'</p> <p>E8: 'não'</p> <p>E9: 'influenciam sempre'</p>
		<p>Relação com pares também em abandono escolar</p>	<p>E1: 'Não sei...não estou assim a ver'</p> <p>E2: 'É todos...A turma ninguém aproveita nada'</p> <p>E3: 'professora disse-me que os que andavam com ela que faltavam...agora não sei'</p> <p>E4: 'eu penso que há mais um amigo ou dois'</p> <p>E5: 'Sim'</p> <p>E6: 'Não, que eu saiba, não'</p> <p>E7: 'Eu penso que sim...há mais colegas que faltam'</p> <p>E8: 'O ano passado havia...Mas este ano não'</p> <p>E9: 'sei que há alunos...alguns até já foram excluídos e não sei quê'</p>

		<p>Relação dos cuidadores com pares da criança/jovem</p>	<p>E1:  E2: 'É. Sempre' (importante conhecer pares)  E3: 'É...não tenho razão de queixa de nenhum'  E4: 'Sim'  E5: 'Claro, sim'  E6: 'Eu os colegas com que ele se dá, mais ou menos'  E7: 'Sim, apesar de não conhecer muitos'  E8: 'Claro. Eu conheço muitos, falo com eles'  E9: 'Sim, bastante' (importante conhecer pares)</p>
--	--	--	---





## **Apêndice 5**

### **Transcrição das Entrevistas**

## Transcrição das Entrevistas

**Entrevista 1**

**Data: 13.02.2013**

**Jovem**

**Sexo: Feminino**

**Idade: 15 anos**

**Duração da entrevista: 11m41s**

Entrevistador (E): A primeira pergunta que tenho para ter fazer é: se consideras este tipo de estudos importante. Se achas que vale a pena tentarmos perceber quais são as razões que levam os jovens a faltar às aulas.

Jovem (J): Eu acho que sim.

E: Achas que sim e tens interesse em participar no estudo por isso?

J: Sim.

E: A segunda pergunta é: o que é para ti a escola? Ir à escola?

J: A escola é um modo de ensinar as pessoas. De ensinar como ter modos. E nós só temos é que aproveitar. Não foi o meu caso, mas vai passar a ser.

E: Consideras que esforçares-te na escola e estares empenhada é importante para o teu futuro?

J: Sim é! Sem a escola não podemos fazer nada.

E: Qual achas se o papel da escola no teu futuro?

J: É importante... (longa pausa)

E: Consegues perceber que é importante, mas não sabes exatamente como. Não é?

J: Depende, também, do futuro. Depende do futuro que eu levar, da profissão e assim, mas é importante para ter uma.

E: Mas é importante, também, para ter uma profissão?

J: Sim.

E: Qual é que tu achas que é a opinião dos teus pais sobre a escola? Achas que pensam como tu? Se calhar, até dão mais importância ou menos.

J: Dão muito mais importância. Porque quando eram novos não aproveitaram e agora estão arrependidos. Dão muito mais. E agora acham muito importante.

E: Como achas que eles lidam com o facto de tu faltares às aulas?

Mal! Muito mal. (pausa) Principalmente o meu pai.

E: Eles lidam mal com o facto de faltares às aulas. Ficam chateados. Acham que é importante e que devias ir?

J: Sim...

E: Como é que os teus pais foram reagindo às tuas notas e ao facto de faltares às aulas? Foram-te alertando?

J: Andaram sempre em cima de mim.

E: Alguma vez te castigaram ou assim?

J: Já! Muitas!

E: Agora, em vez de o que te perguntei ser sobre os teus pais é sobre a escola. Ou seja, o que é que a escola fez quando tu comesças-te a faltar? Qual foi a primeira coisa que fizeram na escola, falaram contigo com os teus pais?

J: Falaram comigo e pediram-me para eu continuar (a ir às aulas) e depois cada vez que eu faltava ligavam aos meus pais.

E: Já alguma vez te tinham, antes de começares a faltar, alertado/falado sobre a possibilidade? Sobre o que faziam quando os alunos faltavam?

J: Já, o meu pai. Mas na escola não tanto, as vezes falavam por alto.

E: Mas o teu pai é que te ia alertando que não devias faltar às aulas?

J: (silencio, acena afirmativamente)

E: Já alguma vez alguém tinha falado contigo sobre o abandono escolar?

J: Já. O meu Diretor de Turma.

E: E como é que ele fez? Chamou-te a alguma sala...

J: Não! No fim de uma aula pediu para eu ficar lá um bocadinho. E eu fiquei. Não tinha nada para fazer na rua, fiquei lá. E ele falou comigo.

E: Ele quando teve essa conversa contigo, ou alguém lá na escola, já te tinham dito quais eram as consequências? Por exemplo, vir aqui para a CPCJ ou chumbares?

J: Sim, chumbar.

E: Depois: tu já alguma vez pensaste no que gostavas de fazer quando deixasses a escola? Continuar a estudar, tirar algum curso? Gostavas de ir trabalhar?

J: Eu quero muito ir trabalhar. Mas sem estudos não posso ir a lado nenhum.

E: Os obrigatórios, pelo menos, não é?

J: (silencio, acena afirmativamente)

E: Quando faltas à escola, alguma vez faltaste para ir trabalhar?

J: Não.

E: Percebes que há alunos que faltam porque têm que ir trabalhar? É por isso, que te faço esta pergunta.

E: Consideras que o que aprendes na escola é importante para o que tu quiseres fazer, para a tua profissão?

J: sim. Qualquer disciplina, tudo o que aprendemos, é importante para o nosso futuro.

E: Como é que tu vês o teu futuro? Quando pensas na tua vida, no que vais fazer quando fores mais velha?

J: Eu quando estava a faltar, pensava que a escola não servia para nada. Mas depois, ao fim de vir aqui (CPCJ), fez-me perceber que sem escola não vou ter um futuro bom. Vou ter trabalhos assim mais pesados e ganhar pouco.

E: O que é que te levava a faltas às aulas, quando faltavas?

J: Não me apetecia, às vezes. Era por influências, também, faltava com amigos.

E: Essa decisão era apenas tua? Tu é que decidias faltar, ninguém te influenciava?

J: Perguntavam-me e eu às vezes dizia que sim outras vezes dizia que não.

E: Já estamos a chegar ao fim. Na escola existe algum professor com o qual tenhas mais proximidade? Com quem gostas mais de conversar ou desabafar?

J: Há uma senhora que é professora de dois deficientes lá da minha turma. Gosto muito dela e da minha professora de matemática.

E: É uma professora do ensino especial, não é?

J: É.

E: Quando essa professora ou o Diretor de Turma falou contigo sobre o número de faltas que estavas a ter, que era muito elevado, como foi essa conversa? Mais a ralar...

J: Não! Ele (Diretor de Turma) nunca foi de ralar, só quando nos portamos mal na aula ou assim. Mas foi uma conversa que não foi muito pesada. Foi um pouco mas não foi muito, porque eu também não gostava de ouvir 'ralhetes'.

E: Se fosse a ralar ainda ias ligar menos? Ias ficar chateada?

J: claro.

E: No teu grupo de amigos mais próximos, já percebemos que sim, há outros colegas que também faltam às aulas?

J: Sim. Mas agora também já não é tanto, já não faltam muito.

E: Também já foram alertados?

J: Sim.

E: Para ti é importante o que os teus amigos e colegas pensam sobre ti?

J: É.

E: E das tuas notas e do teu desempenho na escola?

J: Alguns é.

E: Quando tu dizes que sim, como é? Ficas contente, se eles acharem que estares a ir à escola é bom?

J: Eu fico contente porque é sinal que se preocupam comigo e com o meu futuro. Para eu ter um bom futuro.

E: Tens alguma coisa que queiras dizer sobre estas perguntas? Ocorreu-te mais alguma coisa. Há alguma coisa que queiras dizer sobre a escola ou esta questão do abandono?

J: Não.

E: Obrigada!

### **Cuidador (Mãe)**

**Duração da entrevista: 13m39s**

Entrevistador (E): A primeira pergunta é se acha importante fazerem estas investigações, para perceber porque é que eles faltam?

Cuidador (C): Sim!

E: Considera que se estudarmos isto e percebermos bem porque é que eles estão a faltar, conseguimos ajuda-los?

C: De certa forma sim. Pronto, há crianças que se sentem rejeitadas pelo que quer que seja e revoltada e depois, isso os leva a faltar à escola. Ela pronto, na minha opinião, ela foi influenciada mas também ela perdeu a madrinha dela. Era uma pessoa que ela gostava muito e ela ficou muito triste, pronto. E, no meu ponto, devia de ser isso. E ela sentia-se revoltada por causa que a madrinha era nova e ela gostava dela e elas tinham planos as duas, pronto, de fazer muita coisa juntas. E ela sentia-se assim um bocado em baixo. Ela sempre foi boa na escola, teve boas notas, não faltava. Pronto, era uma coisa excepcional. Eu dizia assim: esta aqui degenerou. Os irmãos, pronto, saíram cedo da escola e assim. Esta aqui não, dizia que ia tirar um curso e seguir a vida, dizia 'esta vida não é para mim'. Porque ela sabes que a gente no campo trabalha muito e para se ter alguma coisa é de dia e de noite. Ela sempre disse 'mãe eu não quero esta vida'...

E: Ela tinha as prioridades dela, não é?

C: E agora, pronto. Fui muito ela ir abaixo.

E: Então se nós conhecermos essas razões, podemos ajuda-los?

C: Sim, às vezes sentem-se revoltados com os pais ou assim.

E: E se nós soubermos o que é, podemos ajudar?

C: Eu digo que havia de haver assim umas escolas com um psicólogo. Para quando elas estão assim coiso, tentar ajudar. Eu no meu outro filho não tive essa ajuda.

E: Tal como perguntei à sua filha, que é para si a escola? Ir à escola?

C: Para mim é uma coisa muito importante. Eu, pronto, tive que sair porque a minha mãe adoeceu e eu era a única rapariga, quer dizer, o meu irmão era rapaz não se

desenrascava tão bem. E tive que deixar, mas hoje se pudesse... (pausa) só que como eu estou doente, não dá nem para trabalhar nem para estudar. E tenho também os meus filhos mais pequenos, alguém tem cuidar deles.

E: Agora já está noutra fase da sua vida. Não é? Mas considera importante para a sua filha ir às aulas?

C: Eu digo para ela: 'filha estuda, faz para ser alguém na vida. Tu vêes que o pai e a mãe fartam-se de andar aqui para tu seres alguém na vida'. Nenhum pai, na minha opinião, gosta de ter os filhos assim, sem rumo.

E: Eu tinha aqui uma pergunta sobre como foi a sua vida na escola. Já me disse que teve de abandonar. Que idade tinha, mais ou menos? Em que ano andava?

C: Eu quando deixei o ano em que eu estava. Isto também já foi aos anos. Mas andava no sexto ano. Mas se coiso, não tinha deixado. Porque eu gostava muito da escola. Até a quarta classe nunca chumbei. Pronto, eu gosto da escola e de aprender. E sempre os incentivei a eles.

E: Exato!

C: Agente naquela altura não tinha tanta oportunidade como eles têm agora. Na altura os pais tinham de comprar tudo, agora eles têm os subsídios e essas coisas. Eles deviam era aproveitar mais.

E: A escola foi importante para si, apesar de...

C: (interrompe) Sim! Agente, hoje, para ser alguém na vida tem que estudar, tem que fazer sacrifícios. Porque senão, de outra maneira, não vai lá. Porque da maneira como isto está...

E: Claro! Até para quem estuda é difícil...

C: (interrompe) Quanto mais para quem não estuda. Pior é!

E: Depois, quando soube que a sua filha começou a faltar, a ter este número excessivo de faltas, o que é que fez? Fez alguma coisa?

C: Chamei-a logo à atenção. Mesmo com o pai.

E: Já tinham falado consigo na escola, ou assim, sobre o que podia acontecer?

C: A mim não, a ela já. A professora X disse que ela precisava de apoio, porque ela em algumas coisas tinha dificuldade. Pronto e ela (a professora) lá andou e arranjou. Só que agora, pronto, eu não sei o que se passou... Eu senti-a...digo 'então filha o que é que tens?' e ela 'nada, não tenho nada'. Ela não fala, mas eu senti que alguma coisa...

E: Que algo de estranho se andava a passar?

C: Sim. Porque ela não era assim.

E: houve uma mudança, não é?

C: (acena afirmativamente)

E: E como é que acha que a escola interveio com ela. A escola fez bem que o deviam ter feito mais cedo?

C: A escola fez bem. Os professores foram espetaculares, não tenho razão de queixa nem de uns nem de outros. Prontos.

E: Estão a fazer pelo bem dela, não é?

C: Sim. A professora dela diz que fez tudo o que pôde, tudo o que esteve ao alcance dela para a ajudar o máximo que podia, pronto. Ela também ajudou, só que uma professora sozinha também não conseguia.

E: Exato.

J: Tinha de ter a ajuda dela. (da jovem)

E: Portanto, ela não abandonou a escola para ir trabalhar?

J: Não, não. Nem eu quero.

E: Exato.

J: Enquanto eu e o pai pudermos.

E: Se ela abandonasse a escola o que é que achava importante ela fazer? Voltar à escola ou

J: (interrompe) Que fizesse pelo menos o 9.º ano. Que fizesse o 9.º ano e depois que fosse para um curso que ela gostasse, ou que, pronto. Mas abandonar a escola não, não acho certo, pronto. Que eles agora têm aqueles apoios, aquelas facilidades, pronto. Agente antigamente não tinha.

E: Portanto, acha importante que ela esteja na escola?

C: Sim. (pausa) E ela no que andava a fazer, pronto. Não andava bem. Ia dar uma cabeçada.

E: Acha que, se calhar, era importante se ela começar, por exemplo imagine que ela agora começava a faltar (e isto é só para este estudo) acha que era importante ela ir por uma via de ensino diferente, se ela gostasse ou assim, mas continuar a ir. Não é, nem que ela tivesse que ir para outro curso?

C: Sim. Ela fala muita vez é no curso de arte. Porque ela gosta muito de desenhar, de pintar.

E: Exato.

C: Ela, pronto, fez duas telas bonitas. Eu dei-lhe o dinheiro para comprar as telas e coiso, pronto. E agente tem pena de ver pessoas, logo com ele, com, como é que hei-de dizer?

E: Com jeito, não é? Com talento?

C: Sim. Com talento e andar assim a perder.

E: Ela é importante que continue a estudar, mesmo que seja nessa área, não é?

C: Sim.

E: O que é eu acha que a levou a começar a faltar às aulas?

C: Na minha opinião foi as companhias e também foi ter perdido a madrinha. Que ela gostava muito dele. Quando ela chegou a casa que eu lhe disse, que eu estava a chorar, ela perguntou então mãe o que foi e eu, foi a tua madrinha que já morreu.

E: Ela era muito próxima?

C: Era. Ia para todo o lado com ela. Ia para a praia com ela. O padrinho vinha busca-la a casa, levava-a para lá, estava lá um mês, ou coiso. Era sempre assim.

E: Era muito importante e ela ficou desorientada e também com menos vontade de ir à escola?

C: Era.

E: Considera que a senhora e o seu marido não tiveram nenhuma responsabilidade no ela faltar às aulas?

C: Agente manda-a. Dá-lhe o dinheiro para tomar o pequeno-almoço, pronto. Mandava-a para a escola, quando às vezes ligavam para lá a dizer que ela coiso eu quando ela chegava dizia, 'oh x tu fizeste isto'. Mas pronto, agente às vezes não percebe o que vai na cabeça deles e se eles não desabafam é pior.

E: Exato.

C: Porque ela tinha sempre boas notas, pronto. Este tempo é que foi.

E: Houve, assim, este contratempo. Não é?

C: Pois.

E: Na escola existe algum professor de quem saiba que ela é mais próxima?

C: Sim, ela agora. Ela fala daquela professora.

E: Do apoio, não é?

C: Sim.

E: E sabe se algum professor falou com ela?

C: Ela deve ter falado. Devia ter falado. Ela ou o Diretor de Turma, uma excelente pessoa, é a minha crença é que podia ter sido ele o primeiro.

E: E acha que essa conversa foi, assim, uma conversa a chamá-la à atenção?

C: Sim, sim. Pois, já sabe, que esta malta não veem as consequências das coisas. Só que ela agora viu que não andava bem e que pronto. (pausa) Às vezes demora a verem que estão a portar-se mal.

E: Depois, sabe se no grupo de amigos dela e de colegas há mais alguém a faltar às aulas, como ela?

C: Não sei. A única que eu sabia era uma Rute. Mas, assim coiso, não estou assim a ver.

E: Mas ela já não se dá com ela?

C: Não tanto. Mas elas às vezes falam e vão as duas na carrinha e, mas já não é tanto como era.

E: Considera que estes amigos influenciam o comportamento dela?

C: Sim. Mas se eles não querem (ir às aulas) que deixem os outros.

E: Exato. Tem mais alguma coisa que gostasse de acrescentar?

C: Não, eu não.

E: Então, obrigada!

## Entrevista 2

Data: 18.02.2013

### Jovem

**Sexo: Masculino**

**Idade: 16 anos**

**Duração da entrevista: 7m1s**

Entrevistador (E): A primeira pergunta que tenho para te fazer é: se consideras este tipo de estudos importante? Se é isso que te leva a querer participar, se estás interessado em participar?

Jovem (J): Sim. Agora, sim.

E: Consideras importante, tentarmos saber o que é leva os jovens a faltar às aulas?

J: Sim.

E: O que é para ti a escola? Frequentar a escola?

J: Não sei...

E: É uma obrigação? É um dever?

J: É um dever.

E: É algo que, para ti, tem vantagens para o teu futuro? Tu achas que o trabalho que fazes na escola é importante?

J: É!

E: E é isso que te leva a frequentar a escola?

J: Sim.

E: O facto de, não ser só um dever, mas também poder contribuir para teres um futuro melhor e mais opções no teu futuro.

J: (acena afirmativamente)

E: Tu consegues imaginar o papel da escola no teu futuro? Para o que te vai servir depois?

J: Acho que sim... (encolhe os ombros)

E: Achas que consegues mas não sabes, muito bem, explicar?

J: É mais ou menos isso.

E: Qual é a opinião, neste caso, da tua mãe sobre a escola? Qual é que achas ser a opinião dela?

J: (silêncio)

E: Achas que ela considera a escola importante?

J: Sim.

E: Que deves frequentar?

J: Sim.

E: Como é que a tua mãe foi lidando com o facto de tu faltares às aulas?

J: (silêncio)

E: Ela foi-te chamando à atenção? Foi-te perguntando o que é que tu fazias e para onde ias?

J: Foi.

E: Podes desenvolver!

J: (encolhe os ombros)

E: E quanto às tuas notas? A tua mãe foi sempre atenta ao teu percurso escolar?

J: Foi, foi!

E: Na escola, o que fizeram quando começaste a faltar?

J: Só me chamaram à atenção.

E: Só te chamavam à atenção. Já alguma vez te tinham alertado que estavas a ter um número muito excessivo de faltas e que podias vir a estar numa situação de abandono escolar?

J: Não, não me diziam nada.

E: Nunca te falaram sobre quais seriam as consequências do abandono escolar?

J: Não!

E: Tu já pensaste o que pretendes fazer quando deixares a escola?

J: Ir trabalhar. Tentar arranjar um trabalho.

E: Então, assim que acabar o ensino obrigatório, essa é a tua opção? Não é?

J: (acena afirmativamente)

E: Quando faltas às aulas, alguma vez faltaste para ir trabalhar?

J: Não.

E: Faltavas porquê? Para fazer o quê?

J: Ia para casa.

E: Como já te tinha perguntado há pouco, e agora pensando sobretudo no teu futuro profissional, tu achas que o que aprendes na escola te vai ser útil quando tiveres uma profissão, seja ela qual for?

J: Acho que sim.

E: Agora uma pergunta para pensares um bocadinho mais: como é que tu imaginas o teu futuro?

J: (silêncio) Não sei!

E: Mais a longo prazo. Daqui a uns dez anos, mais ou menos, o que te vês a fazer?

J: (silêncio) Não sei, mesmo.

E: Qual foi a razão, ou as principais razões, que te levaram a faltar à escola? Faltar às aulas?

J: Desmotivação.

E: Não gostas das aulas, da escola?

J: Gostar, gosto. Mas não e ... não nos dão aquele trabalho muito ... muito elaborado para agente fazer.

E: Então, se o trabalho fosse diferente provavelmente frequentavas as aulas? Até tens interesse nisso?



J: Sim!

E: A decisão de começares a faltar às aulas foi apenas tua ou houve algum tipo de influência?

J: Foi minha.

E: Na escola existe algum professor de quem tu sejas mais próximo, com quem gostes mais de falar? Colocar questões?

J: Não.

E: Algum professor tentou falar contigo sobre o teu número elevado de faltas?

J: Não. Só me Avisaram, mesmo.

E: E quem é que te avisou?

J: O Diretor de Turma.

E: E como é que foi esse aviso?

J: Só me disse que eu tinha ... fui lá ao computador ver quantas faltas é que tinha e por aí fora. E ele disse.

E: Portanto, ele chamou-te à atenção, falou contigo mas não foi, assim, uma conversa muito aprofundada?

J: Sim.

E: No teu grupo de colegas e amigos, aqueles que te são mais próximos, também faltam às aulas?

J: Alguns. Agora já não faltam tanto.

E: Também foram alertados?

J: É. Sim. (risos)

E: É importante para ti o que os teus colegas pensam sobre ti e sobre o teu desempenho escolar?

J: Não!

E: Não? Mesmo que tu passasses a ir às aulas regularmente a cumprires com as tuas obrigações, se os teus amigos faltassem e te dissessem que ias lá perder tempo, continuarias a ir? Não é a opinião deles que te influencia?

J: Não!

E: Há mais alguma coisa que queiras acrescentar? Sobre a escola, sobre esta situação de abandono escolar?

J: Não.

E: Obrigada!

### **Cuidador (Mãe)**

**Duração da entrevista: 10m10s**

Entrevistador (E): A primeira pergunta que eu tenho para lhe fazer é se considera este tipo de estudos importante? Ou seja, se considera importante nós tentarmos saber o que é que leva os jovens a faltar às aulas?

Cuidador (C): Eu acho que sim.

E: Portanto, considera que é importante nós termos estas informações para conseguirmos intervir melhor com eles?

C: Claro!

E: E conseguirmos ajudar a resolver a situação?

C: Exato.

E: Acha que isto vai ser importante também para a situação do seu filho?

C: É assim, eu é a primeira vez que ando nestas andanças (processo na CPCJ). Não sei se é bom se não é. É assim, eu acho que não era preciso chegar a tanto porque ele era

só faltar de vez em quando, não é...não se comporta mal, nem...pronto, não há problema nenhum, só mesmo ele às vezes faltar.

E: Tendo em conta que há muitos alunos, não só o seu filho, que faltam às aulas é importante tentarmos perceber porque é que eles faltam para os podermos ajudar?

C: Exato, exato. Eu acho que deve haver uma desmotivação qualquer, primeiro que os faça fazer isso, não sei.

E: Acha que se soubermos o que é podemos compensar?

C: Claro.

E: A pergunta que tenho a seguir é: o que é para si a escola? Ir à escola?

C: O que é ir à escola? É para agente aprender, não é. É uma obrigação, tem que ser. Basicamente acho que é isso.

E: Considera importante que o seu filho vá às aulas? Quer que ele vá às aulas?

C: Claro.

E: Qual é, assim, a importância que, pensando no futuro dele, qual a importância que atribui à escola?

C: É assim eu, muito sinceramente, às vezes nem sei explicar agora. Como é que agente há-de explicar isto? É assim, é fundamental agente aprender, quanto mais melhor. Só que o estudo também não é...é importante, mas também o agente trabalhar e o... como é que eu hei-de explicar? Trabalhar e ficar ativo nessa coisa, às vezes, a escola. A escola, às vezes, também não é... (pausa)

E: Não é a única coisa importante?

C: Exatamente.

E: No entanto, considera importante

C: (interrompe) É, é importante.

E: Para o futuro dele, é importante?

C: Claro.

E: Agora sobre a sua experiência na escola, não sobre a do seu filho. A senhora estudou?

C: Estudei até ao sexto ano.

E: Até ao sexto ano, pronto. Mas abandonou a escola porque razão?

C: Porque queria trabalhar. Na minha altura era completamente diferente, agora eles são obrigados a estudar. Na nossa altura se agente quisesse estudar, estudava, se não quisesse estudar iríamos ter um trabalho e começávamos na...num trabalho.

E: Porque não havia ensino obrigatório?

C: Não. Era completamente diferente.

E: Que importância é que a escola teve na sua vida?

C: Foi bom. Não é? Eu fui para a escola para aprender. Fui para aprender...

E: E o que foi importante para o seu futuro? As coisas que aprendeu lá?

C: Para o meu futuro, digamos que é assim, não. Não interfere nada com a profissão que eu tenho, nem nada. Não. Mas é importante.

E: Depois: quando soube que o seu filho andava a faltar às aulas, fez alguma coisa?

C: É assim, eu sempre estou em contacto com a escola e vou muitas vezes. Portanto, eu interesse-me por tudo o que é relativo a ele. Estou sempre em cima dos assuntos. Não posso é andar atrás dele 24 horas por dia.

E: Claro.

C: Ele falta é porque...porque...(pausa) Eu acho que não está correto, agora o motivo porquê não sei. Ele é que tem que dizer o motivo, mas eu estou sempre a dizer que não queria que ele fizesse isso. Não é? Mas não está ao meu alcance.

E: Na escola já tinham falado consigo sobre a possibilidade de ele vir a ficar numa situação de abandono escolar?

C: Sim, sim. E está! Ele já não está na turma. Ele já está no, num...

E: Num plano de recuperação?

C: Exatamente.

E: Quem é que falou consigo?

C: O Diretor de Turma.

E: E como é que ele o fez?

C: Como é que ele fez...ele só me telefonou a dizer que tinha que fazer a papelada para a proteção de menores e não sei quê. E eu não consigo fazer mais. Eu o que posso fazer faço, aí já não está nas minhas mãos.

E: Também pode ter aqui (CPCJ) uma ajuda. Não é?

C: Eu acho que sim.

E: Pode ser uma ajuda?

C: Eu acho que devíamos falar melhor. Como eu propus, conhecer os professores, que agente não conhece os professores. Agente só conhece o Diretor de Turma. Eu gostava de conhecer os professores, ouvir da boca deles o que é que se passa. E agente não, não sabe nada dessas coisas. Não é? E eu acho que à vezes também passa um bocadinho pelos professores incentivarem e...sei lá, incentivarem e essas coisas, os alunos e acho que, às vezes, se calhar isso não acontece.

E: Motiva-los para a escola?

C: Exatamente. Eles se calhar às vezes não gostam. Não é?

E: Nesse sentido, como avalia esta postura da escola face ao abandono escolar? Considera que eles agiram bem? Que deviam ter feito mais alguma coisa?

C: É assim, agiram bem em algumas partes, mas noutras eu acho que, acho que havia de fazer mais esforço.

E: Por parte da escola?

C: Sim. Não é? Depois acontece isto e começam logo a descartar e sai da turma e não sei das quantas. E fazem estas coisas todas que eu acho que nem era por aí. Penso eu, mas...

E: Acha que eles deviam ter agido de outra maneira?

C: Acho. Falado ou, sei lá, não sei. Em conjunto para agente entender, que agente não entende.

E: Tendo em conta que nós sabemos que alguns jovens deixam a escola para ir trabalhar

C: (interrompe) Claro.

E: Essa foi a situação do seu filho?

C: Ele trabalhar não pode ir. Porque agora ninguém, não é como antigamente. Agora eles têm que, até aos dezoito anos ele não pode ir para lado nenhum.

E: Tem que estar na escola?

C: Ele tem dezasseis, tem mesmo que estar na escola obrigatoriamente.

E: Se

C: (interrompe) Eu acho que a escola também devia arranjar uma forma de, já que eles não gostam de estudar, de incentiva-los a ter um trabalho. Incentiva-los com projetos e com coisas para que eles possam ir e até gostarem de lá estar a trabalhar. Pronto, deviam de haver outras coisas.

E: Nesse sentido, acha que é importante para eles voltarem à escola e estarem motivados na escola, por exemplo fazer vias de ensino diferentes. Cursos?

C: Sim, sim. Exato.

- E: Para estarem mais de acordo com as suas
- C: (interrompe) Sim. Verem a característica de cada aluno e terem maneiras de...pronto, verem o que é que eles se adaptavam mais. A isto ou aquilo.
- E: Depois, consegue apontar alguma razão que conheça ou que desconfie ter lavado o seu filho a abandonar a escola a começar a faltar?
- C: Eu acho que é assim isso só ele poderá responder. Mas eu acho que, eu a meu ver acho que é talvez alguma companhia ou, também, o não lhe apetece não vai, pronto.
- E: Desmotivação, não é?
- C: E eu estou farta de lhe dizer que não é assim. Agente não nos apetece muita coisa e temos que ir.
- E: Considera que teve alguma responsabilidade no facto de ele começar a faltar às aulas?
- C: Eu penso que não, mas se calhar até tive. Errei, se calhar, nalguma coisa, não sei. Mas eu penso que não.
- E: Mas considera que não?
- C: Eu todos os dias lhe digo para ele estar atento, para ele trabalhar, para isto, para aquilo. Não é por falta de eu lhe dizer todos os dias.
- E: Na escola, sabe se o seu filho tem alguma relação mais próxima com algum professor? Com que ele goste mais de desabafar.
- C: Não sei. Não faço ideia.
- E: Sabe se já algum professor tentou falar com ele sobre este número de faltas excessivo, sobre o abandono escolar?
- C: Só se fosse o Diretor de Turma que o chamasse à atenção. Não sei.
- E: Não tem a certeza, não é?
- C: Eu não estou lá para ver, não sei.
- E: No grupo dos colegas e dos amigos do seu filho, sabe se existem mais alunos a faltar às aulas?
- C: É todos. (pausa) A turma ninguém aproveita nada. Portanto alguma coisa aí, eu já disse se é a turma toda que não tem aproveitado nada eu acho que há qualquer coisa que não está, que não deve estar a correr bem. É o meu pensar. Porque se é um ou dois ainda dizia pronto realmente, mas é todos no geral...não sei.
- E: Alguma coisa se deve passar, não é?
- C: Exatamente.
- E: é importante para si conhecer os colegas e os amigos do seu filho?
- C: É. Sempre.
- E: E tenta conhece-los?
- C: (acena afirmativamente)
- E: Considera que estes influenciam o comportamento
- C: (interrompe) Às vezes, claro. Se estão todos juntos é completamente diferente que ele estar sozinho.
- E: As questões que eu tenho, são estas. Tem alguma coisa que gostasse de dizer, mais? Sobre este assunto?
- C: Olhe, não. Eu, é assim, como eu disse acho que havia de haver um esforço um bocadinho maior para agente arranjar soluções e ver o que se poderia fazer ou não. Mas, às vezes, pouco ou nada falam connosco. Só nos telefonam a dizer, olhe é porque ele falta ou isto ou aquilo, mas também, não sei, não sei o que lhe diga.
- E: Devia haver mais proximidade?
- C: Sim.
- E: Uma relação mais próxima entre a escola e a família do aluno?

C: É. Eu acho que sim.

E: Obrigada!

C: De nada.

### Entrevista 3

Data: 20.02.2013

#### Jovem

Sexo: Feminino

Idade: 14 anos

Duração da entrevista: 9m44s

Entrevistador (E): A primeira pergunta que tenho para te fazer é se consideras importante este tipo de estudos? Nós tentamos saber quais são as razões que levam os alunos a faltar às aulas?

Jovem (J): Sim. Acho que sim.

E: E estás interessada em participar?

J: Sim.

E: Depois, o que é para ti a escola? Ir à escola?

J: Acho que é uma coisa que no nosso futuro nos vai fazer falta e se não formos vai ser mau porque não temos trabalho.

E: Consideras o esforço importante para o teu sucesso escolar?

J: Sim.

E: E quando tu pensas no teu futuro, qual é o papel que andar na escola hoje tem para o teu futuro? É importante?

J: Pode repetir a pergunta?

E: É assim, qual é o papel que a escola tem para o teu futuro? Ou seja, o facto de tu andares hoje na escola

J: (interrompe) Vai-me dar a possibilidade de, se calhar, de tirar um e ir trabalhar para uma área mais importante do que, se calhar, pronto, trabalhar num café ou...

E: Ter melhores possibilidades. Não é?

J: Sim.

E: Qual é que tu achas que é a opinião, no caso, da tua mãe, dos teus pais, sobre a escola?

J: Que me vão ajudar a tirar, prontos. Ajudar, prontos, a ter uma vida, melhores condições de vida.

E: Como é que os teus pais foram lidando com o facto de tu estares a faltar às aulas?

J: Foi. Foram reações más. Chatearam-se comigo, puseram-me, muitas vezes, meteram-me de castigo, obrigaram-me a fazer as coisas e essa situação. Mas agora já não é assim.

E: Eles estiveram sempre atentos aos teus resultados na escola?

J: Sim.

E: E como é que eles foram reagindo?

J: Quando eu tinha boas notas diziam para eu tentar cada vez mais, mas nos negativos diziam para eu não desistir porque...

E: Apoiavam-te?

J: Apoiavam-me sim e ajudavam-me. Eles não têm muito, pronto, não têm a escolaridade que eu tenho. Eles têm a quarta classe e portanto não ajudam muito.

E: Exato. Não têm capacidade para te ajudar?

J: Sim.

E: O que é que a escola fez quando tu começaste a faltar?

J: Disseram para eu não faltar.

E: Já te tinham alertado para o teu número excessivo de faltas?

J: Já.

E: Já tinham falado contigo sobre o abandono escolar?

J: Não. Só falaram depois de eu ter começado a faltar.

E: E como é que foi essa conversa? Quem é que falou contigo?

J: A minha Diretora de Turma.

E: Como foi essa conversa? Ela chamou-te a um gabinete no fim da aula?

J: Ela disse que se eu continuasse a faltar tinha que, prontos, tinha que mandar os registos das faltas todas para a CPCJ e que podia levar ao retirar-me aos meus pais.

E: Já te tinham falado, portanto, nas consequências do abandono? Quando ela teve essa conversa contigo referiu que estas podiam ser algumas das consequências. Falou de outras?

J: Não. Só sobre chumbar.

E: Uma consequência da escola?

J: Sim.

E: Tu já pensaste no que pretendes fazer quando deixares a escola? Se queres ir trabalhar? Se queres continuar a estudar? Quando deixares a escola, isto é, quando acabares o ensino obrigatório?

J: sim. Eu estou a pensar em acabar o 12.º ano, pelo menos. Depois ainda (pausa)

E: Ainda não sabes, não é?

J: Sim.

E: Quando faltas à escola, alguma vez faltaste para ir trabalhar?

J: Não.

E: Consideras que o que aprendes na escola te faz falta para o teu futuro profissional?

J: (acena afirmativamente)

E: Como é que imaginas o teu futuro? Daqui a uns aninhos?

J: Eu quando, pronto. Eu tenho amigas na universidade e gosto de as ver, prontos, com os trajes e tudo. E imagino-me um bocadinho assim. A estudar nalguma área que eu gostava.

E: Já tens alguma área ou profissão que tu gostasses de seguir?

J: Arquitetura. Mas com as notas que eu tenho, pronto.

E: Tens de te esforçar. Só depende de ti.

E: Então qual foi, quais foram as principais razões que te levaram a faltar às aulas?

J: Eu comecei a falar naquela do é só uma, não faz mal. Mas como nunca tinha faltado até ao 7.º ano eu pensei, foi só uma não custa nada continuar a faltar. E foi isso. Foi mesmo hábito e deixou-me à vontade.

E: Essa decisão foi só tua?

J: Sim.

E: Houve alguma influência?

J: Não.

E: Na escola, existe algum professor com quem tu tenhas mais proximidade? Com quem gostes mais de desabafar, de esclarecer dúvidas?

J: Não é desabafar, mas esclarecer dúvidas e, prontos, falar mais à-vontade e, prontos, falar de outros assuntos é com a professora de Português.

E: Algum professor, já me disseste que a Diretora de Turma é que falou contigo sobre o teu número excessivo de faltas. Mais algum professor falou contigo?

J: Só a professora de ciências.

E: Também teve essa iniciativa?

J: Disse que eu tinha boas positivas mas também tinha negativas. E que, prontos, se eu continuasse assim que ia por um mau caminho.

E: E essa conversa foi em tom de aviso? Foi mais para chamar à atenção?

J: Sim.

E: Foi um aviso, não é?

J: Sim.

E: No teu grupo de colegas e amigos, aqueles que te são mais próximos com quem tu passas mais tempo, existem mais colegas que falem às aulas?

J: Não. Eles andavam, dois amigos com quem eu costumava andar mais de depois das aulas. Uma rapariga até tem boas positivas e é uma aluna boa, prontos. O rapaz também vai tendo boas notas e não falta muito.

E: Eles dizem-te alguma coisa por tu faltares às aulas? Alguma vez comentas-te com eles esta situação?

J: eu falo com amigos e assim. E elas dizem que se eu continuar a faltar que 'o mal é teu' e que 'sabes perfeitamente que quando não estudei o suficiente por isso é que ainda estou no 12.º ano, com uma média muito baixa e não sei o quê'. Alertam-me claro.

E: É importante para ti o que os teus colegas e os teus amigos pensam sobre ti?

J: Eu não costumava ligar muito a isso. Acho que para mim não tem qualquer influência.

E: E sobre o teu desempenho escolar? As tuas notas, o seres bem comportada? É importante o que eles pensam?

J: É. Eu gosto que eles pensem, pronto ela é assim e pode ter aquele bom humor mas sabe e tem a cabeça no sítio quando deve.

E: Exato. Tu gostas que eles te achem responsável, não é?

J: Sim.

E: Pronto. Eu perguntas aqui estabelecidas não tenho mais nenhuma. No entanto, quero-te deixar à vontade se quiseres dizer mais alguma coisa. Sobre abandono escolar, sobre esta situação da escola? Aqui sobre a CPCJ?

J: Não.

E: Não? Então, obrigada!

## **Cuidador (Mãe)**

### **Duração da entrevista: 8m41s**

Entrevistador (E): A primeira pergunta que tenho para si é, se considera este estudo importante? Se considera importante nós tentarmos perceber quais são as razões que levam os alunos a faltar às aulas?

Cuidador (C): Sim.

E: Está interessada em participar?

C: Sim.

E: A segunda pergunta é, o que é para si a escola? Ir à escola?

C: É uma coisa importante. Acho que é o principal que agente dá, importante.

E: Considera importante a sua filha frequentar a escola?

C: Sim.

E: Ir sempre às aulas?

C: Sim.

E: Qual é a importância da escola para o futuro da sua filha? Qual é que acha que tem?

C: Acho que tem tudo a ver com o futuro. Sim.

- E: Acha que ela vai ter um futuro melhor se for à escola e estudar?  
C: Sim.  
E: Agora sobre a sua experiência na escola, a da mãe. Estudou? Andou na escola?  
C: Até à quarta classe.  
E: Porque é que abandonou a escola?  
C: Para guardar os meus irmãos. Tinha muitos e tinha que os guardar.  
E: Gostava de ter continuado a estudar? Se tivesse tido hipótese?  
C: Gostava.  
E: A escola foi importante na sua vida?  
C: Foi.  
E: Qual é que foi, assim, a importância?  
C: O que agente sabe mais alguma coisa. Sabe, aprende, pronto é, sei lá, é meio caminho andado na vida.  
E: sabemos, aprendemos coisas na escola quando somos mais novos que depois nos dão jeito  
C: (interrompe) Claro! Sim.  
E: Fez alguma coisa quando soube que a sua filha estava a faltar, estava a ter muitas faltas na escola?  
C: Não. Eu já soube na proteção de menores. Não sabia.  
E: Já alguém tinha falado consigo sobre o risco de ela vir a estar nesta situação, com muitas faltas?  
C: Não. Só depois à última da hora, para o fim é que eu vim a saber de tudo, que eu não sabia de nada.  
E: E depois no fim quem é que falou consigo?  
C: Foi uma senhora da escola.  
E: Como é que foi essa conversa? Foi lá chamada?  
C: Ela veio lá de Alcains aqui para Castelo Branco e depois foi então que a professora chamou-me e disse o que se estava a passar.  
E: Ela estudava em Alcains e mudou para aqui no final do ano?  
C: Sim. Foi.  
E: Ela já lá em Alcains tinha muitas faltas?  
C: Foi aí que ela começou a ter as faltas. Pois.  
E: Acha que ela não gostava de estudar lá em Alcains?  
C: Não sei, se ela não gostava, se era as companhias. Não sei, não consigo entender. Ela está a começar a portar-se melhor, mas não sei quanto tempo. Mas pronto.  
E: Então e como avalia esta postura da escola e desta professora, quando a sua filha começou a faltar. Acha que deviam ter feito mais alguma coisa, ou  
C: (interrompe) Sim. Haviam de ter avisado logo no princípio quando ela começou a faltar. Porque ao fim do mal feito, não há nada a fazer.  
E: A mãe costumava ir à escola  
C: (interrompe) Sim. Quando há reuniões e quando me chamavam eu ia. Mas não mandavam cartas, não me diziam nada, eu pensava que ela andasse bem.  
E: Pensava que estivesse tudo bem?  
C: Sim. Eu fui lá a duas ou três reuniões, estava tudo bem.  
E: A sua filha começou a faltar à escola para ir trabalhar?  
C: Não, não. Olha trabalhar! (risos, encolhe os ombros)  
E: Considera importante que, imaginemos que ela falta às aulas porque não gosta muito do que esta a estudar ou assim. Acha importante nós darmos oportunidade, nós



não somos nós aqui mas a escola, de ele mudar para outras disciplinas que goste mais?

C: Sim.

E: Para outro percurso de ensino?

C: Sim.

E: Para ela estar mais motivada?

C: Sim, eu queria que ela gostasse de uma coisa que estava a fazer para ser alguém na vida.

E: O que achas que levou a sua filha a abandonar a escola, a começar a faltar às aulas?

C: As amigas e amigos, sei lá.

E: Influências de companhias?

C: Só pode ser porque, mau ambiente em casa, não. Trata-la mal, não é. Faltar-lhe, que dizer, não tem de tudo o que podia ter, mas vai tendo tudo o que lhe posso dar. Não sei.

E: Ela, até esta altura em que começou a faltar, gostava da escola?

C: Gostava. Tanto que até ao 8.º ano, ela, nunca teve problemas nenhuns de escola. Os professores sempre disseram bem dela, sempre. E mesmo hoje, dizem bem dela. Só que até dizem que ela, se forem falar com ela diz que sim muito bem, o que é que depois faz, coiso, pronto.

E: Considera que teve alguma influência ou responsabilidade em ela começar a faltar?

C: Não sei, eu não sei. Mas eu acho que ela não tem nada, ela não teve dores de cabeça com nada. Não sei o que ela possa pensar da vida. Eu não... (chora)

E: Dá-lhe todo o apoio para que ela vá às aulas?

C: Eu dou tudo. Eu faço de tudo para que ela não falte. Levanta-se a horas, deita-se a horas, não sei.

E: Não consegue perceber?

C: Não. Logo hoje diz que agora tem um teste. Diz que agora ia já para lá para o quarto estudar. Eu digo assim, 'oh x agora vamos onde temos e depois então vais e meteste no quarto ou onde tu quiseres e então estudas'. Tens tempo. Eu digo, 'tu tens tempo se te quiseres agarrar aos livros, é uma hora ou duas, tens tempo quando vieres. Ela não tem nada que eu diga assim, seja 'eu não vou estudar por causa disto ou daquilo'. Não, ela...

E: Não tem razão?

C: Não, não tem razões.

E: Sabe se na escola existe algum professor com quem a sua filha tenha assim uma relação mais próxima? Com quem ela goste de desabafar ou assim?

C: Não. Ela não diz mal de nenhum, não sei.

E: Mas também não tem nenhum assim em especial?

C: Não sei se ela tem algum. Pelo menos a mim nunca me disse nada.

E: E a senhora, enquanto mãe, há algum professor com quem goste mais de falar?

C: Eu falo com todos. Desde que não me tratem mal, pronto, nem que me, sei lá. Sejam educados como eu sou educada para eles, dou-me bem com todos. Não diferencio qual é o melhor ou o pior, qualquer um que me aceite e que converse comigo, eu converso com qualquer um.

E: Sabe se algum professor tentou falar com a sua filha sobre o facto de ela andar a faltar?

C: Sei. A Diretora de Turma. Depois a Diretora de Turma diz que ela que disse a tudo que sim. O que ela (Diretora de Turma) lhe disser ela diz que tudo que sim, nem que outro dia a seguir. Mas, como é que lhe hei-de dizer, é educada é...

E: Diz sempre que está tudo bem, não é?

C: Sim. Mas ela...

E: Sabe como foi essa conversa? Se a professora a chamou a alguma sala á parte?

C: Sim. Ela que a professora a chamou. A Diretora de Turma disse 'oh x estás ver com os problemas que estas a dar a faltar à escola'. E ela disse que aceitou bem.

E: No grupo dos colegas e amigos, assim os mais próximos da sua filha, sabe se existem mais colegas a faltar às aulas?

C: A professora disse-me que os que andavam com ela que faltavam, mas que não era como ela ainda. Agora não sei. Eu digo porque é...

E: É a informação que tem?

C: É.

E: É importante para si conhecer os colegas e os amigos da sua filha?

C: É. Além de agente não saber, às vezes, onde se vê caras não se vê corações. Mas é. Porque eles são todos miúdos agente não diz mal daquele tendo lá a nossa também, mas pronto não tendo razão de queixa de nenhum.

E: Mas gosta de saber com quem ela se relaciona?

C: Penso que são boas companhias. Agora, não sei.

E: Considera que estas companhias influenciam o comportamento e o desempenho da sua filha?

C: Olhe eu penso que não, não sei. Acho que eles que não a desviam, não sei.

E: Até são boas influencias, não é?

C: Sim.

E: Eu não tenho mais nenhuma pergunta para lhe fazer. Há alguma coisa que gostasse de fazer?

C: Eu não.

E: Obrigada!

#### **Entrevista 4**

**Data: 13.03.2013**

#### **Jovem**

**Sexo: Feminino**

**Idade: 17 anos**

**Duração da entrevista: 7m6s**

Entrevistador (E): A primeira pergunta que eu tenho é se estás interessada em participar neste estudo, ou seja, se conhecendo os objetivos do estudo, o consideras importante?

Jovem (J): Sim. Sim.

E: Depois, o que é para ti a escola? Ir á escola?

J: Ir à escola é uma forma de ganhar novos conhecimentos e educação. É uma forma de crescer...

E: É normal no crescimento, não é? Frequentar a escola?

J: Faz parte.

E: Consideras o esforço importante para teres sucesso na escola?

J: Claro. Senão não se vai lá.

E: Qual é, para ti, o papel da escola para o teu futuro?

J: Conhecimentos. Para ter um futuro garantido.

E: Qual é que tu achas ser a opinião dos teus pais sobre a escola?

J: Eu acho que eles acham que é importante para a nossa educação. Para o nosso futuro.

E: Como é que eles reagiram quando começaste a faltar?

J: Mal. Porque eu não faltava só porque chegava atrasada. No início eu faltava mesmo porque não gostava.

E: E aos teus resultados escolares, às tuas notas. Como é que eles foram reagindo?

J: Desde o 8.º ano que ando a ter más notas, portanto, já estão mais ou menos habituados. Mas eles não gostam.

E: Quando começaste a faltar o que é que a escola fez?

J: Começaram a avisar-me que isso era um caso grave.

E: Já te tinham falado do teu número excessivo de faltas?

J: Sim.

E: Já te tinham falado dobre o que era o abandono escolar?

J: Sim.

E: Quem é que tinha falado contigo?

J: A Diretora de Turma, disse-me logo.

E: E como é que ela falou contigo? Como foi essa conversa?

J: Começou por dizer que tinha que parar de faltar, não é. Que não podia dar, não podia exceder o número de faltas que era permitido por disciplina. Disse que podia trazer consequências graves, até sair de cá. Abandonar os meus pais e isso.

E: Falou-te na CPCJ?

J: Sim.

E: Já alguma vez pensaste, tens alguma ideia sobre o que gostavas de fazer quando deixares a escola? No final do ensino obrigatório, o que tu queres seguir.

J: Eu gostava, mas não estou no curso certo para isso, mas gostava de ser advogada, escritora ou, dentro curso, gostava de ser designer.

E: Portanto, gostava de continuar a estudar? Seguir o percurso académico, até uma licenciatura?

J: Se possível.

E: Só depende do teu esforço, não é?

J: Pois. A motivação é que falta.

E: Exato. Quando faltas à escola, alguma vez faltaste para ir trabalhar? Eu pergunto isto porque há jovens que abandonam a escola para ir trabalhar. É o teu caso?

J: Não.

E: Consideras que o que aprendes na escola te faz falta para um futuro profissional?

J: Sim. Obvio que sim. Algumas matérias.

E: Depende também da área que seguir, não é? Mas haverá sempre coisas que vão fazer falta?

J: Sim.

E: Como é que concebes/imaginas o teu futuro? Por exemplo, daqui a 10 anos como é que te vês?

J: Eu sonho muito alto, por isso, imagino-me bem colocada.

E: Isso é bom. Mas como assim, desenvolve?

J: Pronto, queria ter uma vida boa, não é? Uma que desse para sustentar dentro dos possíveis o que queria ser.

E: O que é que te levou a começar a faltar às aulas?

J: No início, não sei. Eu nunca me integro muito, com os colegas e assim. É muito difícil para mim. Não gostava muito dos professores nem, não é pessoal é que não sei, parece...

E: Consideras que tens alguma dificuldade de relacionamento com as pessoas?

J: Sim. No início, sempre.

E: E depois superaste essas dificuldades?

J: Vai indo, de vez em quando.

E: Essa decisão de começares a faltar foi apenas tua, ou houve alguma influência de outra pessoa, de outras pessoas?

J: É assim, eu sou influenciável mas. Às vezes uma amiga minha dizia-me 'vamos faltar' e eu dizia que não, mas outras vezes que eu estava mesmo com vontade faltava.

E: Na escola existe algum professor com quem tu tenhas uma relação mais próxima? Com que tu gostes mais de conversar, desabafar, colocar questões.

J: O professor de desenho.

E: Algum professor tentou falar contigo sobre o teu excessivo número de faltas? A Diretora de Turma falou, seguindo as regras da escola. Mais alguém os fez?

J: A professora de Inglês, se não me engano. E o professor de desenho, também já tinha falado.

E: E como é que foram essas conversas? Foram alertas, 'ralhetes'?

J: Sim. Disseram-me que era preocupante a minha situação e que se podia agravar muito mais do que eu pensava.

E: No teu grupo de colegas e amigos, assim aqueles mais próximos, existem outros alunos a faltar às aulas? Eles enquanto alunos?

J: Sim há, mas os motivos são diferentes. Uma delas também está aqui (CPCJ).

E: Também está sinalizada?

J: Sim.

E: Para ti é importante o que os teus colegas e amigos pensam sobre ti?

J: Não muito.

E: E sobre o teu desempenho escolar?

J: As vezes. Não. Não muito.

E: Não consideras importante?

J: Não. Eles lá e eu cá.

E: Tens alguma coisa que queiras dizer, mais. Eu não tenho mais questões.

J: Não, não.

E: Obrigada!

## **Cuidador (Pai)**

**Duração da entrevista: 10m36s**

Entrevistador (E): A primeira pergunta que eu tenho para lhe fazer é se, conhecendo os objetivos deste estudo, sabendo que este estudo é para tentar perceber o que leva os jovens a faltar às aulas, o considera importante. E se está interessado em participar?

Cuidador (C): Com certeza.

E: considera que este tipo de estudos, tentarmos perceber o que os leva a faltar, o que esta na origem desta, desta falta de ligação à escola, pode ser importante também para o caso da sua filha? Para tentarmos ajudar?

C: Com certeza.

E: Agora perguntas que têm a ver, não têm tanto a ver com o estudo mas mais com os objetivos. O que é para si a escola? Ir à escola?

C: Ir à escola? Ir à escola, para já, é uma obrigação, em primeiro ponto. Depois, faz parte de construir uma sociedade mais educada, não é. Mais educada e com melhor nível de estudos e a nível profissional também.

E: Considera importante para a sua filha que ela frequente a escola?

C: Claro.

E: Qual é a importância da escola quando pensa no futuro da sua filha?

C: No futuro, é assim, o que eu considero é que o saber não ocupa lugar. E, no entanto, a escola é. Mesmo que no futuro não venha, as coisas não estão para aí encaminhadas. Mesmo que no futuro não venha a aplicar tanto esses estudos, não faz diferença nenhuma saber mais.

E: Sobre a sua experiência na escola na escola. Estudou?

C: Pouco.

E: Até que idade? Que nível de ensino?

C: Até ao sexto ano.

E: Qual foi a razão que o levou a deixar a escola?

C: Olhe, na altura porque não dava muito valor à escola. Valorizava muito mais o trabalho.

E: Ainda assim, qual foi a importância que a escola teve na sua vida?

C: A nível social há sempre aquelas nossas memórias de estudar.

E: As amizades, não é?

C: A construção de amizades. O saber estar, cumprir algumas coisas, também.

E: Ter regras?

C: Ter regras, aprender essa parte das regras. Acho que foi importante. E, claro, aprendi a escrever e a ler, a fazer contas.

E: Aprendizagem, não é?

C: Sim.

E: Fez alguma coisa quando soube que a sua filha tinha um número excessivo de faltas?

C: Fiz, muita coisa. Muita coisa.

E: Por exemplo?

C: Por exemplo tentar, de alguma forma, obriga-la, persuadi-la a ir. Entre castigos, tentar negociar um pouco, também, com ela.

E: Tento motivá-la?

C: Motivá-la de alguma forma.

E: Já lhe tinham falado sobre o risco de ela vir a ficar numa situação de abandono escolar? E de ser sinalizada?

C: Por acaso, isso foi tão rápido, não é? Ela deu tantas faltas tão rápido, que me tinham dito para aí uns quinze dias antes de vir aqui.

E: Mas tinha sido avisado?

C: Avisado, sim.

E: Quem é que o avisou, lá na escola?

C: Foi a Diretora de Turma. A professora X.

E: Como foi essa conversa? Foi convocado à escola?

C: Foi por. Fui convocado, sim. Fui convocado à escola. Já não me lembro se foi pelo telefone, se foi.

E: Como é que avalia essa intervenção da escola quanto à situação da sua filha? Acha que eles fizeram o suficiente? Que agiram bem? Que deviam ter feito mais ou mais cedo?

C: Como é uma coisa nova, eu penso que foi atempado, não sei. Embora eu tenha tido consciência desde o princípio que ela estava a faltar. Não posso dizer que não houve quem me avisasse ou que eu não tinha conhecimento disso. Tinha conhecimento pessoalmente e preferi evitar. Ela não é bem faltar à escola, ela não falta às aulas, pura e simplesmente chega atrasada. E com esta nova lei, claro que as novas regras.

E: Com o novo estatuto do aluno?

C: O novo estatuto do estudante é que veio complicar esta situação.

E: Exato. Considera que a escola fez apenas o que tinha que fazer, quando teve que fazer?

C: Cumpriu as regras, claro.

E: Tendo em conta que alguns jovens faltam às aulas para trabalhar, essa alguma vez foi a situação da sua filha?

C: Não.

E: Considera importante ou possível. O que é que considera importante ela fazer? Ela está a frequentar a escola, acha que é isso que ela deve fazer ou é daqueles pais que considera que ela estava melhor a trabalhar se essa for a inclinação natural dela?

C: Se fosse a inclinação dela, natural. E de qualquer das formas na idade em que ela está, está na idade de estudar, e especialmente hoje em dia. Mas noutras situações eu acredito que as pessoas não andam a fazer nada na escola, só a perturbar os outros.

E: Imaginemos que ela estava a faltar porque, por exemplo, não gosta do curso onde está, ou que ela continuava repetidamente com estes atrasos que originam as faltas. Acha que era importante tentar, por exemplo, novas vias de ensino, outras opções que a motivassem mais? Com as quais ela se sentisse melhor?

C: Essa parte da motivação eu nunca cheguei a entender muito bem, porque no fundo, é assim, acho que todos nós temos algo a fazer, não é? Todos nós temos algo a fazer desde que nascemos até. Essa parte da desmotivação, penso que tem a ver com a pessoa em si, não acho que tenha a ver tanto com o trocar. Tanto que ela foi para um curso que eu nem a aconselhava a ir, pronto.

E: Ela está onde quer, não é?

C: Ela está onde que e mesmo assim sente-se desmotivada, portanto, não vejo.

E: Considera que pode ter a ver com a personalidade dela?

C: Tem a ver com a personalidade, com a imaturidade dela. Acho que ela ainda é muito menina, não cresceu.

E: Sabe o que é que a levou a começar a faltar às aulas? Nas vezes quem que faltava e o que a levou a atrasar-se repetidamente para ter faltas?

C: É falta de organização pessoal.

E: Considera ter tido alguma responsabilidade ou interferência no facto de ela começar a faltar?

C: Não vejo como.

E: Depois. Existe na escola algum professor com quem, enquanto encarregado de educação, tenha uma relação de maior proximidade? Com quem se sinta mais à vontade para colocar questões?

C: Não. Embora esteja à vontade seja com que professor for.

E: Exato, mas nenhum em especial. Sabe se existe algum professor com quem a sua filha tenha maior proximidade?

C: Sim. Ela gosta muito do professor de artes. O professor de artes. E penso que, embora ela seja muito envergonhada.

E: É a quem ela recorre se precisar, não é?

C: É, é.

E: Sabe se algum professor tentou falar com a sua filha sobre este número de faltas excessivo? Sabe como foi essa conversa?

C: Das que eu participei, que foram algumas, sim. Foi a Diretora de Turma sempre se mostrou preocupada em resolver e dar alguma força e incentiva-la de alguma forma.

E: Dar alguma orientação?

C: Dar-lhe alguma orientação para ela seguir.

E: Exato. No grupo de colegas e amigos mais próximos da sua filha, sabe se existem outros que também falem às aulas?

C: As faltas é assim, eu penso que há mais um amigo ou dois. Amigas, neste caso, que estão a com muitas faltas. Uma por doença. Até se comentou que seria por falta de interesse também e poderá ser um bocadinho, mas também tem qualquer coisa crónica que não permite que vá às aulas.

E: É importante para si, enquanto pai, conhecer os colegas e amigos, pelo menos os mais próximos, da sua filha?

C: Sim.

E: Saber quem são?

C: Sim.

E: Considera que estes amigos influenciam o comportamento dela?

C: Uns pelo lado positivo, outros pelo lado negativo mas sim, claro que sim. Influencia sempre.

E: Considera que eles também influenciam o desempenho escolar dela ao influenciarem o comportamento?

C: Eu penso que não, eu penso que não. Como é aquela situação de atraso dela e a falta de vontade dela em ir para a escola, não sei o que é que originou essa desmotivação. O que é certo e verdade é que também desde que entrou para a escola, logo de pequenina que nunca foi uma criança muito motivada. Nunca foi.

E: Pronto. Eu não tenho mais questões a fazer, no entanto, quero deixa-lo à vontade se quiser acrescentar alguma coisa.

C: Não. A única coisa que eu penso é que acho que estes estudos são bons.

E: Temos que os tentar perceber, não é?

C: Temos que tentar perceber a cabeça destes jovens, que é mesmo assim. No nosso tempo não havia e penso que a qualquer momento estamos a tempo de tentar perceber o que estes jovens querem da vida.

E: Não é fácil?

C: Exato.

E: Obrigada!

## Entrevista 5

Data: 13.03.2013

### Jovem

Sexo: Masculino

Idade: 17 anos

Duração da entrevista: 7m6s

Entrevistador (E): A primeira pergunta que tenho para te fazer é se consideras este estudo importante? Se achas que é importante nós tentarmos perceber o que é que leva os jovens a faltar à escola?

Jovem (J): Acho que sim. É interessante, vá. Importante, vá, não é muito importante.

E: Estás interessado em participar?

J: Estou.

E: A seguir. O que é para ti ir à escola? O que é a escola para ti?

J: É o que vai definir o meu futuro. É o meu trabalho agora.

E: Consideras o esforço importante para o teu sucesso escolar?

J: Claro.

E: Qual é que é, quando tu pensas o teu futuro, o papel da escola? Como é que achas que vai contribuir?

J: Depende, porque há muita gente que vai para a escola e a área que escolhem agora pode nem sequer ter nada a ver com a do futuro, não é? Mas eu, por exemplo, estou em audiovisuais e acho que me pode ajudar para o futuro, arranjar trabalho nessa área.

E: Qual é que tu achas ser a opinião dos teus pais, no caso da tua mãe, sobre a escola?

J: Então, é o meu trabalho. Tenho que ir.

E: Consideram importante tu frequentares, não é?

J: Claro. Claro que sim. Está fora de questão não ir.

E: Como é que os teus pais lidaram com o facto de tu teres começado a faltar às aulas?

J: Lidaram, lidaram mal.

E: Ficaram chateados?

J: Claro. Castigos.

E: E às tuas notas, como é que os teus pais foram reagindo?

J: Bem. Não tenho más notas.

E: No entanto, se tivesses más notas achas que eles iam também castigar-te e repreender-te?

J: Sim. Não tanto como as faltas. É diferente.

E: O que é que a escola fez quando começaste a faltar?

J: Comunicou aos meus pais. E informavam cada vez que eu faltava.

E: Já te tinham alertado para o teu número excessivo de faltas, lá na escola?

J: Sim. Nesta que eu estou agora, não.

E: Mas na anterior?

J: Na anterior, sim.

E: Já te tinham falado sobre o que era o abandono escolar?

J: Sim.

E: Quem é que falou contigo?

J: Foi uma professora da Amato Lusitano. A minha antiga Diretora de Turma.

E: Como é que ela falou contigo? Como é que foi essa conversa?

J: Chamou a minha mãe também, que era a minha encarregada de educação. Explicou os problemas que eu podia ter e as consequências. No que podia dar. E assinei aqueles contratos que há, para não faltar mais.

E: Tu já pensaste no que é que gostavas de fazer quando deixares a escola? Quando acabares o ensino obrigatório?

J: Eu queria, gostava de seguir para o superior.

E: Para o ensino superior?

J: Sim.

E: Já pensaste numa área?

J: Audiovisuais.

E: Quando faltas às aulas, alguma vez faltaste para ir trabalhar? Eu pergunto isto porque há jovens que faltam para ir trabalhar.



J: Não. O que já aconteceu foi: eu estive a trabalhar à noite. Estava numa discoteca e às vezes, era só quintas que trabalhava à noite. Sextas-feiras normalmente até nem faltava, está a ver? Mas pronto, o desempenho.

E: Não era o mesmo?

J: Não era o mesmo.

E: Mas não faltavas por isso?

J: Não, não.

E: Consideras que o que aprendes na escola vai ser importante para o teu futuro profissional?

J: Sim.

E: Como imaginas o teu futuro? Nem que seja daqui a 10 anos?

J: Imagino. Em Portugal é difícil imaginar um bom futuro. Sei lá. Vou fazer o melhor para que seja bom?

E: Imaginas-te a trabalhar, a estudar?

J: Claro. A trabalhar.

E: O que é que te levou a abandonar a escola? A começar a faltar?

J: Sei lá. Não sei. Talvez más influências e não sei quê. Ninguém me obriga a faltar. Não é? Falto por mim, sei lá.

E: Isso vai de encontro à minha questão seguinte. Que é, se essa decisão de faltar foi apenas tua ou se houve alguém que te levasse a isso?

J: Não.

E: A decisão acabava por ser tua?

J: Sim.

E: Na escola, existe algum professor com o qual tenhas uma relação mais próxima? Com quem goste mais de falar, colocar questões?

J: Sim. Por acaso, até me dou bem com todos e falo. Sim.

E: Não há nenhum que seja assim

J: (interrompe) Há. Tenho uma professora.

E: Com quem tens mais confiança, não é?

J: Sim.

E: Algum professor tentou falar contigo sobre o teu número elevado de faltas?

J: Sim. Os Diretores de Turma em todos os anos que eu tive problemas, eles falavam. Falaram disso.

E: Tentaram sempre alertar-te, não foi?

J: Sim.

E: Depois. No teu grupo de colegas e amigos, daqueles que te são mais próximos, também há alunos a faltar?

J: Há.

E: Eles enquanto alunos também faltam às aulas?

J: Sim.

E: Para ti é importante o que os teus colegas e amigos pensam sobre ti?

J: Sei lá. Não muito. Sim, é claro quer sempre dar uma boa imagem e não sei quê.

E: Mas não é determinante?

J: Os meus amigos gostam de mim. Não é por faltar ou não.

E: E do teu desempenho escolar? É importante o que eles pensam sobre ti?

J: Não. Mas eu gosto de ter boas notas.

E: Pronto. É assim, eu não tenho mais perguntas. Há alguma coisa que gostavas de dizer mais? Sobre esta situação do abandono escolar.

J: Não.

E: Então, obrigada!

### **Cuidador (Mãe)**

**Duração da entrevista: 8m59s**

Entrevistador (E): A minha primeira pergunta é se considera este estudo importante? Tentamos perceber as razões

Cuidador (C): Sim, é.

E: Está interessada em participar?

C: Claro, senão não estava aqui.

E: Exato. Considera que este trabalho de tentar perceber porque é que eles faltam às aulas pode ser importante também para o caso do seu filho? O que teria sido importante se tivéssemos essa consciência no início quando ele começou a faltar?

C: Sim. Se se chegar a alguma conclusão.

E: Depois. O que é para si a escola? Ir à escola?

C: É o aprender. É a tomada de conhecimentos a nível social, educacional. É a convivência também, é importante.

E: Considera importante que o seu filho frequente a escola?

C: Sim.

E: Qual é a importância que vê quando pensa no futuro dele? Qual é a importância que atribui à escola?

C: Mas a nível quê, profissional ou individual?

E: Também. A todos os níveis?

C: Bem, a nível profissional acho que é 100%, a nível como formação individual, de pessoa, uns, atribuo uns 80% de importância.

E: Agora sobre a sua experiência com a escola? Estudou?

C: Sim.

E: Até que nível de ensino?

C: Até ao 11.º. Na altura pronto. Depois parei no 12.º. Ainda cheguei a frequentar mas já não terminei o ano letivo.

E: O que é que a levou a deixar de frequentar as aulas, na altura?

C: Na altura, emigrei. Casei e emigrei.

E: Qual foi a importância que a escola teve na sua vida?

C: Foi. Mas quê quantitativos?

E: Não. Qualitativamente?

C: Foi muito importante. É o tomar consciência de tudo. Da sociedade.

E: Uma aprendizagem?

C: Exatamente. É fundamental.

E: Depois. Fez alguma coisa quando soube que o seu filho estava a faltar às aulas?

C: Fiz. Castigos lá em casa, mas não adianta muito.

E: Já tinham falado consigo sobre o risco de ele vir a estar numa situação de abandono escolar?

C: Abandono, não. Porque as faltas que ele dá, acho que não se justifica. Quer dizer, não é, não é abandono. Ele não falta às semanas, nem. São aquelas faltas que dá, ainda não percebi bem porquê. Mas abandono, não, nem.

E: Mas falaram consigo sobre as consequências que poderia vir a ter?

C: Sim. Este ano principalmente. Claro, desde que saiu esta lei agora nova. O Diretor de Turma, pronto, deu-me conhecimento da situação.

E: Como é que ele o fez, convocou-a à escola?

C: Sim. Telefonou-me e depois fez um, tivemos uma reunião e disse que iria, que o processo tinha que avançar, portanto.

E: Para a CPCJ?

C: Exatamente. Posteriormente a isso, já cá estive numa reunião.

E: Como é que avalia a intervenção da escola quando o seu filho começou a faltar? Acha que eles fizeram o que lhes competia? Que deviam ter tentado mais coisas?

E: Fizeram. Tanto que, esta última. Quer dizer, eles também não podem fazer o papel de pais, não é? Pronto, a nível escolar acho que fizeram. Fizeram o que podiam. Sim, mesmo a questão de o alertar a ele para as consequências. Ele tem plena consciência do que é que iria, ao que estava sujeito, não é? Mas não adiantou muito.

E: Depois. Tendo em conta que muitos jovens começam a faltar às aulas para ir trabalhar, esse alguma vez foi o caso do seu filho?

C: Não, não.

E: Eu faço esta questão porque há jovens

C: (interrompe) Pois. Sim, sim.

E: considera importante. O que é que considera importante ele fazer quando deixar a escola?

C: (silêncio)

E: Portanto, ele agora está a fazer o ensino obrigatório, vamos pensar que ele falta às aulas e que nós não conseguimos arranjar outra solução. Acha que devíamos pensar em cursos alternativos?

C: Mas quê, dentro do ensino básico?

E: Sim, sim. Do ensino obrigatório?

C: Ele está num curso.

E: Ele já está a frequentar outra via de ensino?

C: Exatamente. Ele está. Acho importante haver alternativas que não os ocupem tanto a nível de matéria, mas sim a prática. Acho que sim e concordo com isso. E acho que pode ser uma boa maneira de eles deixarem, no caso do meu e de tantos outros, de. Eu acho que eles faltam porque se saturam de estar tanto tempo sentados, pronto. A escola é assim, mas acho que é bom haver a componente prática para eles irem intercalando e não haver tanta saturação de carga horária.

E: O que acha que levou o seu filho a começar a faltar às aulas?

C: Sei lá. Acho que foi precisamente isso, a desmotivação, de estarem muito tempo quietos. Estar muito tempo com uma carga horária. Tinha aulas de 90 minutos, acho que foi precisamente isso.

E: Uma carga horária muito forte?

C: Sim.

E: Para ele?

C: Para ele, pois. Lá está, há pessoas que aguentam. Mal vai que todos fossem assim, não é?

E: Considera ter tido alguma responsabilidade ou interferência na decisão dele de começar a faltar às aulas?

C: Não.

E: Na escola sabe se existe algum professor com quem ele tenha uma relação mais próxima?

C: Esta agora, agora estes professores ainda não os conheço bem. Porque ele só lá está desde, aliás ele foi ao último dia em que podia ter mudado de escola. Foi mesmo no final das férias no Natal, ainda não, já falei com o Diretor de Turma mas ainda não

conheço os outros professores. Mas eu acho que ele se dá bem com todos, pelo menos não. Nos outros anos, sim. Há sempre um ou dois da preferência, mas é normal, não é?

E: Sim, sim. Daí a questão?

C: Pois. Mas vai. Aliás, nunca entrou em conflito com nenhum em especial, pronto.

E: E a mãe, enquanto encarregada de educação, tem algum professor com quem tenha mais facilidade em comunicar? Colocar questões?

C: Normalmente é o Diretor de Turma. Pois, a não ser que haja alguém que eu conheça cá de fora e que vá falando, mas normalmente é o Diretor de Turma.

E: Exato. Sabe se algum professor tentou falar com o seu filho sobre este número de faltas elevado que ele estava a ter?

C: Sim, o Diretor de Turma.

E: Sabe como foi essa conversa?

C: Foi geral, para a turma toda, porque acho que a turma era toda. Portanto, todos eles faltavam muito. E o Diretor de Turma várias vezes que eu lá ia, que eu não fui só uma fui várias, dizia sempre que roubava carga horária à disciplina para falar sobre esta situação.

E: Para os alertar?

C: Sim. Que perdia muito, perder entre aspas não é perder, mas que gastava muito tempo para falar sobre isso.

E: Depois. No grupo de colegas e amigos mais próximos do seu filho sabe se há mais a faltar às aulas?

C: Sim.

E: É importante para si conhecer os colegas e os amigos do seu filho?

C: Claro, sim.

E: Considera que estes influenciam o comportamento dele?

C: Eles todos se. Ele não é muito influenciável. Mas ele influencia os outros e os outros influenciam-no a ele. É normal.

E: Passam muito tempo juntos?

C: Pois, exato.

E: E o desempenho escolar, acha que também há uma influência a esse nível?

C: Das faltas?

E: Sim.

C: Então não há. Baixou bastante, sim. Ele era melhor aluno do que está a ser agora.

E: Pronto, eu aqui não tenho mais nenhuma questão para lhe fazer. Ma se quiser comentar alguma destas questões ou acrescentar alguma coisa.

C: Não. É só.

E: Então, obrigada!

## **Entrevista 6**

**Data: 13.03.2013**

### **Jovem**

**Sexo: Masculino**

**Idade: 16 anos**

**Duração da entrevista: 7m25s**

Entrevistador (E): Então a primeira pergunta é se estás interessado em participar no estudo? Em dar esta entrevista?

Jovem (J): Sim.

E: Achas interessante este estudo? Importante percebermos porque é que vocês faltam às aulas?

J: Um pouco.

E: O que é para ti a escola?

J: Então, a escola é um local para aprender.

E: Achas importante tu esforçares-te para teres sucessos na escola? Boas notas, passares de ano?

J: Sim.

E: Quando pensas no teu futuro qual é o papel da escola? Porque é que tu achas que a escola é importante para o teu futuro?

J: Para obter um bom futuro.

E: Um bom emprego?

J: Senão não vou chegar a lado nenhum.

E: Qual é que tu achas que é a opinião da tua mãe sobre a escola?

J: A opinião da minha mãe sobre a escola. É um local para conviver com os colegas. Um sitio para aprender e para ficarmos a saber mais.

E: Como é que a tua mãe lida com o facto de tu faltares às aulas?

J: Quando eu faltava às aulas?

E: Sim.

J: Achava mal. Avisava-me sempre.

E: Reprendia-te? Dava-te castigos?

J: Reprendia-me, sim. Castigos, alguns.

E: Como é que ela reage às tuas notas?

J: Assim-assim.

E: Assim-assim como? Quando são boas reage bem, quando são más reage mal, é isso?

J: Não. Ela quando reage diz-me para me esforçar mais.

E: O que é que fizeram na escola quando tu começaste a faltar?

J: O que me fizeram na escola?

E: Sim.

J: Chamaram-me algumas vezes.

E: Falaram contigo, foi isso?

J: Sim. E com a minha mãe.

E: Com a tua mãe também. Já te tinham falado sobre o teu número de faltas ser muito grande? Ser excessivo?

J: Sim.

E: Já tinham falado contigo sobre o abandono escolar?

J: Sim.

E: Quem é que falou contigo?

J: Foi, acho que foi aqui (CPCJ). Mas já não me lembro.

E: Só aqui? Lá na escola não?

J: Lá na escola também.

E: E lá na escola, quem?

J: A minha Diretora de Turma, a minha professora de apoio. E uma vez chamaram um polícia e ele também falou. Que esse polícia até é meu amigo.

E: Como é que foram essas conversas? Foi a alertar-te ou mais a ralhar contigo?

J: A alertar.

E: Já te tinham falado sobre as consequências do abandono escolar? De faltares às aulas?

J: Sim.

E: Sobre o que te podia acontecer?

J: Sim.

E: Tu já pensaste no que pretendes fazer quando acabares o ensino obrigatório? Quando deixares a escola? Queres trabalhar? Continuar a estudar?

J: Não sei.

E: Ainda não sabes. Quando faltaste à escola, alguma vez foi para ir trabalhar?

J: Não.

E: Não?

J: Era mesmo só porque não me apetecia.

E: Achas que o que aprendes na escola é importante para o teu futuro profissional?

J: Agora sim.

E: Antes não achavas, não é?

J: Antes não.

E: Como é que tu imaginas o teu futuro?

J: O meu futuro ainda não sei.

E: Assim daqui a dez anos? O que é que tu gostavas de fazer? Como é que tu gostavas de estar?

J: Eu daqui a dez anos gostava... não sei.

E: Ainda não sabes?

J: Ainda não sei.

E: O que é que te levou a faltar às aulas?

J: Era porque na gostava lá muito da escola. E achava a escola uma seca. E então, não gostava de ir à escola. Achava melhor ficar em casa sem fazer nada. Só que antes da minha mãe chegar, saía.

E: Para ela não saber que tinhas faltado?

J: Sim. E depois quando a minha mãe saía eu ia para casa.

E: Essa decisão de faltar à escola foi só tua ou houve alguém que te influenciava?

J: Só minha.

E: Na tua escola existe algum professor com quem tu te dês melhor? Assim que sejas mais próximo?

J: Nem assim. Eu dou-me com todos.

E: Algum professor tentou falar contigo sobre tu teres muitas faltas? Já me disseste a Diretora de Turma, a professora do apoio. Mais alguém?

J: Mais ninguém.

E: Só estas, não é?

J: Sim.

E: E essas conversas foram como? Elas chamavam-te a reuniões? Falavam contigo nas aulas?

J: Chamavam-me. Mandavam cartas para casa para reuniões.

E: No teu grupo de colegas e dos teus amigos assim mais próximo, há mais alunos a faltar à escola?

J: Não.

E: Para ti é importante o que os teus colegas e amigos pensam sobre ti?

J: Nem por isso.

E: E sobre as tuas notas e o teu desempenho escolar?

J: Isso é assim-assim.

E: Como assim?

J: Então é bom e mau.

E: Mas gostas que eles pensem que tu és um bom aluno ou isso é indiferente?

J: Gosto que pensem que sou bom aluno. Esforço-me muitas vezes para ser. Só que depois eu quando começo a falar já não, pronto. Dá-me vontade de falar mais.

E: Distraíste à conversa nas aulas, é isso?

J: Sim. Não em todas, só em duas. Ciências, Inglês e um bocadinho a matemática.

E: Porquê? Tu não gostas tanto dessas disciplinas?

J: Gosto. A de Inglês porque é uma língua oficial e tem que se aprender a falar. A matemática porque se não soubermos nada a matemática não somos ninguém. E a ciências para ficar a saber um bocadinho mais.

E: É assim, eu não tenho mais nenhuma pergunta para fazer mas se tu quiseres comentar alguma questão ou acrescentar alguma coisa podes.

J: Não.

E: Obrigada!

### **Cuidador (Mãe)**

**Duração da entrevista: 8m25s**

Entrevistador (E): A primeira pergunta é se está interessada em participar neste estudo?

Cuidador (C): Sim.

E: Conhecendo os objetivos considera o estudo importante?

C: Tudo o que é para ajudar os jovens, acho que sim.

E: Acha que pode ser importante também para a situação do seu filho tentarmos perceber o que é que o levava a faltar às aulas?

C: É assim, ele o que levava a faltar às eu mais ou menos desconfio o que seja, não é? Porque ele perdeu a avó e desde aí é que ele perdeu o interesse pela escola. Eu penso que seja por isso que o desmotivou de ir à escola. Depois a avó ia o por e busca-lo, a avó ia pô-lo ia busca-lo, e ele perdeu esse.

E: Perdeu esse laço?

C: Esse apoio que tinha. E eu isso já não posso fazer porque trabalho. E é isso que ele, pronto. Eu quando não trabalho tento ir a pô-lo à escola, coiso, vamos ao café e coiso, tento que ele não.

E: Que não falte. O que é para si a escola? Ir à escola?

C: A escola, acho que ir à escola é tudo. Se agente quer ser alguém na vida tem que ir à escola, não é? Hoje em dia sem escola, mesmo quem tem estudos não consegue nada, quanto mais quem não tem estudos.

E: É importante para si que o seu filho vá á escola?

C: Sim. Eu quero que ele tenha uma. Que, vá, que seja diferente de meu. Já que eu não pude estudar mais acho que ele devia aproveitar.

E: Qual é a importância que vê na escola para o futuro do seu filho? Quando pensa no futuro dele?

C: O futuro. Acho que a escola para eles é tudo. Para serem alguém na vida, para terem uma vida razoável, não é? Porque isto, do jeito que a vida vai.

E: Melhor emprego?

C: Sim. Que tenha melhor sorte. Agora é preciso é ele querer também, não é?

E: Sobre a sua experiência na escola. Estudou? Foi à escola?

C: Estudei, mas também não, enfim. Também não sou o melhor exemplo para ele.

E: Até que nível é que estudou?

C: É assim, eu, os meus pais, eu estudei até à quarta. Pronto. Também tive um acidente, coiso, e não. Como é que eu hei-de explicar? Os médicos, a minha memória já

não era a mesma coisa que antes do acidente. E então aconselharam-me eu a parar, a não, porque eu não dava mais. E então, fiz a quarta classe e depois fui trabalhar.

E: Foi por isso que deixou?

C: Sim, sim. Senão os meus pais, continuava até concluir os estudos, não é?

E: Ainda assim, que importância é que a escola teve na sua vida? Foi importante?

C: Ao menos agente aprende a ler e a escrever. Que mais não seja. Porque eu também só fiz a quarta classe também, não é?

E: Fez alguma coisa quando soube que o seu filho tinha um número excessivo de faltas?

C: Chamei-o à atenção. Fiz com que ele tentasse ver que a escola era boa para ele. E é melhor estar cá fora, foi o que eu disse 'oh filho, é melhor tu estares cá do que é estares num colégio, tu num colégio não fazes o que fazes cá fora, tens horários, coisas para cumprir, não é a mesma coisa que estares cá fora, tu não vais para onde queres'.

E: Não tem a mesma liberdade?

C: Exatamente. Não vê televisão até às horas que quer. Porque eu também estive num lar para crianças. Mas eu era diferente, como morava muito longe, para ir para a escola tinha que estar.

E: Numa residência?

C: Exatamente. Tinha que ter regras. Tínhamos que as cumprir. Nós os garotos mais pequenos íamos para a cama cedo. Acabava o jornal e aí íamos nós. E eu tentei fazer com que ele entendesse. Mas ele até que entendesse.

E: Demorou?

C: E bem. Demorou.

E: Já tinham falado consigo sobre o risco de ele ficar numa situação de abandono escolar?

C: Já.

E: Quem é que falou consigo?

C: Falou a Diretora de Turma.

E: Como é que foi essa conversa? Foi convocada lá à escola?

C: Fui. Fui chamada à escola. Falou comigo, falou com ele, falou sem ele, falou. Eu fui lá varias vezes à escola, mas ele não.

E: Como avalia essa intervenção da escola? Acha que eles fizeram bem? Que deviam ter feito mais alguma coisa?

C: É assim, mais que eles pudessem fazer era impossível.

E: O seu filho faltava às aulas para ir trabalhar?

C: Não. Faltava mesmo à escola por faltar. Era para ficar na preguiça.

E: Considera importante. O que é que acha importante ele fazer quando acabar o ensino obrigatório?

C: Eu acho que é aquilo que ele achar ou que ele goste de fazer.

E: Mas, até lá, o mais importante é ele andar na escola, não é?

C: Sim.

E: Se, imaginemos que ele continuava a faltar e mostrar desinteresse pela escola, achava importante ele, por exemplo, mudar de curso ou para uma escola que ele achasse mais interessante que o motivasse mais?

C: Sim.

E: O que é que acha que o levou a faltar às aulas?

C: Eu acho que é essa situação da minha mãe. Que ele foi criado com a minha mãe desde os 3 meses aos 11 anos, é muita coisa. Depois ele viu a avó doente, viu a avó



pronto, foi a Coimbra ver a avó, que não devia ter ido. Foi uma situação que não, que na situação em que a avó estava eu acho que ele não devia.

E: Traumatizou-o?

C: Acho que ele não devia. E depois, nem foi, ele agora é que vai abrindo. Depois o que estava com a minha mãe ainda lhe foi dizer que a avó tinha morrido na casa de banho, ainda se tivesse dito 'olha'. E depois ele, não lhe souberam dar a notícia de melhor maneira. Quando lhe disseram que a minha mãe tinha morrido vai para o garoto 'olha a tua avó morreu'. O cachopinho quando fomos buscá-lo estava 'oh mãe', é que na cabeça dele nem estava maturidade para perceber que a avó tinha morrido. Mantinha-se na cabeça dele que a avó que ia voltar um dia. Até que agora já se mentalizou que não. Agora pronto.

E: E ele era muito próximo da avó?

C: Foi criado com ela a vida toda. E depois o pai também o abandonou, não quer saber dele, e tudo isso afeta uma criança.

E: Considera que a senhora enquanto mãe teve alguma responsabilidade ou alguma interferência no facto de ele começar a faltar?

C: Não. Acho que eu sempre o fui a ver sempre faço aquilo que posso.

E: Sempre o motivou para a escola?

C: Eu acho que também foi aquilo da avó.

E: Depois. Na escola existe algum professor com quem a senhora enquanto mãe tenha uma relação mais próxima?

C: Sim, a professora dele de apoio. A professora X. Essa quando a vejo na rua pergunto-lhe sempre como é que ele vai, como é que ele está. Ela depois também me vai dizendo olhe o X assim. Prontos, agente vai.

E: Têm uma relação mais próxima?

C: Sim.

E: Sabe se o seu filho tem algum professor com quem seja mais próximo também?

C: Não. Acho que ele não tem assim preferência por nenhum.

E: Sabe se algum professor tentou falar com o seu filho sobre o número excessivo de faltas dele?

C: Quem falou acho que foi o. Ele é professor X que é aqui da proteção de menores.

E: Mas já aqui na CPCJ?

C: Não, mesmo lá na escola.

E: Sabe como foi essa conversa?

C: Não. Isso não sei, foi entre eles.

E: É importante para si conhecer os colegas e os amigos do seu filho?

C: Eu os colegas com quem ele se dá, mais ou menos. Uma é prima dele, é minha sobrinha. O X também é um garoto que eu acho que pronto, e ele vai à escola mais por causa dele, o que agente já agradece, que ele já vai.

E: É uma boa companhia?

C: Eu não digo que seja boa companhia.

E: Mas não é das piores?

C: Mas já o incentiva a ir à escola, o que já é bom.

E: No grupo dos colegas e amigos, assim os mais próximos do seu filho sabe se há mais alunos a faltar?

C: Não, que eu saiba, não.

E: Depois. Considera que os colegas e amigos com quem ele se relaciona mais influenciam o comportamento dele? E o desempenho escolar?

C: Antes sim. Antes acreditava que sim. Agora, penso que não.

E: Antes, quando ele faltava mais?

C: Também andava com certas companhias que não devia. As companhias às vezes também ajudam um bocadinho.

E: Eu não tenho mais nenhuma questão, mas se quiser comentar algumas ou acrescentar alguma coisa.

C: Não.

E: Obrigada!

## **Entrevista 7**

**Data: 03.04.2013**

### **Jovem**

**Sexo: Masculino**

**Idade: 16 anos**

**Duração da entrevista: 6m17s**

Entrevistador (E): A primeira questão é se estás interessado em participar no estudo?

Jovem (J): Sim.

E: E se consideras o estudo interessante e importante?

J: Sim.

E: Depois. O que é para ti a escola? Ir à escola?

J: Não é uma coisa que eu goste muito, mas, não sei.

E: Mas como é que vês a escola? Como uma obrigação? Como um espaço de aprendizagem, de convívio com colegas?

J: Obrigação.

E: Como uma obrigação?

J: Sim.

E: Consideras importante o teu esforço e trabalho para teres sucesso na escola?

J: Sim.

E: Qual é o papel da escola para o teu futuro? Para que é que a escola serve?

J: Para ter a oportunidades quando tiver idade para ir trabalhar.

E: Portanto, melhores oportunidades de emprego, não é?

J: Sim, sim.

E: Qual é a opinião dos teus pais/cuidadores sobre o teu excessivo número de faltas?

J: Mau.

E: E sobre a escola? O que é que achas que eles pensam sobre a escola?

J: Eles pensam que a escola é boa, mas, não. Não sei explicar.

E: Mas tu não achas que seja. Não é?

J: Pois. Não é o que eu gosto muito de fazer.

E: Como é que lidaram os teus pais/cuidadores com o facto de tu teres começado a faltar às aulas?

J: Não reagiram bem.

E: Repreenderam-te? Castigaram-te? Tentaram motivar-te?

J: Sim, repreenderam. E também me motivaram.

E: Como é que eles vão reagindo aos teus resultados escolares? Às tuas notas? Quer sejam boas ou más?

J: Quando são boas reagem bem. Quando são más assim-assim.

E: Mas estão sempre atentos?

J: Sim.

E: O que é que fizeram na escola quando tu começaste a faltar?

J: Foram falar com o Diretor de Turma. Ver se havia alguma oportunidade para, para voltar às aulas sim. Tirar as faltas.

E: Já te tinham alertado, lá na escola, para o teu número excessivo de faltas?

J: Sim.

E: Já tinham falado contigo sobre o que era o abandono escolar?

J: Não.

E: Quem é que te alertava para o teu número de faltas?

J: O Diretor de Turma.

E: Como é que ela falava contigo? Nas aulas? Chamava-te?

J: Sim. Nas aulas.

E: Falava para a turma?

J: Sim.

E: Não te tinham falado sobre o abandono escolar. Mas tu, já alguém te tinha falado sobre as consequências de estares a faltar às aulas? Sobre o que podia acontecer?

J: Fazer serviços comunitários.

E: Falaram-te em fazer serviço comunitário?

J: Sim.

E: Já pensaste no que gostavas de fazer quando deixares a escola?

J: O quê, quando tiver idade para trabalhar?

E: Sim.

J: Técnico de Informática.

E: Quando acabar o ensino obrigatório.

J: Sim.

E: Portanto, pensas vir a trabalhar. Não é?

J: Sim.

E: Com a formação do ensino secundário. Com a equivalência ao 12.º, não é?

J: Sim.

E: Quando faltas à escola, alguma vez faltaste para ir trabalhar?

J: Não.

E: Consideras que o que aprendes na escola é importante para o teu futuro profissional? Para o teu futuro profissional?

J: Sim.

E: Em que medida?

J: Medida?

E: Em que medida. Como é que vai ser importante? Vai dar-te ferramentas para trabalhar? Obter um diploma dá-te logo acesso.

J: Sim. Dá acesso para ter mais formas de ir trabalhar para fora e isso.

E: Como é que tu imaginas o teu futuro?

J: Agora, imagino-o mal.

E: Mal? Porquê?

J: Por causa das faltas. E sem estudos não dá para trabalhar.

E: O que é que te levou a começar a faltar às aulas?

J: Não gostava das aulas.

E: Só isso? É a única razão?

J: Sim.

E: Esta decisão foi apenas tua ou consideras que houve alguém que te influenciava?

J: Foi minha, mas também de um colega meu.

E: Que faltava contigo?

J: Às vezes, sim.

E: E vocês o tempo que faltavam, passavam esse tempo juntos?

J: Sim.

E: Na escola existe algum professor com quem tenhas uma relação mais próxima?

J: Sim.

E: Com quem gostes mais de conversar?

J: O meu Diretor de Turma e o professor de Formação Técnica.

E: Formação Técnica?

J: Sim, é computadores.

E: Algum professor, para além do teu Diretor de Turma que foi dele que falaste, tentou falar contigo sobre o teu número excessivo de faltas?

J: Não.

E: No teu grupo de colegas e amigos, assim aqueles com quem te dás mais, há mais alunos a faltar?

J: Há.

E: Para além deste colegas que falaste?

J: Há. Esse colega que eu falei já foi fazer serviços comunitários.

E: É importante para ti o que os teus colegas pensam sobre ti?

J: Sim.

E: E sobre o teu desempenho académico?

J: Não.

E: Pronto. Eu não tenho mais questões para te fazer. Se quiseres acrescentar alguma coisa, comentar alguma questão.

J: Não.

E: Ok. Obrigada!

### **Cuidador (Madrasta)**

#### **Duração da entrevista: m9s18**

Entrevistador (E): A primeira questão que tenho para lhe fazer é se está interessada em participar no estudo?

Cuidador (C): Sim.

E: Considera este estudo interessante e importante?

C: Acho que sim, que é importante.

E: Considera que pode ser importante também para a situação dele, nós tentarmos perceber as motivações que o levam a faltar?

C: Sim.

E: O que é para si a escola? Ir à escola?

C: É importante para eles, para. Pronto, para terem um futuro melhor e terem uma aprendizagem que os possa motivar para um dia mais tarde conseguirem ter uma boa profissão e tudo isso.

E: Considera importante que ele frequente a escola?

C: Considero.

E: Qual é a importância, quando pensa no futuro dele, que atribui à escola?

C: A importância, é assim, é bastante importante. Porque se ele não tiver bases suficientes para que consiga ter uma profissão futura. Sem bases ele não vai conseguir praticamente nada, não é? Já com bases é complicado, sem bases então acho que é ainda pior.

E: Agora sobre a sua experiência na escola. Estudou?

C: Estudei.

E: Até que nível de ensino?

C: Estudei até ao ensino básico. Completei o 9.º ano.

E: Porque é que na altura deixou de estudar?

C: Pois, na altura eu comecei-me a desligar um pouquinho da escola. E fui trabalhar. Na altura os meus pais também não tinham grandes possibilidades e estar a fazê-los gastar dinheiro e não ter aproveitamento, optei por ir trabalhar e deixar a escola.

E: Ainda assim, qual foi a importância que a escola teve na sua vida?

C: Foi boa porque aprendi várias coisas. E neste momento apesar do 9.º ano agora já não valer grande coisa, mas sem ter o 9.º ano pelo menos mais complicado se tornava conseguir arranjar um trabalho.

E: Fez alguma coisa quando soube do número de faltas excessivo dele?

C: Sim. Nós já tentamos de tudo. Desde vir aqui à CPCJ pedir ajuda pedir ajuda diretamente à escola, com a psicóloga onde ele anda a ser seguido também. Prontos. Nós temos andado a tentar de tudo para que isso deixe de continuar a acontecer.

E: Já tinham falado consigo sobre o risco de ele ficar numa situação de abandono escolar?

C: Já houve essa hipótese.

E: Quem é que falou consigo e como?

C: A escola. O próprio Diretor da escola e o Diretor de Turma também. Tem-se lhe andado a dar oportunidades para ver se realmente ele consegue pelo menos concluir o curso que está a frequentar.

E: Como foram essas conversas? Foi convocada à escola? Foram reuniões?

C: Normalmente eu vou com frequência à escola. Quase todas as semanas eu vou à escola e. Uma delas, sim, foi convocação mesmo. Mas normalmente como eu vou com frequência, normalmente nunca chega a ser uma convocação direta, prontos.

E: Porque tem um contacto muito próximo?

C: Sim.

E: Ainda bem. Como é que avalia a intervenção da escola face à situação dele? Acha que fizeram o que era necessário? Que deviam ter tentado outras alternativas?

C: Sim. Para já, já tentaram algumas coisas agora nestas últimas reuniões foi exposta outra situação que estou à espera agora da reunião para saber qual foi a conclusão. Mas prontos, tem havido tentativas tanto da parte da escola como da nossa parte para que as coisas melhorem.

E: Ele abandonou a escola para trabalhar? Eu faço esta pergunta porque há jovens que deixam a escola para trabalhar.

C: Não. Ele ainda não abandonou, ele continua lá.

E: Sim. Mas quando faltava?

C: Não. Faltava só por faltar.

E: O que é que considera importante ele fazer sobretudo quando acabar o ensino obrigatório? Achava importante ele continuar a estudar? Trabalhar?

C: É assim, se ele realmente se empenhar no curso que quer, que penso que sim que pe uma mais-valia para ele se houver outras alternativas onde ele possa ir buscar mais bases acho que sim que é produtivo para ele continuar. Senão, tentar arranjar alguma coisa para fazer consoante as bases que tem também.

E: Se as faltas dele continuarem, e pelos visto já aconteceu, por uma falta de ligação à escola, de motivação, considera importante procurarem-se outros cursos, outras vias de ensino que tenham mais a ver com ele? Mais adequadas?

C: Sim. Eu só acho que ele já está no curso que queria. Acho que a partir daqui, ir mete-lo noutra.

E: Só depende dele, não é?

C: Pois. Está tudo um pouco nas mãos dele. Um pouco para não dizer tudo.

E: O que é que acha que o levou a começar a faltar às aulas?

C: É assim, nos temos de ser sinceros, ele não gosta muito da escola. Já para não dizer que não gosta mesmo. Pronto, ali como é uma escola onde ele pode entrar e sair com mais facilidade do que na outra onde estava.

E: Tem mais liberdade?

C: Sim. Acho que por aí e através, claro, de amigos novos. Não obrigam ninguém, não é? Mas prontos, através de colegas e assim. Acho que basta um dizer 'ah agora não vamos'.

E: Também alguma influência?

C: Sim. Acho que acaba também por influenciar um pouquinho.

E: Considera, enquanto cuidadora, ter tido alguma influência, alguma responsabilidade no ele ter começado a faltar às aulas?

C: Eu penso que não. Se fiz alguma coisa deve ter sido inconscientemente.

E: Não foi intencional, se houve alguma influência?

C: Não.

E: Depois. Na escola existe algum professor com quem tenha uma relação de maior proximidade? Para discutir estas questões? Para colocar dúvidas?

C: Sim, com o Diretor de Turma principalmente. Para ser sincera não conheço os outros. Mas com o Diretor de Turma como praticamente falo com ele quase todas as semanas.

E: Sabe se existe algum professor com quem ele tenha uma relação mais próxima?

C: Eu penso que é com o de tecnologias, ou assim. Eu não sei muito bem o nome da disciplina, mas com o de tecnologias penso que sim, que ele tem uma relação mais aberta, digamos assim.

E: Sabe se algum professor tentou falar com ele sobre o número excessivo de faltas que ele estava a ter?

C: O Diretor de Turma.

E: Sabe como é que decorreu essa conversa? Foi em contexto de sala de aula?

C: Não, foi na minha frente.

E: Foi numa dessas reuniões?

C: Foi. Depois disso vão falando com ele também, não é? Mas prontos, na minha frente isso já foi feito também.

E: Foi alertado, não é?

C: Sim.

E: No grupo de colegas e amigos mais próximos, sabe se há outros a faltar às aulas?

C: Eu penso que sim. Não sei se será sempre o mesmo grupo a faltar todos juntos, ou não. Mas sim há mais colegas que faltam.

E: É importante para si conhecer os colegas e amigos dele? Saber com quem se relaciona?

C: Sim, apesar de não conhecer muitos. Mas daquele que ele vai falando mais, minimamente.

E: Considera que estes influenciam o comportamento e o desempenho escolar dele?

C: Não digo todos, mas se calhar alguns podem ter alguma influência. Apesar de agente, prontos, de ele de momento não ter assim grande vontade de andar na escola, mas acaba por. Acho que há sempre influência de outras pessoas.

E: Eu não tenho mais nenhuma questão para fazer, como lhe disse é bastante rápido. Mas se quiser comentar alguma destas questões ou acrescentar alguma coisa esteja a vontade.

C: Não. A única coisa que eu acho é que realmente acho importante eles, uma vez que agora há a escolaridade obrigatória, não é? Não há aquela facilidade como havia no meu tempo de dizer 'oh eu agora vou deixar de estudar, vou trabalhar' pronto, eles são obrigados lá a estar. Acho que eles, quanto mais rápido eles terminarem e se mentalizarem que realmente eles são obrigados a estar ali e, prontos, se estiverem com um mínimo de atenção. Eu não digo, de vez em quando, não darem uma falta. Quem é que nunca deu uma falta, não é? Mas prontos, acho que se realmente se empenharem é muito compensador para eles futuramente, ara virem e ter uma vida melhor. Já falando na nossa experiência como pais, não é? Que a nossa, prontos, desistimos da escola cedo e agora pensamos que devíamos ter continuado, prontos. Não queremos para ele aquilo porque nós já passamos, digamos assim.

E: Claro. Então, obrigada!

## **Entrevista 8**

**Data: 05.04.2013**

### **Jovem**

**Sexo: Masculino**

**Idade: 14 anos**

**Duração da entrevista: 5m18s**

Entrevistador (E): Então a primeira pergunta é se estás interessado em participar no estudo?

Jovem (J): Sim.

E: Achas que o estudo é importante?

J: Acho.

E: O que é para ti ir à escola? O que é para ti a escola?

J: É uma forma de conviver com outras pessoas, de aprender mais para o nosso futuro.

E: Tu consideras que é importante tu esforçares-te na escola para teres sucesso escolar? Para teres bons resultados?

J: Sim.

E: Qual é o papel da escola quando pensas no teu futuro? Para que é que a escola te vai servir?

J: Para o meu futuro de emprego.

E: Para conseguires um bom trabalho, não é?

J: Sim.

E: Depois. Qual é que achas que é a opinião da tua mãe sobre a escola?

J: Acho que é ótima.

E: Achas que ela considera importante?

J: Sim.

E: Como é que a tua mãe lidou com o facto de tu começares a faltar às aulas?

J: Ao início lidou mal.

E: O que é que ela fez?

J: Deu-me, digamos, deu-me na cabeça.

E: Castigou-te? Alertou-te?

J: Sim.

E: Como é que ela vai reagindo às tuas notas? Quer sejam boas ou más?

J: Reage bem, de qualquer maneira.

E: Reage sempre bem, não é?

J: Sim.

E: Mas está sempre atenta aos teus resultados?

J: Sim.

E: O que é que fizeram na escola quando tu começaste a faltar?

J: Ligaram para a minha mãe, informaram aqui a

E: A comissão?

J: A comissão.

E: Já tinham falado contigo sobre o teu número de faltas ser muito grande? Lá na escola?

J: Não.

E: Tinham-te explicado e falado contigo sobre o que era o abandono escolar?

J: Não.

E: E sobre as consequências do abandono, também não?

J: Não.

E: Tu já pensaste no que gostavas de fazer quando deixares a escola? Isto é quando concluíres o ensino obrigatório em que podes escolher. Gostavas de trabalhar? De continuar a estudar?

J: Trabalhar.

E: Quando faltaste às aulas, alguma vez faltaste para trabalhar?

J: Não.

E: Consideras que o que tu estás a aprender hoje na escola é importante para ti enquanto profissional no futuro?

J: Sim.

E: O que é que te levou a faltar às aulas?

J: Mais os professores mas às vezes também as influências dos amigos.

E: Os professores porque não te davas bem com eles, porque não gostavas das aulas?

J: Sim.

E: A decisão de deixar a escola foi só tua? Houve essa influência dos teus amigos? Houve mais alguém?

J: Não, não.

E: Na escola existe algum professor com quem tu sejas mais próximo? Com quem gostes mais de falar quando tens dúvidas?

J: Sim.

E: Quem é?

J: É a Diretora de Turma.

E: Algum professor tentou falar contigo sobre o teu número de faltas? Já me disseste que na escola ninguém falou, mas algum professor, na aula, algum dia te alertou?

J: Às vezes.

E: A Diretora de Turma falou contigo?

J: Sim.

E: No teu grupo de colegas e amigos, aqueles com quem te das mais, há mais alunos que faltem às aulas?

J: Agora não.

E: E na altura quando tu faltavas? Faltavam contigo?

J: Sim.

E: Vocês quando faltavam passavam o tempo juntos? O tempo que não iam à escola?



J: No inicio sim. Mas depois já não.

E: É importante para ti o que os teus colegas e os teus amigos pensam sobre ti?

J: É.

E: Gostas que eles tenham uma boa opinião?

J: Gosto.

E: É importante para ti o que eles pensam sobre o teu desempenho escolar?

J: Não.

E: Pronto. Eu não tenho mais nenhuma questão. Se tu quiseres dizer mais alguma coisa, comentar sobre o abandono escolar.

J: Não.

E: Obrigada!

### **Cuidador (Mãe)**

**Duração da entrevista: 12m52s**

Entrevistador (E): A primeira questão que eu tenho para fazer é se está interessada em participar neste estudo?

Cuidador (C): Muito.

E: Se considera este estudo interessante e importante?

C: Sim, sim.

E: Considera este estudo valioso também para a intervenção com o seu filho?

C: Sim, claro.

E: A seguir. O que é para si a escola? Ir à escola?

C: Para mim, no meu pensar é bom. Eu sempre gostei de andar na escola, pronto. Como é que hei-de explicar com palavras? Gosto da escola, acho a escola interessante. E tive pena também de não ter tido dinheiro para tirar um curso superior. Porque tirei um curso mas foi profissional.

E: É importante para si que o seu frequente a escola?

C: Sim. Para mim é importante ele fazer o 12.º ano pelo menos, não é? Agora, obrigá-lo a ir para a faculdade acho que cada um. Isso é um passo importante na vida, ele é que sabe se terá que ir ou não.

E: É uma decisão dele?

C: É uma decisão dele. Isso é para a vida dele, ele é que sabe se quer ir ou não.

E: Depois. Qual é a importância da escola quando pensa no futuro do seu filho?

C: É boa, claro.

E: Porque é que acha que é importante?

C: Ajuda. Então para a criança estar mais educada, para saber os perigos da vida e, pronto, para se tornar numa pessoa adulta boa. Bem-educada, bem comunicativa.

E: Depois, sobre a sua experiência na escola. Já me disse que estudou, não foi?

C: Sim.

E: Até que nível de ensino?

C: 12.º ano. Depois tirei um curso profissional.

E: Na altura porque é que deixou a escola? Já me disse que foi por dificuldades económicas também.

C: Sim. Não havia dinheiro. Nós éramos três irmãos, está bem que eles também deixaram de estudar, não é? Sabia que ia dar uma

E: Que ia ser difícil?

C: que ia ser difícil, não é? Os cursos são muito caros, que eu sei. Qualquer um deles.

E: Ainda assim, qual é que foi a importância que a escola teve na sua vida?

C: Para mim, acho que foi bom. Foi bom, foi bom em tudo. Ajudou-me a tornar mulher, porque também conheci os perigos que via nas outras pessoas, nas outras crianças. E conheci situações de famílias. Não sei se você está a entender-me?

E: Estou, estou.

C: Porque eu não sei explicar muito bem as palavras.

E: Mas eu consigo perceber. Ajudou-a a crescer, não foi?

C: Claro que sim. Da educação, saber escrever, a ler.

E: Foi formação e educação?

C: Foi.

E: Depois. Fez alguma coisa quando soube que o seu filho estava a ter muitas faltas na escola?

C: Fiquei triste com ele, claro. Ralhei com ele, disse que não podia ser. Mas ele disse-me que não gostava de, pronto. Ele gosta de andar na escola, só não gostava era dos professores. Pronto, era dos professores que não entendiam os alunos, eles fazem uma situação e os professores fazem logo um bicho-de-sete-cabeças. Pronto, e eu depois tentei, e falei com ele, disse 'filho tens que ter mais calma, tens que gostar'. E também lhe expliquei 'olha a mãe às vezes também não gosto do meu patrão, ou também não gosto da minha patroa, mas olha'

E: Tem que tolerar, não é?

C: Tenho que engolir um sapo, porque eu tenho que trabalhar. E pronto, ele depois entendeu e portou-se melhor. E agora esta a portar-se bem.

E: Ainda bem. Já tinham falado consigo sobre o risco de ele vir a ficar numa situação de abandono escolar?

C: Sim. A X (coordenadora do processo na CPCJ) disse, mas não vai acontecer.

E: Mas só aqui na CPCJ ou na escola?

C: Não. Na escola não, só aqui. Sim, mas, isso não vai acontecer.

E: Como é que avalia a intervenção da escola quanto ao seu filho? Acha que eles deviam ter feito mais? Que fizeram o que é necessário? Que estão a mostrar-se disponíveis para o ajudar?

C: O ano passado, como eu já lhe tinha dito há bocado, o Diretor de Turma não foi o mais educado, isso eu garanto já. Porque implicou, porque eu acho que, como é que hei-de dizer? Na turma há sempre uma batata podre, há sempre alguém que é excluído. Há sempre dois ou três que ficam sempre a batata podre, e o Diretor de Turma implicou, mas desde o princípio, implicou sempre muito com ele. Por isso é que ele veio para aqui (CPCJ), provavelmente nem tinha vindo para aqui, nem era necessário porque ele em casa porta-se bem, porta-se bem em todo o lado. É um menino saudável com muito amor e carinho, não lhe falta nada graças a Deus. Por isso, como eu lhe disse a X (coordenadora do processo na CPCJ) até chegou à conclusão que ele nem havia de estar aqui, mas pronto. Mas isso já passou, ele já vai sair daqui, mas pronto. Mas agora este ano a Diretora de Turma é impecável, está a perceber?

E: Tem ajudado?

C: Tem-me ajudado a mim e tem ajudado a ele. Ela disse que ele não tem nada que estar aqui, que nem há razão para isso. Claro que há muitos meninos piores que eles que nem estão aqui. Mas pronto.

E: Ele alguma vez faltou à escola para ir trabalhar? E eu pergunto isto porque há jovens que faltam para ir.

C: Não, não.

E: Considera. O que considera importante, já disse que gostava que ele terminasse o 12.º ano e depois segundo as expectativas dele que fosse trabalhar.

C: Eu não o vou obrigar, não é? O que eu quero é que ele faça. Ele quer o curso profissional de informática. E pronto, eu vou-lhe fazer a vontade.

E: Mas o importante é que ele continue a estudar, não é?

C: Sim. Claro tem que.

E: Seja porque via for?

C: Sim. Tirar um cursito profissional. Ele gosta tanto, ele adora computadores.

E: Nesse sentido acha que também para o motivar e para ele se sentir mais ligado ao trabalho que está a fazer será, por exemplo, importante mudar para um curso que tenha mais a ver com as expectativas dele?

C: Pois. Eu já falei com a Diretora de Turma que é melhor pô-lo no CEF que é o curso que, pronto, é lá que é este curso que ele quer.

E: Informática, não é?

C: Ele gosta de tecnologias e assim dessas coisas. Telemóveis, ele adora.

E: Depois. O que é que acha que o levou a faltar às aulas?

C: Foi não gostar dos professores.

E: Foi só isso?

C: Foi, foi. Ele não gostava da maneira das aulas, dos professores chegarem e a maneira de falar. Eu acho que um professor tem que saber que os alunos não são todos iguais. Cada aluno tem que ser tratado de maneira diferente porque uns ficam mais sentidos se derem um ralhete, outros ficam menos sentidos. E o X (jovem) é sentido e, é assim, ele é muito querido mas se lhe fazem alguma coisa ele também sabe ser mau.

E: Considera que teve alguma influência ou responsabilidade no ele começar a faltar às aulas?

C: O quê, de mim? Não.

E: Na escola existe algum professor com quem a Senhora enquanto mãe e encarregada de educação tenha uma relação mais próxima? Com quem goste mais de falar?

C: A Diretora de Turma.

E: E o seu filho, sabe se existe algum professor de quem ele seja mais próximo? Com quem ele se sinta mais a vontade?

C: Também é com a Direto de Turma. Também gosta muito do Diretor da Escola. eu uma vez fui lá buscar o telemóvel, porque lhe tiraram o telemóvel e ele 'é o meu pequeno, o meu tempo'.

E: Sabe se algum professor na escola tentou falar com o seu filho sobre as faltas dele? Quando ele estava a faltar?

C: O professor do ano passado, o DT, falou. Sim falou, mas pronto.

E: Sabe como foi essa conversa?

C: Não, não. Mas, como é que hei-de dizer? Depois soube como é que foi a conversa comigo, que depois fui lá. Mas como é que eu hei-de dizer? É a tal coisa, às vezes as pessoas não vão com a cara das pessoas. Percebe? Às vezes parece que vá, não é racismo, é.

E: Alguma intolerância, não é?

C: Pois. Acho que os professores devem ter mais calma e estudar primeiro o aluno.

E: Saber como falar com ele?

C: Exato. E vir para aqui (CPCJ) acho que devem primeiro falar, tentar hipótese a eles. Não é, vai já e pumba acabou. Acho, pronto, que devem ter paciência tal como uma mãe tem com um filho. Saber falar, saber o que os filhos sentem.

E: O que eles precisam, não é?

C: O que eles precisam. Ainda ontem falamos (mãe e filho? E 'oh filho achas que, pronto, a mãe não fala mais' nisto ou aquilo.

E: Tentar perceber?

C: Não. Ter um afeto mais importante.

E: No grupo de colegas e amigos, aqueles que são mais próximos do seu filho, sabe se há mais jovens a faltar à escola?

C: O ano passado havia, pronto. Mas este ano não. Ele este ano anda afastado desses amigos, afastou-se.

E: É importante para si conhecer os colegas e os amigos do seu filho? Com quem ele se relaciona?

C: Claro. E conheço muitos, falo com eles.

E: Considera que estes colegas e amigos influenciam o comportamento e o desempenho dele na escola?

C: É assim, não. Eu acho que isso deve lhe dar é na cabeça tipo, hoje não vamos à aula só porque não vamos, não sei explicar, sabe. Não tenho palavras para explicar. Acho que, como no ano passado ele faltava muito, ele dizia 'não gosto dos professores', mas havia outros meninos que também não iam. Ou seja, se calhar não gostavam ou meteram aqueles macaquinhos na cabeça que não gostavam, não sei. Está a perceber? Não tenho expressões para lhe explicar.

E: Mas eu consigo perceber. É assim, eu aqui não tenho nenhuma questão mais para lhe fazer. No entanto se quiser comentar alguma questão a acrescentar alguma coisa.

C: Sim, olhe. É assim. Acho que vocês pronto, como vocês estão aqui a falar com os pais e com as mães pronto. Vocês devem reparar mais se há mesmo o carinho da mãe para o filho, porque isso notasse. É assim, como psicólogas e como protetoras das crianças vocês devem, isso acho que é muito importante. Porque eu acho que se uma mãe não tem amor pelo filho, carinho, não dá a atenção necessária que eu acho que eles têm direito, percebe?

E: É fundamental?

C: Assim precisa mesmo de vir para aqui para ter mesmo um foco de carinho ou ter as tais famílias de acolhimento. Eu acho que sim, acho que ele é um bom filho e tudo, porque eu dou todos os mimos, o carinho todos.

E: Tem o apoio da mãe, não é?

C: Ele é um mimadito. E só não lhe dou tudo mesmo o que ele quer porque não sou rica, senão andava aí com um carro e com uma mota, tudo. Vou dando conforme posso.

E: Obrigada!

**Entrevista 9**

**Data: 14.05.2013**

**Jovem**

**Sexo: Masculino**

**Idade: 16 anos**

**Duração da entrevista: 6m10s**

Entrevistador (E): A primeira pergunta é se estás interessado em participar neste estudo?

Jovem (J): Sim.

E: Consideras que o estudo é importante?

J: Sim, penso que sim.

E: Depois o que é que é para ti a escola? Ir à escola?

J: A escola é onde se pode aprender, conviver, socializar. Basicamente para mim.

E: Consideras o esforço e o teu trabalho importante para teres sucesso na escola?

J: Sim.

E: Quando pensas no teu futuro qual é o papel que atribuis à escola? A importância?

J: Penso que seja importante.

E: E sabes dizer porquê?

J: Porque é aí que aprendemos a viver com os outros. E aprendemos as coisas básicas que são uteis no dia-a-dia.

E: Qual é a opinião dos teus pais sobre a escola?

J: Que é importante. E para não falhar a obrigatoriedade escolar.

E: Como é que lidaram os teus pais com o facto de teres começado a faltar?

J: Lidaram no normal, digamos assim. Eu só faltava na parte da manhã e não era bem faltar. Eu chegava atrasado cinco/dez minutos mas marcavam-me falta.

E: Repreenderam-te os teus pais? Chamaram-te à atenção? Para teres mais cuidado?

J: Sim.

E: E aos teus resultados escolares como é que eles vão reagindo? Quer sejam bons, quer sejam maus? Eles costumam estar atentos?

J: Costumam estar atentos e são sempre positivos.

E: Eles ficam contentes?

J: Sim.

E: O que é que a escola fez quando começaste a faltar?

J: A minha Diretora de Turma foi-me avisando e alertou-me que podia vir aqui parar.

E: Já tinham falado contigo sobre o abandono escolar?

J: Onde? Aqui ou na escola?

E: Na escola.

J: Não. Penso que nunca me tinham falado disso.

E: Portanto também nunca te tinham falado sobre as consequências do abandono escolar. Só falaram quando começaste a faltar?

J: Sim.

E: Já pensaste no que pretendes fazer quando deixares a escola?

J: Continuar a estudar. Ensino superior.

E: Pretendes seguir para o ensino superior?

J: Sim.

E: Alguma vez faltaste para ir trabalhar?

J: Não.

E: Consideras que o que aprendes na escola é importante para o teu futuro profissional?

J: Sim.

E: Quando imaginas o teu futuro, como é que tu te vês? Por exemplo daqui a dez anos?

J: Em relação ao trabalho?

E: Em relação a tudo. Se te vês bem-sucedido? Ainda a estudar? A trabalhar?

J: Acho que me vejo bem-sucedido. Com um emprego. E depois começar a procurar constituir família.

E: O que é que te levou a faltar às aulas? Portanto, foram só esses atrasos?

J: Sim, só os atrasos. Era sempre na parte da manhã. Nunca faltei para ir ao café nem nada dessas coisas.

E: Porque é que te atrasavas?

J: Porque moro um bocadito afastado da escola e vou a pé, pronto. E às vezes, uma pessoa de manhã ainda vai meio a dormir e custa acelerar o passo.

E: Demoravas um bocadinho?

J: Sim.

E: Portanto, não houve uma decisão de faltar a aulas?

J: Não.

E: Nunca pensaste...

J: Hoje fico aqui e não vou. Não, nada disso.

E: Na escola existe algum professor com quem tenhas maior proximidade? Com quem gostes mais de falar e colocar questões? Mesmo sobre esta questão de estares na CPCJ?

J: Com a Diretora de Turma.

E: É a mais próxima?

J: Sim, é o papel dela.

E: Algum outro professor para além da Diretora de Turma te foi alertando para o teu número de faltas?

J: Sim, uma professora da área de integração. Que se chama X.

E: Como é que eram essas conversas? Falavam contigo nas aulas?

J: Sim, mesmo.

E: Na aula?

J: Sim. Com os sumários, reparava. Tens que ter cuidado e não sei quê.

E: No teu grupo de colegas e amigos, aqueles mais próximos com quem te dás mais, há mais colegas que falem às aulas? Que tenham faltas?

J: De vez em quando acontece o mesmo que eu, faltas de atraso. Mas nada.

E: É importante para ti o que os teus colegas e amigos pensam sobre ti?

J: Mais ou menos. Atribuo metade/metade se calhar.

E: E sobre o teu desempenho na escola? Gostas que te vejam como um bom aluno? Um aluno com capacidades?

J: Sim. Pode dizer-se que sim. Mas gosto que me vejam como sou.

E: Pronto. Como eu disse, é muito rápido. Não tenho mais questões. Se quiseres comentar alguma questão, alguma coisa. Não?

J: Se calhar. Eu acho que, se calhar, deviam-se preocupar um pouco mais com certas crianças que têm problemas bem maiores, como maus-tratos em casa e certas situações assim. Não tanto preocupar com casos como eu.

E: Consideras que

J: Deviam fazer um trabalho mais profundo nas outras crianças.

E: E que o abandono escolar não é das coisas mais. Não é propriamente uma situação de perigo?

J: Penso que não seja assim tanto perigo. Há coisas bem piores e eu vejo, até na escola, eu consigo perceber certas situações. E é essas que vocês deviam tratar. E penso que seja mais ou menos isso.

E: Obrigada!

**Cuidador (Mãe)**

**Duração da entrevista: 8m57s**

Entrevistador (E): A primeira pergunta é se considera este estudo importante? Tentamos perceber o que é que leva os jovens a faltar às aulas?

Cuidador (C): Sim, acho importante.

E: Por isso está interessada em participar?

C: Claro que sim.

E: Considera que poderá ser valioso também para a intervenção com o seu filho?

C: Sim.

E: Depois, o que é para si a escola? Ir à escola?

C: Antes de mais é um meio de ensino. E depois também um comunicação, uma ao comunicação dos alunos com os docentes. Que é onde eles passam mais tempo.

E: Considera importante que o seu filho frequente a escola?

C: Sim, bastante.

E: Qual, quando pensa no futuro dos seu filho, qual é a importância da escola?

C: É bastante importante, pronto. Tem que ser mesmo.

E: É indispensável?

C: Exatamente.

E: Depois. Fale-me sobre a sua experiência na escola. Estudou?

C: Estudei.

E: Até que nível de ensino?

C: Tirei o curso de secretariado.

E: Qual foi a importância da escola na sua vida?

C: Foi bastante. Para o meu futuro, para a profissão que eu queria ter.

E: Que está de acordo com a sua formação?

C: Sim.

E: Fez alguma coisa quando soube que o seu filho tinha um número excessivo de faltas?

C: Antes de ele atingir o número de faltas já eu ia falando com ele. Sempre tive conhecimento, sempre estive a par da situação.

E: Na escola tinham falado consigo sobre o risco de ele ficar numa situação de absentismo ou de abandono?

C: Sim. A Diretora de Turma, que se ele excedesse uma certa percentagem de faltas seria comunicado então à...

E: À comissão?

C: À CPCJ, exato.

E: E como é que a DT fez? Convocou-a lá escola? Falou consigo ao telefone?

C: Não, foi pessoalmente.

E: Como avalia a intervenção da escola. Acha que eles fizeram o que lhes competia? Que deviam ter agido mais cedo? Deviam ter tentado outras alternativas?

C: Eu acho que é assim, em certos casos eles fazem bem. Noutras podia passar por outras alternativas. É assim, eu não estou a pedir para o meu filho, para a situação do meu filho. Para nós são sempre os melhores, não é?

E: Claro.

C: Mas é assim o X nesta situação, pronto, ele começou a dar faltas no primeiro período, aos primeiros tempos. Porque se atrasa para se arranjar, pronto, isto e aquilo. Porque de resto não falta, não tem mau comportamento, é uma pessoa simpática, conversador. Tem os módulos todos feitos, com uma situação desta. Porque depois é assim, estão todos englobados no mesmo: o mau e o assim-assim. Acho que havia de haver medida, diversas medidas, pronto.

E: Adaptadas a cada aluno?

C: Adaptadas, exato.

E: E às características de cada aluno?

C: Exatamente, sim.

E: Tendo em conta que alguns jovens p fazem. Alguma vez o seu filho faltou às aulas para ir trabalhar?

C: Não.

E: Considera importante ou possível ele fazer...Considera mais importante ele trabalhar ou estudar?

C: Estudar. Acima de tudo estudar, sempre.

E: Considera que, se por exemplo ele estiver desinteressado ou se se sentir pouco motivado, mudar de curso ou de escola será uma boa opção? No caso dele?

C: Pronto, é assim, ele está no curso que quer. Portanto é aquilo que ele quer, é aquilo que ele quer seguir. Relativamente à desmotivação, ele já sentiu bastante e eu já estava bastante preocupada porque nós aqui em Castelo Branco não temos outra escola que tenha aquele curso em que ele está. Estava bastante preocupada porque não o queria mandar para fora. Mas aqui a motivação também tem que vir da escola, não é? Dos professores.

E: Que também têm que motivar os alunos?

C: Exatamente, sim. Pronto não é deitar o aluno a baixo só por estarem num curso profissional por exemplo. Tratar esse aluno um bocadinho...

E: De forma diferente?

C: De forma diferente, sim.

E: O que é que levou o seu filho a começar a faltar às aulas?

C: Foi isso mesmo que disse.

E: Os atrasos?

C: As faltas foram sempre ao primeiro tempo. E porque ele se atrasava.

E: Considera ter tido alguma influência ou responsabilidade no facto de ele começara a chegar atrasado?

C: Sim, talvez. Eu tomo alguma medicação, porque tenho uns problemas de saúde e sou um bocado dependente dos mesmos, pronto. E às vezes eu também podia...

E: Atrasava a manhã?

C: Podia incentiva-lo mais a ir. Agente às vezes mandava um gritinho ou assim.

E: Mas não podia estar tão presente, não era?

C: Porque ele sempre foi uma pessoa responsável também. Nunca tivemos qualquer problema. Mas como ele também andava desmotivado, pronto. Não sei.

E: Na escola, existe algum professor com quem, enquanto encarregada de educação, enquanto mãe, tem uma relação mais próxima? Com quem costume falar mais?

C: Sim, gosto muito de falar com a Diretora de Turma. A Professora X.

E: Sabe se o seu filho tem esse tipo de relação com algum professor? Também mais próximo? Com quem ele goste mais de desabafar de colocar questões?

C: Pois, daquilo que eu sei ou que eu tenha conhecimento, acho que se dá. E porque eu pertença à representação.

E: É representante dos pais?

C: Sim. E fui à reunião e por aquilo que eu percebi o miúdo até é bastante comunicativo com todos.

E: Sabe se algum Professor tentou falar com o seu filho sobre este número excessivo de faltas?

C: Sim, foi a Diretora de Turma.



E: Sabe como foi essa conversa? Se ela falou com ele na aula, se o chamou a uma sala?

C: Foi numa sala.

E: No grupo de colegas e amigos do seu filho, assim aqueles mais próximos com quem ele se dá mais, existem mais alunos a faltar às aulas?

C: Tenho conhecimento. Como representante sei, sei que há alunos que. E alguns até já foram excluídos e não sei quê.

E: É importante para si conhecer os colegas e amigos do seu filho?

C: Sim, bastante.

E: Considera que estes influenciam o comportamento escolar, o desempenho dele?

C: Influenciam sempre, acabam por influenciar mesmo.

E: É assim, eu não tenho mais nenhuma questão. Como lhe disse é bastante rápido. Se quiser acrescentar alguma coisa ou comentar alguma questão.

C: Pronto, é isso que eu acho. Nas escolas, que eu acho que as escolas hoje em dia não têm tempo ou não sei como é que fazem. Mas deviam dar mais motivação aos miúdos. Pronto o meu filho, houve um divórcio, andou desmotivado também com os nossos problemas, com problemas que ele possa ter. Depois chega a uma escola onde tanto os professores e assim, não há ali um leque em que recebam os miúdos, que deviam, pronto. Acho que a escola é onde eles estão a maior parte do tempo. Eles entram às 8.30h saem às 18.20h, têm pausa para almoço, mas saem às 18.20h. Portanto é onde eles estão a maior parte do tempo, deviam ter uma outra atenção. Não é só ligar à parte do estudo, é haver um pouco de tudo. Hoje em dia os jovens...

E: É importante mais acompanhamento, não é?

C: Exato.

E: Obrigada.



## **Apêndice 6**

### **Consentimento Informado**



## Consentimento Informado

No âmbito do Mestrado em Intervenção Social Escolar da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco estou a realizar um Trabalho de Projecto em colaboração com a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Castelo Branco (CPCJCB) intitulado *Estudo das Motivações para o Abandono Escolar de Crianças/Jovens com Processos de Promoção e Protecção na Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Castelo Branco*.

O Trabalho de Projecto tem como objectivo geral, conhecer as razões que levam os alunos do ensino obrigatório sinalizados na CPCJCB a abandonar a escola.

Neste sentido, solicitamos o seu consentimento para a realização de uma entrevista semi-estruturada com a criança ou jovem e uma entrevista semi-estruturada com um dos pais ou representante legal, a serem integradas na investigação. A participação é voluntária e anónima e poderá desistir das entrevistas a qualquer momento. Todas as respostas serão confidenciais e todo o material gravado para fins de transcrição será destruído no final da investigação.

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que participo de forma voluntária e consciente na investigação *Estudo das Motivações para o Abandono Escolar de Crianças/Jovens com Processos de Promoção e Protecção na Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Castelo Branco*, assim como, autorizo a participação do(a) meu/minha filho/filha menor \_\_\_\_\_ permitindo a realização de duas entrevistas semi-estruturadas e a sua gravação audio.

Obrigada pela sua participação!

Orientadora: Professora Doutora Maria João G. Moreira

Co-orientadora: Dr.<sup>a</sup> Clotilde Agostinho

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

A aluna: \_\_\_\_\_

(Ana Raquel Mateus Lourenço)

## **Apêndice 7**

### **Tabela para Caraterização da Amostra**

<b>ENTREVISTA N.º 1</b>			
Data da Entrevista	13.02.2013		
Duração da Entrevista	Criança/Jovem	11m41s	
	Cuidador	13m39s	
<b>CRIANÇA/JOVEM</b>			
Género	Masculino		
	Feminino	X	
Idade	15 anos		
<b>CUIDADOR</b>			
Pai		Escolaridade	
Mãe	X	Escolaridade	6.º ano
Outro, qual?		Escolaridade	
<b>CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR</b>			
Família nuclear com filhos		X	
Família monoparental com filhos			
Outra, qual?			
Número de irmãos		4	
Número de irmãos a frequentar a escolaridade obrigatória		3	
<b>CARACTERIZAÇÃO PROCESSUAL</b>			
Fase do Processo		Em Avaliação Diagnóstica	
Data da Sinalização		19.12.2012	
Entidade Sinalizante		Estabelecimento de Ensino	
Sinalizado por	Abandono Escolar		
	Absentismo Grave		X
	Outro, qual?		
Medida Aplicada		Sem Medida	
<b>ESTABELECIMENTO DE ENSINO</b>			
Nome da Instituição		Agrupamento de Escolas António Sena Faria de Vasconcelos	
Ensino	Público		X
	Privado		
	Regular		X
	Outro, qual?		
Ano de Frequência		8.º ano	
Área ou Curso de Frequência		Regular	
Tem Apoios Educativos	Sim		
	Não		X
Integrado em Plano de Recuperação das Aprendizagens	Sim		
	Não		X
Encarregado de Educação	Pai		
	Mãe		X
	Outro, qual?		

<b>ENTREVISTA N.º 2</b>			
Data da Entrevista	18.02.2013		
Duração da Entrevista	Criança/Jovem	7m1s	
	Cuidador	10m10s	
<b>CRIANÇA/JOVEM</b>			
Género	Masculino	X	
	Feminino		
Idade	16 anos		
<b>CUIDADOR</b>			
Pai		Escolaridade	
Mãe	X	Escolaridade	6.º ano
Outro, qual?		Escolaridade	
<b>CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR</b>			
Família nuclear com filhos			
Família monoparental com filhos		X	
Outra, qual?			
Número de irmãos		0	
Número de irmãos a frequentar a escolaridade obrigatória		0	
<b>CARACTERIZAÇÃO PROCESSUAL</b>			
Fase do Processo		Em Avaliação Diagnóstica	
Data da Sinalização		10.12.2012	
Entidade Sinalizante		Estabelecimento de Ensino	
Sinalizado por	Abandono Escolar		
	Absentismo Grave		X
	Outro, qual?		
Medida Aplicada		Sem Medida	
<b>ESTABELECIMENTO DE ENSINO</b>			
Nome da Instituição		Escola Secundária Amato Lusitano	
Ensino	Público		X
	Privado		
	Regular		
	Outro, qual?		CEF tipo II
Ano de Frequência		2.º ano do CEF	
Área ou Curso de Frequência		Instalação e Reparação de Computadores	
Tem Apoios Educativos	Sim		
	Não		X
Integrado em Plano de Recuperação das Aprendizagens	Sim		X
	Não		
Encarregado de Educação	Pai		
	Mãe		X
	Outro, qual?		

ENTREVISTA N.º 3			
Data da Entrevista	20.02.2013		
Duração da Entrevista	Criança/Jovem	9m44s	
	Cuidador	8m41s	
CRIANÇA/JOVEM			
Género	Masculino		
	Feminino	X	
Idade	14 anos		
CUIDADOR			
Pai		Escolaridade	
Mãe	X	Escolaridade	4.º classe
Outro, qual?		Escolaridade	
CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR			
Família nuclear com filhos			
Família monoparental com filhos		X	
Outra, qual?			
Número de irmãos		3	
Número de irmãos a frequentar a escolaridade obrigatória		0	
CARACTERIZAÇÃO PROCESSUAL			
Fase do Processo		Em Deliberação e Contratualização	
Data da Sinalização		29.05.2012	
Entidade Sinalizante		Estabelecimento de Ensino	
Sinalizado por	Abandono Escolar		
	Absentismo Grave		X
	Outro, qual?		
Medida Aplicada		Apoio junto dos pais <i>in casu</i> da mãe	
ESTABELECIMENTO DE ENSINO			
Nome da Instituição		Escola Secundária Amato Lusitano	
Ensino	Público		X
	Privado		
	Regular		X
	Outro, qual?		
Ano de Frequência		8.º ano	
Área ou Curso de Frequência		Regular	
Tem Apoios Educativos	Sim		
	Não		X
Integrado em Plano de Recuperação das Aprendizagens	Sim		X
	Não		
Encarregado de Educação	Pai		
	Mãe		X
	Outro, qual?		



<b>ENTREVISTA N.º 4</b>			
Data da Entrevista	13.03.2013		
Duração da Entrevista	Criança/Jovem	7m6s	
	Cuidador	10m36s	
<b>CRIANÇA/JOVEM</b>			
Género	Masculino		
	Feminino	X	
Idade	17 anos		
<b>CUIDADOR</b>			
Pai	X	Escolaridade	6.º ano
Mãe		Escolaridade	
Outro, qual?		Escolaridade	
<b>CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR</b>			
Família nuclear com filhos		X	
Família monoparental com filhos			
Outra, qual?			
Número de irmãos		3	
Número de irmãos a frequentar a escolaridade obrigatória		2	
<b>CARACTERIZAÇÃO PROCESSUAL</b>			
Fase do Processo		Em Avaliação Diagnóstica	
Data da Sinalização		04.12.2012	
Entidade Sinalizante		Estabelecimento de Ensino	
Sinalizado por	Abandono Escolar		
	Absentismo Grave		X
	Outro, qual?		
Medida Aplicada		Sem Media	
<b>ESTABELECIMENTO DE ENSINO</b>			
Nome da Instituição		Escola Secundária Amato Lusitano	
Ensino	Público		X
	Privado		
	Regular		X
	Outro, qual?		
Ano de Frequência		10.º	
Área ou Curso de Frequência		Artes Visuais	
Tem Apoios Educativos	Sim		
	Não		X
Integrado em Plano de Recuperação das Aprendizagens	Sim		
	Não		
Encarregado de Educação	Pai		X
	Mãe		
	Outro, qual?		

<b>ENTREVISTA N.º 5</b>			
Data da Entrevista	15.03.2013		
Duração da Entrevista	Criança/Jovem	7m6s	
	Cuidador	8m59s	
<b>CRIANÇA/JOVEM</b>			
Género	Masculino	X	
	Feminino		
Idade	17 anos		
<b>CUIDADOR</b>			
Pai		Escolaridade	
Mãe	X	Escolaridade	11.º ano
Outro, qual?		Escolaridade	
<b>CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR</b>			
Família nuclear com filhos		X	
Família monoparental com filhos			
Outra, qual?			
Número de irmãos		0	
Número de irmãos a frequentar a escolaridade obrigatória		0	
<b>CARACTERIZAÇÃO PROCESSUAL</b>			
Fase do Processo		Em Avaliação Diagnóstica	
Data da Sinalização		18.12.2012	
Entidade Sinalizante		Estabelecimento de Ensino	
Sinalizado por	Abandono Escolar		
	Absentismo Grave		X
	Outro, qual?		
Medida Aplicada		Sem Medida	
<b>ESTABELECIMENTO DE ENSINO</b>			
Nome da Instituição		INETESE	
Ensino	Público		
	Privado		X
	Regular		
	Outro, qual?		
Ano de Frequência		1.º ano do curso	
Área ou Curso de Frequência		Audiovisuais	
Tem Apoios Educativos	Sim		
	Não		X
Integrado em Plano de Recuperação das Aprendizagens	Sim		
	Não		X
Encarregado de Educação	Pai		
	Mãe		X
	Outro, qual?		

<b>ENTREVISTA N.º 6</b>			
Data da Entrevista	26.03.2013		
Duração da Entrevista	Criança/Jovem	7m25s	
	Cuidador	8m25s	
<b>CRIANÇA/JOVEM</b>			
Género	Masculino	X	
	Feminino		
Idade	16 anos		
<b>CUIDADOR</b>			
Pai		Escolaridade	
Mãe	X	Escolaridade	4.º ano
Outro, qual?		Escolaridade	
<b>CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR</b>			
Família nuclear com filhos		X	
Família monoparental com filhos			
Outra, qual?			
Número de irmãos		0	
Número de irmãos a frequentar a escolaridade obrigatória		0	
<b>CARACTERIZAÇÃO PROCESSUAL</b>			
Fase do Processo		Em Deliberação e Contratualização	
Data da Sinalização		26.06.2009	
Entidade Sinalizante		Hospital Amato Lusitano - S. Psicologia	
Sinalizado por	Abandono Escolar		X
	Absentismo Grave		
	Outro, qual?		
Medida Aplicada		Apoio junto dos pais <i>in casu</i> da mãe	
<b>ESTABELECIMENTO DE ENSINO</b>			
Nome da Instituição		Agrupamento de Escolas José Sanches, Alcains	
Ensino	Público		X
	Privado		
	Regular		X
	Outro, qual?		
Ano de Frequência		7.º ano	
Área ou Curso de Frequência		Regular	
Tem Apoios Educativos	Sim		X
	Não		
Integrado em Plano de Recuperação das Aprendizagens	Sim		
	Não		X
Encarregado de Educação	Pai		
	Mãe		X
	Outro, qual?		

<b>ENTREVISTA N.º 7</b>			
Data da Entrevista	03.04.2013		
Duração da Entrevista	Criança/Jovem	6m17s	
	Cuidador	9m18s	
<b>CRIANÇA/JOVEM</b>			
Género	Masculino	X	
	Feminino		
Idade	16 anos		
<b>CUIDADOR</b>			
Pai		Escolaridade	
Mãe		Escolaridade	
Outro, qual?	Madrasta	Escolaridade	3.º ciclo (9.º ano)
<b>CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR</b>			
Família nuclear com filhos		X	
Família monoparental com filhos			
Outra, qual?			
Número de irmãos		1	
Número de irmãos a frequentar a escolaridade obrigatória		0	
<b>CARACTERIZAÇÃO PROCESSUAL</b>			
Fase do Processo		Em Avaliação Diagnóstica	
Data da Sinalização		12.12.2012	
Entidade Sinalizante		Famíliares - Madrasta	
Sinalizado por	Abandono Escolar		
	Absentismo Grave		X
	Outro, qual?		
Medida Aplicada		Sem Medida	
<b>ESTABELECIMENTO DE ENSINO</b>			
Nome da Instituição		Escola Secundária Amato Lusitano	
Ensino	Público		X
	Privado		
	Regular		
	Outro, qual?		
Ano de Frequência		1.º ano do curso	
Área ou Curso de Frequência		Curso Profissional de Instalação e Reparação de Computadores	
Tem Apoios Educativos	Sim		
	Não		X
Integrado em Plano de Recuperação das Aprendizagens	Sim		X
	Não		
Encarregado de Educação	Pai		
	Mãe		
	Outro, qual?		Madrasta

<b>ENTREVISTA N.º 8</b>			
Data da Entrevista	05.04.2013		
Duração da Entrevista	Criança/Jovem	5m18s	
	Cuidador	12m52s	
<b>CRIANÇA/JOVEM</b>			
Género	Masculino	X	
	Feminino		
Idade	14 anos		
<b>CUIDADOR</b>			
Pai		Escolaridade	
Mãe	X	Escolaridade	Curso Profissional
Outro, qual?		Escolaridade	
<b>CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR</b>			
Família nuclear com filhos			
Família monoparental com filhos		X	
Outra, qual?			
Número de irmãos		0	
Número de irmãos a frequentar a escolaridade obrigatória		0	
<b>CARACTERIZAÇÃO PROCESSUAL</b>			
Fase do Processo		Em Deliberação e Contratualização	
Data da Sinalização		15.11.2011	
Entidade Sinalizante		Estabelecimento de Ensino	
Sinalizado por	Abandono Escolar		
	Absentismo Grave		X
	Outro, qual?		
Medida Aplicada		Apoio junto dos pais <i>in casu</i> da mãe	
<b>ESTABELECIMENTO DE ENSINO</b>			
Nome da Instituição		Escola Secundária Amato Lusitano	
Ensino	Público		X
	Privado		
	Regular		X
	Outro, qual?		
Ano de Frequência		7.º ano	
Área ou Curso de Frequência		Regular	
Tem Apoios Educativos	Sim		
	Não		X
Integrado em Plano de Recuperação das Aprendizagens	Sim		
	Não		X
Encarregado de Educação	Pai		
	Mãe		X
	Outro, qual?		

<b>ENTREVISTA N.º 9</b>			
Data da Entrevista	14.05.2013		
Duração da Entrevista	Criança/Jovem	6m10s	
	Cuidador	8m57s	
<b>CRIANÇA/JOVEM</b>			
Género	Masculino	X	
	Feminino		
Idade	16 anos		
<b>CUIDADOR</b>			
Pai		Escolaridade	
Mãe	X	Escolaridade	Licenciatura
Outro, qual?		Escolaridade	
<b>CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR</b>			
Família nuclear com filhos			
Família monoparental com filhos		X	
Outra, qual?			
Número de irmãos		1	
Número de irmãos a frequentar a escolaridade obrigatória		0	
<b>CARACTERIZAÇÃO PROCESSUAL</b>			
Fase do Processo		Em Deliberação e Contratualização	
Data da Sinalização		5.03.2013	
Entidade Sinalizante		Estabelecimento de Ensino	
Sinalizado por	Abandono Escolar		
	Absentismo Grave		X
	Outro, qual?		
Medida Aplicada		Apoio junto dos pais <i>in casu</i> da mãe	
<b>ESTABELECIMENTO DE ENSINO</b>			
Nome da Instituição		Escola Secundária Amato Lusitano	
Ensino	Público		X
	Privado		
	Regular		
	Outro, qual?		CFP
Ano de Frequência		11.º ano	
Área ou Curso de Frequência		Curso de Mecatrónica	
Tem Apoios Educativos	Sim		
	Não		X
Integrado em Plano de Recuperação das Aprendizagens	Sim		
	Não		X
Encarregado de Educação	Pai		
	Mãe		X
	Outro, qual?		